

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

**território, cultura e comunidade:
o Centro de Memória da Cultura
Negra Graça do Aché em Uberlândia**

Mariana Cortes Dutra

Uberlândia, 2024

território, cultura e comunidade: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché em Uberlândia

Mariana Cortes Dutra

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, no curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Projeto, espaço e cultura

Linha de Pesquisa: Cidade e Patrimônio: perspectivas e prospectivas

Projeto de Pesquisa: Arte, Arquitetura e Cidade

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Sampaio Ferraz

Coorientador: Prof. Dr. Adriano Tomitão Canas

Uberlândia, 2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

D978 2024	<p>Dutra, Mariana Cortes, 1997- território, cultura e comunidade: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché em Uberlândia [recurso eletrônico] / Mariana Cortes Dutra. - 2024.</p> <p>Orientadora: Tatiana Sampaio Ferraz. Coorientador: Adriano Tomitão Canas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.762 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Arquitetura. I. Ferraz, Tatiana Sampaio,1974-, (Orient.). II. Canas, Adriano Tomitão,1968-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 72</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

folha de aprovação

**TERRITÓRIO, CULTURA E COMUNIDADE:
O CENTRO DE MEMÓRIA DA CULTURA NEGRA
GRAÇA DO ACHÉ EM UBERLÂNDIA**

Mariana Cortes Dutra

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, no curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Projeto, espaço e cultura

Linha de Pesquisa: Cidade e Patrimônio: perspectivas e prospectivas

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Tatiana Sampaio Ferraz (Orientadora)

Prof. Dr. Adriano Tomitão Canas (Coorientador)

Prof^a. Dr^a. Claudelir Correa Clemente

Prof^a. Dr^a. Lilian do Amaral Nunes

Uberlândia, de novembro de 2024

Resultado:


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1I, Sala 234 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4433 - www.ppgau.faued.ufu.br - coord.ppgau@faued.ufu.br


ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Arquitetura e Urbanismo				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGAU				
Data:	cinco de novembro de 2024	Hora de início:	14h	Hora de encerramento:	16:30h
Matrícula do Discente:	12222ARQ009				
Nome do Discente:	Mariana Cortes Dutra				
Título do Trabalho:	Território, cultura e comunidade: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché em Uberlândia.				
Área de concentração:	Projeto, Espaço e Cultura				
Linha de pesquisa:	Cidade e Patrimônio: perspectivas e prospectivas				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Arte, arquitetura e cidade				

Reuniu-se de forma híbrida no espaço da galeria do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché com transmissão pela plataforma Mconf-RNP, em conformidade com a PORTARIA nº 36, de 19 de março de 2020 da COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, assim composta: Professores Doutores Lilian do Amaral Nunes, Claudelir Correa Clemente - INCIS/UFU, Adriano Tomitão Canas – PPGAU.FAUeD.UFU - Coordenador e Tatiana Sampaio Ferraz – PPGAU.IARTE.UFU – PPGAU.FAUeD.UFU orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Profa. Dra. Tatiana Sampaio Ferraz, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Tatiana Sampaio Ferraz, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/11/2024, às 10:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudelir Correa Clemente, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/11/2024, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Tomitão Canas, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/11/2024, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lilian do Amaral Nunes, Usuário Externo**, em 05/12/2024, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5848405** e o código CRC **23126150**.

agradecimentos

O mundo é isso. - revelou. - um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.
Eduardo Galeano.

A experiência deste mestrado foi atravessada por diversas pessoas-fogueiras que, com intensidades e com temperaturas diferentes, foram, às vezes sem saber, transformando esse percurso de pesquisa. A elas, devo muito. Foram chamas que me aqueceram, me acolheram, me enfrentaram, me desafiaram e, por vezes, me encantaram. Algumas não aparecem no corpo da pesquisa, mas foram essenciais para que essa trajetória fosse possível. Assim, faz-se necessário reconhecer suas contribuições.

Aos meus orientadores, Tatiana e Adriano, por me desafiarem no campo da arquitetura e confiarem que eu seria capaz de viver no entre. Obrigada pelas provocações, pelos ensinamentos e pelas trocas sempre tão valiosas.

Aos professores do PPGAU, que possibilitaram uma formação ímpar, pela dedicação, pelas trocas e pelas aulas instigantes.

Aos membros das bancas de qualificação e de defesa, Claudelir, Lilian e Lu, obrigada pelos questionamentos, pelas provocações e referências compartilhadas.

Ao professor Paulo Buenoz, por ter sido aquele que me fez sonhar em pesquisar e em ser para os meus alunos um pouco do que ele foi pra mim.

À minha mãe, Consuelo, e ao meu pai, Gilmar, por serem suporte incondicional as minhas aspirações e desejos e por serem exemplos de como a educação é, com todos os seus desafios, transformadora. Amo vocês mais que o infinito!

À minha família, em especial a tia Quênia, pelas incontáveis horas dedicadas em ler meu texto e conversar comigo sobre os caminhos da pesquisa, suas provocações

foram essenciais nesse percurso. A Mel, ao Dexter, ao George e ao Amendoim, companheiros de brincadeiras sem fim, um respiro em meio a tanto.

Aos meus colegas de turma, em especial à companheira que a pós-graduação me presenteou. Rayssa, obrigada pelos ensinamentos e por todas as conversas, choros e risadas compartilhadas. Quero dizer que sim, *caminhamos* até aqui, amiga!

À família de amigos que a vida me deu, obrigada Dudu, Sasa, Bigs, Laura, Vaine, Alex, Celo, Bárbara e Maaruede. Em especial, à Tayná e à Chicó.

À Tayná, *não só por ter o bebê mais fofinho do mundo*, mas pela escuta sempre atenta e sensível. Obrigada por ter dedicado um tempo para ler este trabalho e por sempre me acolher quando a vida aperta demais.

À Chicó, ou melhor, à minha *velha!* Obrigada por, mesmo com todos esses quilômetros que nos separam, ter dedicado tempo para me escutar e para ler o trabalho. Quando eu crescer, quero pesquisar igual a você, *velhinha!* Obrigada por ser sempre meu porto seguro.

Às malabaris e aos panas, companheiros/as de finais de semana!

À Andressa, por ser testemunha desse sonho.

Ao Lipe, por me garantir afeto incondicional e por confiar em mim, às vezes até mais que eu mesma. Obrigada por celebrar comigo cada passo dessa caminhada, sua companhia é, por si só, um presente.

Amo muito todos vocês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Por fim, este é um trabalho de muitas mãos.

Agradeço especialmente aos que me confiaram suas memórias e histórias. Esses encontros transformaram não só essa investigação, mas também a mim. Obrigada Antonia, Ivete, Felipe, Jeremias, Lu, Pedro, Susi, Wilson, Eliane e Ramon.

Aché!



*Há um tempo em que é preciso abandonar
as roupas usadas, que já tem a forma do
nosso corpo, e esquecer os nossos
caminhos, que nos levam sempre aos
mesmos lugares. É o tempo da travessia: e,
se não ousarmos fazê-la, teremos ficado,
para sempre, à margem de nós mesmos.
Fernando Teixeira de Andrade*

resumo

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo investigar a atuação do *Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché* em Uberlândia-MG e sua apropriação pela comunidade negra da cidade. Esse centro, também conhecido como *Graça do Aché* ou *Graça*, é um equipamento cultural da Universidade Federal de Uberlândia que tem como missão a promoção e a difusão da cultura, bem como dos costumes da comunidade afro-brasileira; o nome é uma homenagem a Maria da Graça de Oliveira, militante do movimento negro na cidade, que, em 1988, fundou o Bloco Aché, o bloco carnavalesco mais representativo da comunidade negra na cidade. Para compreender a atuação desse espaço e investigar sua apropriação pela comunidade, recorre-se, principalmente, às discussões da museologia social, abordadas por Mário Chagas, à noção de território para Milton Santos e à de cultura, para Chauí. O percurso metodológico consiste em um levantamento bibliográfico, um levantamento documental e entrevistas com pessoas vinculadas à gestão do Graça, que compõem o corpus da pesquisa. Nesta investigação, foi possível observar a presença de duas mulheres negras que, no cargo de coordenadoras do Graça, contribuíram para a aproximação da comunidade com o espaço, o que assinala a importância de se pensar coordenações representativas na gestão de equipamentos culturais.

Palavras-chave: Equipamento Cultural; Graça do Aché; Comunidade Negra; Território; Cultura; Resistência.

abstract

This master's thesis aims to investigate the role of the *Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché* in Uberlândia-MG and its appropriation by the city's black community. This center, also known as *Graça do Aché* or *Graça*, is a cultural facility of the Universidade Federal de Uberlândia and its mission is to promote and disseminate the culture and customs of the Afro-Brazilian community; the name is a tribute to Maria da Graça de Oliveira, an activist of the black movement in the city who founded Bloco Aché in 1988, one of the most representative carnival blocks of the black community in the city. In order to understand the work of this space and investigate its appropriation by the community, we have drawn mainly on the discussions of social museology, addressed by Mário Chagas, the notion of territory for Milton Santos and culture, for Chauí. The methodological approach consists of a bibliographical survey, a documentary survey and interviews with people linked to the management of Graça, which form the corpus of the research. In this investigation, it was possible to observe the presence of two black women who, as coordinators of Graça, contributed to bringing the community closer to Graça, which points to the importance of thinking about representative coordinators in the management of cultural facilities.

Keywords: Cultural Equipment; Graça do Aché; Black Community; Territory; Culture; Resistance.

sumário

09 introdução

15 território, cultura e resistência

15 Uberlândia e o espaço da cultura - breve contexto

22 o Carnaval e o Congado em Uberlândia

31 museologia social e os centros de memória

39 o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché

39 primeiros movimentos - a criação de um Centro de Informação e Referência da Cultura Negra em Uberlândia

42 projeto, localização e construção

52 Graça do Aché - um nome de resistência

55 trajetória, transformações e dinâmicas de gestão

73 o lugar do Graça

73 um legado - Maria da Graça e o Bloco Aché

75 gestão e representatividade

81 Graça do Aché em ação

94 considerações finais

97 referências

103 lista de figuras

introdução

A curiosidade em aproximar e buscar relações entre os campos da arte, da arquitetura e da cidade deu início a essa investigação. Minha vivência nas artes visuais começou na fotografia, mas, pouco a pouco, foi sendo provocada pelo campo tridimensional, parte disso devo aos orientadores desta pesquisa. O contato com a arquitetura operou como um convite a olhar para fora, reconhecer a cidade, suas ruas, praças, construções, edificações e, também, perceber que se constituíam em relação às pessoas. Foi por meio de disciplinas que fiz como ouvinte na pós-graduação em arquitetura, ainda em tempos impactados pela pandemia, que meu interesse por equipamentos culturais surgiu.

Esse interesse inaugurou um campo de pesquisa novo para mim, já que a concepção tradicional de museu, como instituição erudita e universal, significava um espaço que me parecia inalcançável, o que, de certa forma, afastou-me dessa área de pesquisa. Assim, parece pertinente retomar dois encontros que marcaram o percurso desta investigação. O primeiro diz respeito ao meu interesse por estudar espaços de cultura; enquanto o segundo, à escolha pelo objeto de estudo desta pesquisa: o *Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché*¹.

O primeiro encontro se deu quando, ainda como ouvinte, participei de uma aula em que foi exibido um documentário sobre o Museu da Maré². Fui tomada pela discussão que o colocava como um museu criado pela e para a comunidade, constituindo-se a partir das relações entre o museu, o território em que está inserido, a comunidade da Maré e suas culturas e memórias.

Tais relações entre sujeitos, cultura e território são de interesse do campo da museologia social, a qual surge como contraponto aos museus tradicionais, engessados e centralizados nos objetos. A museologia social concebe o patrimônio como ferramenta de transformação social, sendo o espaço de cultura um instrumento social de formação identitária que depende da comunidade e que atua na afirmação e legitimação dos sujeitos e suas culturas. Assim, perceber como o Museu da Maré foi apropriado e como esse equipamento cultural se tornou um espaço de resistência para a comunidade da Maré apontou uma possibilidade de aproximação entre a arte e a arquitetura, que levou ao interesse desta investigação.

¹ Inicialmente inaugurado como Centro de Informação e Referência da Cultura Negra de Uberlândia e região, é popularmente conhecido como Graça do Aché ou Graça, sendo esses os termos usados neste trabalho quando se refere a esse espaço. O centro de memória também já foi chamado de Casa de Cultura Graça do Aché.

² Ainda poderia mencionar o *Centro Cultural Que Ladeira é Essa*, em Salvador; e o *Espaço Cultural das Marias*, em Pernambuco.

O segundo encontro que marcou o percurso dessa pesquisa foi com Ivete Almeida, atual coordenadora do Graça do Aché. Ivete apresentou o Graça na disciplina *Conservação do patrimônio cultural - questões contemporâneas*, eletiva do PPGAU-UFU, que cursei durante a pós-graduação. O Graça do Aché é um equipamento cultural da UFU, inaugurado em 2002 que tem como objetivo promover ações que possam fortalecer a cultura negra em Uberlândia e região, além de "contribuir com o processo de conscientização da responsabilidade social, do respeito às diferenças étnico-raciais e na promoção da cultura e história afro-brasileira"³. O nome *Graça do Aché* é uma homenagem póstuma à Maria da Graça de Oliveira, mulher, negra, ativista social e referência para o movimento negro e para a luta contra o apagamento de identidades pretas e femininas na cidade de Uberlândia.

Nesse segundo encontro, a pesquisa estava em fase inicial e buscava-se um estudo de caso que permitisse uma aproximação a partir da museologia social, tal como se mostrara o Museu da Maré. Ivete apresentou o Graça, suas atividades e afirmou que aquele equipamento havia sido apropriado pela comunidade negra da cidade. Além disso, destacou que aquele era um espaço cultural da Universidade Federal de Uberlândia e que, apesar de ter pouco mais de 20 anos, não havia registros que pudessem auxiliar na apresentação da história desse espaço, que passou por um apagamento documental.

Diante disso, a escolha do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché como objeto desta pesquisa surgiu como possibilidade de propor uma discussão a partir da museologia social. Cabe destacar a situação periférica do equipamento, o qual está implementado em um bairro não central e distante de outros espaços culturais da cidade que, em sua maioria, estão localizados na região central. Também se ressaltam as manifestações populares da comunidade negra na cidade que, assim como o Graça, compartilham uma história de resistência. Além disso, a responsabilidade pela gestão do *Graça* surgiu como uma questão, já que, nos primeiros anos, ela se deu a partir de uma parceria entre a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Como equipamento cultural da UFU, essa instituição supostamente teria uma programação constante e uma visibilidade dentro da universidade. No entanto, com 22 anos de existência, o Graça ainda pode ser considerado um equipamento pouco reconhecido, pois, além de não dispor de muita documentação sobre seu surgimento

³ Conforme mencionado no texto de apresentação institucional do Graça do Aché, no site da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <http://www.proexc.ufu.br/unidades-organizacionais/centro-de-memoria-da-cultura-negra-graca-do-ache>
Acesso em: 07/10/2024

e suas gestões institucionais, bem como de não existirem pesquisas acerca de sua constituição, ele passou por um longo período sem coordenação. Nesse sentido, a reconstituição de um percurso histórico e a escuta de dizeres sobre o Graça e a consequente historicização dele podem fortalecer sua visibilidade não só para a comunidade envolvida como também para toda a cidade, o que contribui para a atuação e o desenvolvimento institucional dele.

Assim, a partir da seguinte pergunta: o que o Graça representa para a comunidade negra de Uberlândia?, a pesquisa teve como objetivo geral investigar a atuação do Graça e sua relação com a comunidade negra de Uberlândia. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se: 1. Reconstituir aspectos do percurso histórico do Graça; 2. Discutir a contribuição do Graça no que se refere à qualificação do território em que está inserido; e 3. Identificar nos dizeres dos participantes da pesquisa as relações estabelecidas entre a comunidade negra da cidade e o Graça.

Para o alcance desses objetivos, o percurso metodológico desta pesquisa compreendeu quatro etapas: levantamento bibliográfico, levantamento documental, realização de entrevistas com pessoas vinculadas ao Graça, e análise do material reunido. Sobre esse percurso metodológico algumas considerações se fazem relevantes, como os desafios e as possibilidades dessa trajetória, a abordagem da pesquisa, os participantes dela e as entrevistas que foram realizadas. Tal percurso não se deu de forma linear, mas se realizou na sobreposição de leituras, busca por documentos e coleta de entrevistas. Além disso, ao longo desta investigação, outras camadas se sobrepuseram de modo a delimitar novas leituras, referências e participantes da pesquisa. A vivência metodológica da pesquisa se abriu para os novos caminhos que surgiram durante o processo, o que remete ao poema de Antonio Machado, "caminhante não há caminho, o caminho se faz ao caminhar."

No que se refere à busca pela contextualização do surgimento do Graça enquanto equipamento cultural da UFU, foram acessados processos no SEI-UFU (Sistema Eletrônico de Informações) e pesquisas no repositório da Universidade, bem como foram feitas consultas ao próprio Graça. De acordo com a coordenação do espaço, o centro não dispõe de documentos que possam contextualizar seu surgimento ou apresentar suas dinâmicas institucionais referentes ao período de 2001 a 2016. Também, no repositório da UFU, não foram encontradas pesquisas que tivessem o Graça como objeto de estudo.

Esses passos iniciais da pesquisa, que buscavam compreender o contexto de surgimento, as gestões e a atuação do Graça desde 2001, apresentaram-se como um grande desafio, porque foram encontradas poucas informações a esse respeito, principalmente no período entre 2001 e 2016, no qual o Graça supostamente não

teve coordenação. Essa falta de registros assinala o apagamento documental sofrido por essa instituição.

Frente a essa dificuldade, foi necessário buscar outras possibilidades para conhecer a história do centro. Algumas ações realizadas envolveram um levantamento documental e bibliográfico da fundação do Graça do Aché e do seu plano de atuação. Também foram buscadas pesquisas acerca da trajetória de Maria da Graça de Oliveira, militante do movimento negro em Uberlândia que, em uma homenagem póstuma, teve seu nome dado ao equipamento cultural. Ademais, foram realizadas entrevistas com pessoas vinculadas ao Graça do Aché.

No processo de levantamento documental, foram consultados o Arquivo Municipal de Uberlândia, o Arquivo Público Mineiro, a Hemeroteca, o Sistema Eletrônico de Informações, a Diretoria de Cultura e o repositório da UFU, bibliotecas digitais, sites de busca acadêmica, redes sociais do Graça e, ainda, foram solicitadas, por meio do Portal da Transparência do Governo Federal, informações da Fundação Palmares que, em parceria com a UFU, atuou na construção do Graça. Os passos dados nessa etapa de levantamento documental permitiram conceber o Graça enquanto processo, e não apenas como uma estrutura edificada.

Em relação às entrevistas, buscou-se atentar a dizeres que pudessem colaborar para a reconstituição desse percurso histórico e que indicassem a relação da comunidade com o Graça. A partir desse objetivo, foram entrevistadas dez pessoas vinculadas direta ou indiretamente ao equipamento cultural. A seleção dos entrevistados considerou dois critérios: ter atuado na gestão do Graça do Aché; e/ou ser membro da comunidade negra que tenha desenvolvido projetos nesse espaço.

Para as entrevistas foi proposto um formato semiestruturado. Segundo Tim May (2004), uma entrevista semiestruturada se guia por perguntas pré-elaboradas, mas não se limita à busca por respostas apenas objetivas, o que permite maior liberdade ao entrevistado de compartilhar o que acredita ser pertinente à discussão em questão. A escolha por uma entrevista semiestruturada se justifica como possibilidade de uma escuta acolhedora aos entrevistados, como afirma May (2004, p. 148) "esses tipos de entrevistas permitem que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos do que as entrevistas padronizadas" e ainda abrem espaço para "sondar além das respostas". As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para a análise da pesquisa.⁴

⁴ Vale ressaltar que o projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia, de acordo com o parecer nº 6.307.647. A pesquisa foi submetida com o título "Território, cultura e resistência: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché em Uberlândia" por meio da Plataforma Brasil (<http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>).

Por se tratar de uma amostra de conveniência, considera-se que os participantes da pesquisa são protagonistas ativos na história do Graça do Aché. Por assim ser, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cada participante da pesquisa pôde optar por ter sua identidade preservada ou por ser identificado nominalmente caso quisesse ter o reconhecimento da contribuição na constituição desse espaço, uma vez que os dizeres dos participantes são fundamentais para a construção da história do Graça do Aché e, conseqüentemente, para a valorização do centro cultural.

Assim, a realização desta pesquisa se deve, sobretudo, aos que colaboraram com suas histórias, vivências e, principalmente, na reconstituição de aspectos da história do Graça. São: Antonia Aparecida Rosa, Ivete Almeida, Felipe Sant'Anna, Jeremias Brasileiro, Luiz Carlos de Laurentiz, Pedro Barbosa, Susilene Feoli, Wilson Filho, Eliane Tinoco e Ramon Rodrigues.

No que se refere à análise do material reunido sobre o Graça, toma-se uma abordagem qualitativa para que seja possível considerar múltiplos aspectos acerca deste equipamento cultural. Essa abordagem relaciona o contexto de constituição, as dinâmicas institucionais, a programação e atuação do Graça, bem como os dizeres dos participantes entrevistados da pesquisa.

Por fim, para realizar esta investigação, relacionou-se três elementos fundamentais: o grupo social, a cultura e o território, cernes da museologia social. Compreende-se que é a partir da articulação desses três elementos complementares que "a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço se exprime e se fortalece" (Vaz, 2018, p. 35). Para tal relação, recorre-se, principalmente, à noção de território para Milton Santos, de museologia social para Mário Chagas e de cultura para Marilena Chauí. Ainda, assinala-se o protagonismo de autores locais no desenvolvimento desta pesquisa, como Jeremias Brasileiro, Antônio Pereira, Fernanda Santos, Rosyane Oliveira, Carlos Cezar Moreira e Ivete Almeida, nomes esses que serão retomados e apresentados ao longo da pesquisa. A partir desse aporte teórico, considera-se o Graça um equipamento mediador entre a população e sua cultura, com uma atuação que se relaciona ao território local.

Quanto à organização, esta dissertação se desenvolve em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro, intitulado *Território, cultura e resistência*, apresenta-se uma contextualização de Uberlândia e um panorama de espaços culturais a partir do cenário da cultura oficial e de manifestações culturais populares, levando em conta o território que ocupam. Em seguida, apresenta-se aspectos da história de duas manifestações populares tradicionais: o congado e o carnaval, considerando suas disputas territoriais. Também, discorre-se sobre as relações entre o território, a cultura e a comunidade,

tríplice conceitual que é a base da museologia social e, ainda, expõe-se acerca da natureza e da função dos Centros de Memória.

No segundo capítulo, *O Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché*, apresenta-se a reconstituição de aspectos do percurso histórico do Graça, considerando acontecimentos que marcam as décadas que antecedem o surgimento, o projeto para a sede, o programa do edifício e as dinâmicas institucionais. Tal reconstituição histórica contribui para a compreensão das relações que se dão no Graça e assinala como cada gestão impacta a consolidação desse equipamento cultural enquanto representativo da comunidade negra em Uberlândia.

Já no terceiro capítulo, *O lugar do Graça*, destacam-se as mulheres que protagonizaram gestões significativas no Graça e que têm atuado na constituição e na consolidação desse espaço, além dos eventos organizados por e para mulheres. Dessa forma, ressalta-se como essa atuação parece ter contribuído para a aproximação da comunidade com o Graça do Aché.

capítulo 1 . território, cultura e resistência

Uberlândia e o espaço da cultura - breve contexto

A construção do espaço urbano está atrelada à capacidade de distinguir lugares, possibilitando a valorização de uns, o abandono ou a construção de outros, assim a cidade é cotidianamente inventada. (Lopes, 2010, p. 58)

A breve contextualização da cidade de Uberlândia que se segue contribui para situar o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, objeto de estudo desta pesquisa. Uberlândia, popularmente conhecida como a capital do Triângulo Mineiro, é a segunda cidade mais populosa de Minas Gerais, com mais de 700 mil habitantes⁵. É considerada uma cidade de médio porte, não só pelo tamanho demográfico, mas também pelas funções que desempenha na rede urbana. Trata-se de uma cidade cuja localização e estrutura favorecem a intermediação entre os espaços locais e os regionais.

Apesar de ser reconhecida na categoria A⁶ do Mapa do Turismo Brasileiro⁷, o turismo que mais movimentava Uberlândia é o de negócios⁸, vinculado a atividades profissionais e corporativas. Isso se dá porque a economia da cidade é movimentada principalmente pelo agronegócio, setor que garantiu a Uberlândia, em 2021, a 27^a posição no *ranking* das cidades com maior PIB (Produto Interno Bruto) no Brasil⁹.

⁵ De acordo com os dados do Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Uberlândia chegou a 713.224 habitantes, sendo a cidade com o maior aumento no número de habitantes nos últimos 12 anos no Estado.

⁶ Segundo o Ministério do Turismo, a categoria A inclui aqueles municípios que são considerados os principais destinos turísticos do país, de modo que esse setor impacta significativamente a economia local, apresentando grande fluxo de turistas, alta geração de empregos e uma infraestrutura de hospedagem considerável.

⁷ Instrumento governamental que categoriza os municípios que adotam o turismo como estratégia de desenvolvimento e identifica a necessidade de investimento e de ações para a promoção do setor em cada região turística do país.

⁸ De acordo com o inventário da cadeia de turismo, elaborado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Turismo, somente em 2018, mais de 1 milhão de embarques e desembarques foram registrados no aeroporto local; já no Terminal Rodoviário, foram quase 2 milhões de embarques e desembarques em linhas estaduais e interestaduais.

⁹ IBGE, 2022.

Ao discorrer sobre a história de Uberlândia, Valéria Lopes¹⁰ (2010) aponta que a história da cidade tem suas raízes no lema do Brasil Republicano: “Ordem e Progresso”. A constituição da imagem de uma cidade moderna atraiu residentes do entorno para esse novo centro progressista. Esse imaginário foi impulsionado não apenas por um ambicioso projeto urbanístico no final do século XIX, mas ainda pela inauguração de um ramal da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro na cidade.

Em texto de apresentação da cidade no site da prefeitura municipal, Lopes (2010) menciona que, a princípio, não era previsto que a estação da Mogiana viesse para Uberlândia. Nas palavras da autora, “a ideia de alcançar o estado de Goiás era passar por uma dessas cidades: Nova Ponte, Estrela do Sul, Miraporanga ou Monte Alegre”¹¹. Nesse sentido, a inauguração do ramal, em 1985, deu-se a partir de uma articulação política que favoreceu a consolidação do discurso de cidade moderna para Uberlândia, que, assim, tornou-se ponto estratégico entre as cidades do entorno, o que contribuiu para intensificar sua vida urbana.

No que se refere ao espaço da cultura, Marco Andrade (1999, p. 24) aponta que “é singular que Uberlândia detenha um ideal de cidade ‘moderna’, almejando constantemente uma atualização e vanguarda tecnológica, e simultaneamente pareça sempre manter o arreio puxado quando a questão pertence à esfera da cultura”. De fato, o ideal de cidade moderna, cultivado desde o final do século XIX, parece estender-se até os dias atuais, sem, no entanto, alcançar a esfera da cultura.

A história de Uberlândia assinala que discursos progressistas estão em sua base e que o setor de agronegócio é favorecido em seus investimentos. Essas raízes impactam diretamente o cenário cultural da cidade que, apesar de ser constituído a partir de programas e ações culturais de fomento à cultura de diferentes naturezas, ainda pode ser delineado como pouco desenvolvido.

Atualmente, o âmbito cultural de Uberlândia se constitui a partir das ações municipais de incentivo à cultura; dos circuitos de equipamentos culturais da Prefeitura Municipal e da Universidade Federal, os quais abrangem museus, bibliotecas, centros culturais e programas de educação não formal. Além disso, são compostos também pelos espaços e eventos independentes e, ainda, pelas festividades e manifestações de cultura popular.

Dentre as ações municipais de incentivo à cultura, destaca-se o Programa Municipal de Incentivo à Cultura - PMIC que, criado em 2003, disponibiliza recursos

¹⁰ Valéria Maria Queiroz Cavalcante Lopes é pesquisadora e historiadora, atualmente é diretora da Divisão de Memória e Patrimônio Histórico de Uberlândia.

¹¹ Uberlândia 134 anos: trilhos para a prosperidade. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/08/08/uberlandia-134-anos-trilhos-para-a-prosperidade/>. Acesso em 17 de agosto de 2023.

para realização de projetos culturais em diferentes áreas¹², o que viabiliza a realização de projetos de pequeno, médio e grande porte para artistas residentes em Uberlândia, bem como movimentar a cena cultural de forma significativa¹³. Outro exemplo de ação municipal é o Edital de Seleção de Propostas para Exposições nas Galerias de Arte da Secretaria Municipal de Cultura - SMC, o qual garante que trabalhos de artistas locais, iniciantes ou com ampla experiência, sejam expostos, anualmente, nas galerias municipais, o que possibilita a apresentação desses artistas para a população uberlandense.

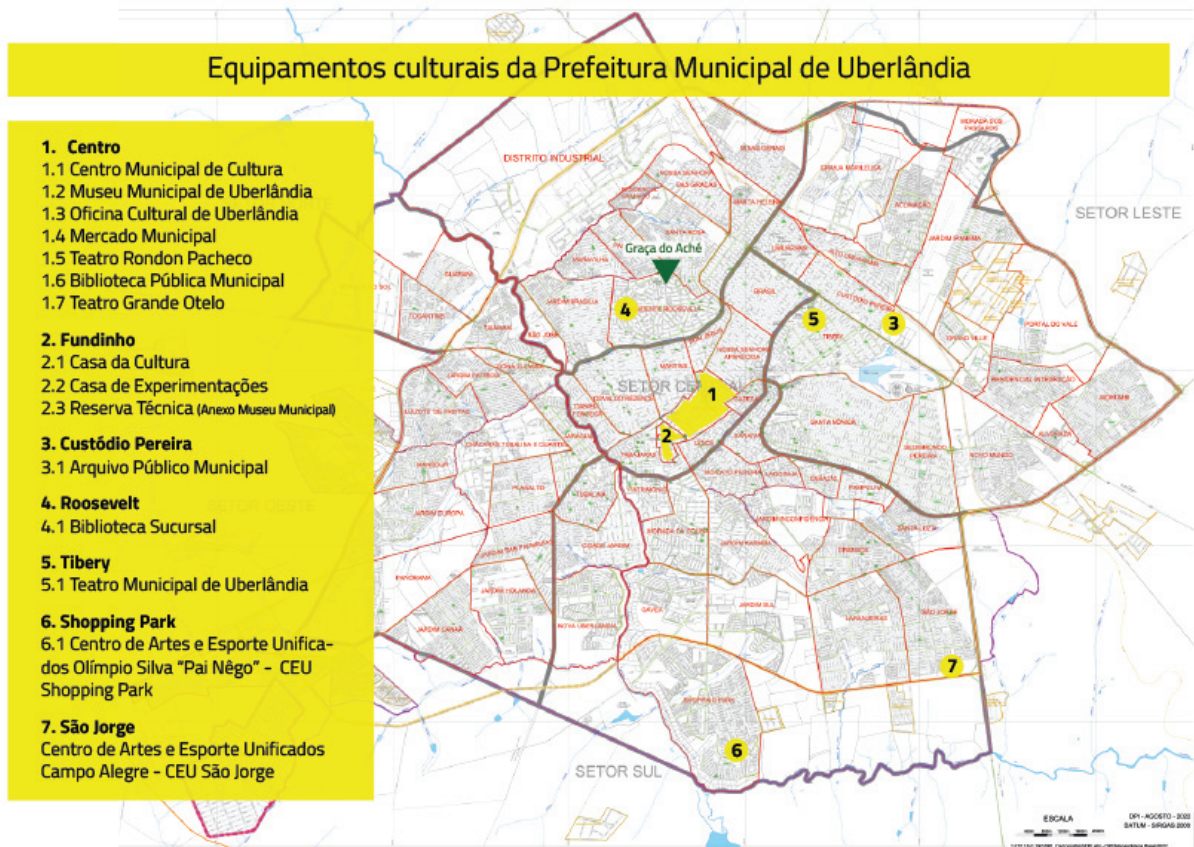
Quanto aos equipamentos culturais da prefeitura, a Secretaria Municipal de Cultura da cidade apresenta um circuito que inclui galerias, centro de cultura, arquivo, biblioteca, teatro e dois Centros de Artes e Esporte Unificados (CEU)¹⁴. No mapa abaixo (Figura 1), é possível perceber que esses espaços de cultura se concentram, principalmente, na região central da cidade, mais especificamente nos bairros Centro (1) e Fundinho (2); e que poucos espaços institucionais sediam eventos culturais fora do centro, a saber: o Teatro Municipal e dois Centros de Artes e Esporte Unificados (CEU).

¹² O PMIC abrange projetos em 10 áreas diferentes, sendo: artes visuais, histórias em quadrinhos e artesanato; audiovisual, fotografia, comunicação, cultura digital, jogos analógicos e virtuais, design e mídias interativas; culturas afro-brasileiras, indígenas e outras culturas étnicas; culturas tradicionais e populares; dança; literatura, leitura, biblioteca e contação de histórias; música; patrimônio cultural, material e imaterial, museu e arquivo; artes integradas; e teatro e circo.

¹³ Para exemplificar, em 2023, 68 projetos foram aprovados nesse programa.

¹⁴ Os centros propõem programas e ações culturais, atividades de formação e de qualificação para o mercado de trabalho, serviços sócio assistenciais, além de estrutura para práticas esportivas e de lazer.

Figura 1: Mapa de equipamentos culturais da PMU

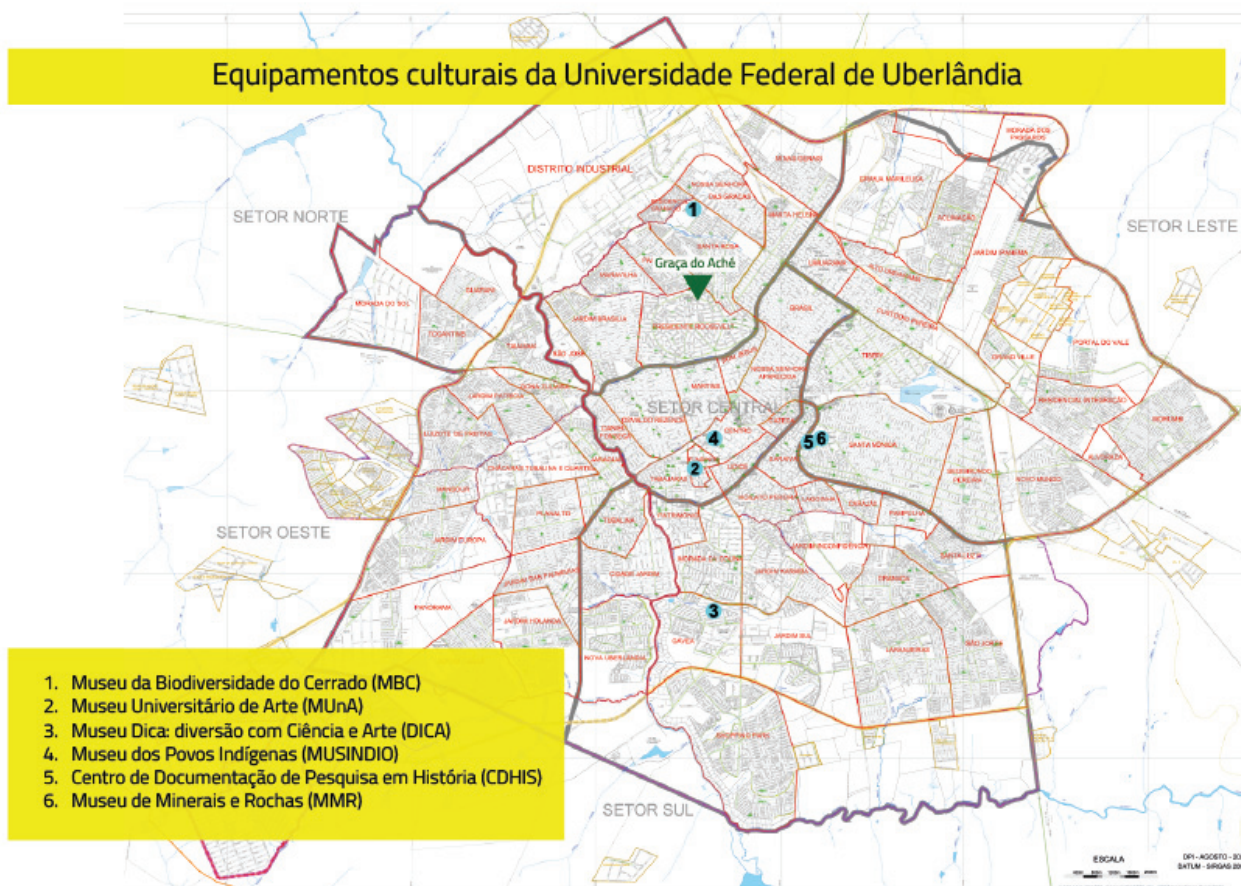


Fonte: PMU, adaptado pela autora, 2024.

Em relação aos equipamentos vinculados à universidade pública, tem-se o Sistema de Museus da Universidade Federal de Uberlândia - SIMU, que abrange cinco museus e um centro de documentação, apresentados no mapa abaixo (Figura 2). Alguns desses equipamentos estão no centro ou próximos ao centro; e os equipamentos localizados fora da zona central da cidade são museus que se encontram dentro de Parques Municipais, como o Museu da Biodiversidade do Cerrado - MBC, que é uma Unidade Especial do Instituto de Biologia da UFU, localizada dentro do Parque Municipal Victório Siquierolli¹⁵, cujo foco é a educação ambiental e a pesquisa na área de conservação e de preservação do bioma do cerrado. Já o Museu Dica do Instituto de Física da UFU está dentro do Parque Municipal da Gávea e tem o fito de disseminar a cultura científica a partir das relações entre ciência e tecnologia. Nesse ponto, vale ressaltar que o Graça do Aché faz parte do circuito universitário, porém se encontra fora do SIMU.

¹⁵ O parque possui uma área total de 232.300 m², composta por vegetação típica do cerrado.

Figura 2: Mapa de equipamentos culturais da UFU



Fonte: PMU, adaptado pela autora, 2024.

No que se refere ao circuito de equipamentos culturais independentes, alguns espaços que promovem eventos culturais e oferecem atividades continuadas se destacam, como o Ponto dos Truões, pertencente à Trupe de Truões, que é um grupo de teatro da cidade. Desde 2002, esse grupo desenvolve projetos de criação cênica, organiza cursos e oficinas de teatro para jovens e adultos, além de apresentar temporadas de espetáculos teatrais. Além desse equipamento, pode-se mencionar o espaço FLUXO, fundado em 2021 por ex-alunas do curso de dança da UFU, o qual oferece aulas de dança contemporânea e jazz e, ainda, organiza eventos culturais como apresentações musicais e lançamento de livros.

Há outros eventos que movimentam a cena cultural de Uberlândia, sem estarem vinculados a instituições específicas, a exemplo dos festivais e eventos de música: Cena Cerrado, Arte na Praça, Batalha da Z.O, Festival Timbre, LOCDAY e UDI Festival que celebram os artistas locais e a cena da música independente mineira. No campo da dança, o Festival de Dança do Triângulo, organizado pela Associação

dos Profissionais de Dança de Uberlândia, ocorre desde a década de 1980 e reúne escolas e grupos de diversos estilos para uma programação que inclui apresentações, oficinas e palestras. Na arte urbana, tem-se o Festival Colante que, em 2024, lançou sua terceira edição, com uma programação que envolve troca de adesivos, lambe-lambe, *live painting*, exposição e feirinha.

Ainda, no que se refere à identidade cultural de Uberlândia, vale ressaltar as tradições culturais populares como a Festa Junina¹⁶, a Folia de Reis¹⁷, o Congado e o Carnaval. Além dessas festas populares, tem-se como tradição a prática da tecelagem e da dança de rua.

Figuras 3, 4 e 5: Festival de Quadrilhas Juninas, Folia de Reis e Centro de Tecelagem de Uberlândia



¹⁶ Na época da Festa Junina, a prefeitura da cidade organiza, há mais de 10 anos, o Festival de Quadrilhas Juninas, que conta com uma mostra cultural não competitiva e uma competitiva. O calendário da cidade em junho e julho é repleto de festividades propostas por igrejas, organizações e espaços culturais.

¹⁷A celebração religiosa que comemora a visita dos três reis magos a Jesus também tem força na cidade, são mais de dez Folias que se reúnem no período dessa celebração que foi Registrada como Patrimônio Imaterial Municipal em 2016 (Decreto nº 16.836 – 23/11/2016. Registro no Livro das Celebrações, Inscrição II, pág. 04).



Fonte: site da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Apesar de se mostrar favorável ao estímulo da produção artística na cidade, o panorama cultural de Uberlândia ainda é insuficiente para o desenvolvimento e absorção de agentes culturais que não estão dispostos - ou não têm condições - de ir para grandes centros urbanos, por exemplo São Paulo e Rio de Janeiro. Para Paula Borela¹⁸ (2017), artistas expoentes da cidade, como Willys de Castro¹⁹, não podem ser considerados artistas “fora do eixo” uma vez que, para Castro e outros, foi necessário migrar para o circuito Rio-São Paulo para alcançar reconhecimento e prestígio em suas carreiras.

Para os artistas que permanecem em Uberlândia resta, segundo Borela (2017, p. 5), o encontro com as “dificuldades de expor, entrar em editais, ser selecionado para salões”, o que implica o pouco reconhecimento do trabalho do artista local. Desse modo, os artistas, em sua grande maioria, acabam por buscar outras áreas de atuação e poucos conseguem garantir a manutenção de sua própria produção artística; e quando conseguem ocupar esses espaços, encontram novos desafios como a falta de público e a dificuldade de legitimar sua obra.

o Carnaval e o Congado em Uberlândia

Para contextualizar o Congado e o Carnaval, manifestações culturais populares da comunidade negra de Uberlândia, é necessário apontar que, em relação à raça, pretos e pardos são a maioria na cidade, por representarem 50,8% da população²⁰. Mesmo sendo maioria, os grupos congadeiros e as escolas de samba encontram, no período de seus eventos e manifestações na cidade, resistência da população, principalmente branca. Essa resistência remonta a um passado não muito distante em que brancos e negros andavam em calçadas diferentes nas ruas de Uberlândia. Sobre isso, Carlos Moreira²¹ (1990) assinala que a cidade:

é sim, uma cidade famosa pelo racismo no passado, uma época em que a avenida principal da cidade tinha um lado destinado ao trânsito de pessoas brancas e outro para a o de pessoas negras na década de 50. No meio da avenida passavam os pobres e um sub-grupo de negros tidos

¹⁸ Paula M. Borela, arte-educadora, mestre em Artes Visuais pelo programa de Pós-Graduação em Artes da UFU.

¹⁹ Expoente do movimento neoconcreto, trabalhou com pintura, desenho, gravura, cenografia, figurinos e artes gráficas. Nasceu em Uberlândia em 1926 e se mudou para São Paulo na década de 1940, onde morreu em 1988.

²⁰ De acordo com o censo de 2022 do IBGE a população uberlandense é composta por 11% de pretos, 39,8% de pardos, 48,9% de brancos e 0,1% amarelos.

²¹ Carlos Cezar Moreira é historiador pela Universidade Federal de Uberlândia.

como "desclassificados" e mais humildes. Essa divisão evidenciava uma prática discriminatória da sociedade local contra negros e pobres que também podia ser encontrada em outros locais como escolas, clubes e restaurantes (Moreira, 1990, p. 33).

Nesse sentido, reconhecer a discriminação racial que há em Uberlândia é importante para a análise dos entraves territoriais que o Carnaval e o Congado²² enfrentam desde suas origens, como colocado a seguir.

Carnaval

No meio do fuzuê, entre sons de tiro, ladainhas, aleluias, sambas, tambores, tombos, tapas, ruídos de buzinas, espasmos de amor e ódio, flores de feira e punhais afiados, vou seguindo em um território em disputa, com a certeza de que o tempero da cidade é o sal da memória dos dias longos e da noite grande (Luiz Antonio Simas, 2019, p. 119)

A dificuldade de reconstruir a memória do Carnaval na cidade de Uberlândia é assinalada por Antonio Pereira da Silva (2007) ao apresentar cem anos dessa tradição na cidade. O autor destaca que essa memória foi perdida, "assim como há muitas outras irrecuperáveis nessa querida Uberlândia" (Silva, 2007, pág. 6). Além de elaborar uma história do carnaval, considero que a pesquisa de Silva pode remontar também a um período de inserção do negro no espaço urbano.

Em Uberlândia, assim como em outras cidades, o Carnaval surge na primeira década do século XX, como uma manifestação das elites, advinda de uma tradição de entrudos portugueses²³. Os primeiros bailes à fantasia, os blocos e os cordões da cidade eram restritos e comandados por empresários, grandes comerciantes e famílias de destaque social. Ainda, segundo Silva (2007), nesse período, as classes operárias possivelmente ocupavam outros espaços e organizavam suas próprias festas que não eram noticiadas pela imprensa. O referido autor também assinala uma primeira ocupação de negros na avenida em 1928, confrontando o modo que, até então, o carnaval se organizava:

²² Vale ressaltar que esses entraves não são exclusivos das manifestações que se apresentam a seguir, mas, também ocorrem nas crescentes cenas locais do Rap, do Hip Hop e da Dança de Rua.

²³ Os entrudos eram brincadeiras de carnaval em que, segundo Silva (2007, p.13), as pessoas "cuidavam de se molhar atirando água umas às outras. [...] Depois de molhada a vítima, jogavam sobre ela pós de fuligem, de café, serragem, tudo que pudesse emporcalhá-la mais."

A primeira nota da Imprensa sobre as mesmas [festas] foi dada em 1928, quando o clube de negros, "Flor de Maio", começou a dar bailes carnavalescos. E o toque da audácia foi na terça-feira gorda: um grupo de negros, do Flor de Maio, alugou um automóvel e entrou no curso, reduto exclusivo de brancos ricos até então (Silva, 2007, p. 22)

Essa ocupação marca um momento de virada do carnaval uberlandense. Nos anos que se seguiram, principalmente na década de 1930, o carnaval, que antes era tradição restrita às classes dominantes, passa a ser difundido como tradição a outras identidades. A esse respeito, Silva (2007, p. 28) afirma que "a massa humana que se comprimia nos dois quarteirões da avenida Afonso Pena começou a mesclar-se. Ricos e pobres, brancos e negros".

Em resposta a essa ocupação, na segunda metade da década de 1930, os bailes de carnaval feitos nos clubes passaram a se intensificar na cidade. Um formato que pressupunha um controle maior do fluxo de pessoas, o que, supostamente, garantia maior segurança e diversão para as elites da cidade. Essa movimentação enfraqueceu a festa popular, fortalecendo o que o autor chama de carnaval "entre quatro paredes". Esse carnaval de clubes perdurou por muitas décadas e, ainda hoje, existe uma certa tradição quanto a essa forma de realizar o carnaval na cidade²⁴.

O aumento dos carnavais de clube enfraqueceu o de rua, apesar de ter contribuído para que o modelo de rua se tornasse mais popular, o que criou um espaço que pôde ser dividido por diferentes classes e raças. A década de 1950 foi marcada pelo desejo de recuperar a festividade carnavalesca, o que levou à criação de escolas de samba e marcou o início de uma tradição que se estende até hoje na cidade: o desfile das escolas de samba.

Como consequência da tradição do desfile, tem-se uma tensão maior no que se refere à ocupação da comunidade negra na cidade que, apesar da discriminação racial existente, conseguia criar momentos em que o espaço era compartilhado. Sobre essa tensão, Silva (2007) pontua que:

²⁴ Na década de 1930, fundou-se o Uberlândia Clube, segundo o autor, o "mais luxuoso carnaval de salão" da cidade. Em 1950, surgiram os bailes do Praia Clube, "um dos melhores carnavais de salão, o maior do interior brasileiro". Os bailes do Praia foram responsáveis por enfraquecer ainda mais o carnaval de rua, por levar as classes médias que ainda frequentavam os bailes de rua para os seus salões.

Na avenida continuava o preconceito: brancos de um lado, negros do outro. De vez em quando, um folião mais entusiasmado furava a diversão. Sob a liderança da Tabajara, as Escolas de Samba ajudaram a diluir esse comportamento porque, como no tempo dos Ranchos na década de 30, na rabeira das Escolas misturavam-se gentes de todas as cores sambando (Silva, 2007, p. 40-41).

A realização dos desfiles se estendeu pelas décadas que se seguiram, mas foi marcada por disputas pela utilização do espaço urbano e, também, por melhores condições para a realização da festa popular. Na década de 1980, as escolas de samba passaram a ser subsidiadas pela Prefeitura e por empresas locais, o que deixou a manifestação popular do Carnaval sujeita aos interesses de administrações públicas²⁵. Como decorrência do vínculo com a organização municipal, o tamanho da festa e a qualidade do desfile passaram a depender do subsídio cedido pela prefeitura e pelos comerciantes da cidade.

Ainda, faz-se importante lembrar que o local de realização do desfile das escolas de samba, o qual tradicionalmente ocorria na Avenida Afonso Pena, passou a ser designado pela Prefeitura, e essa decisão não se dava de modo participativo, o que gerou grande insatisfação da comunidade. O novo local designado pela prefeitura, na Avenida Monsenhor Eduardo, não apresentava infraestrutura adequada, além de não possibilitar a participação de todos os públicos²⁶, que anteriormente podiam comparecer gratuitamente na festa na Avenida Afonso Pena. Segundo Rosyane Oliveira²⁷ (1999, p. 34), essa mudança culminou “em um grande fracasso, prejudicando muito o carnaval de rua da cidade. A festa será limitada apenas aos pagantes e o grande público não participará”.

Em relação às décadas que se seguiram, Oliveira (1999) e Silva (2007) discorrem sobre outras questões enfrentadas pelas escolas de samba. Essas questões, que não se limitam apenas à disputa sócio-espacial, envolvem tanto problemas administrativos e falta de verba como dificuldade de institucionalização das escolas e do trabalho coletivo. Com o passar dos anos, houve melhoria na configuração atual do Carnaval em Uberlândia, a exemplo do registro oficial das escolas de samba na Secretaria Municipal de Cultura.

No entanto, ainda há dificuldades que precisam ser superadas, como a

²⁵ Ainda na década de 1980, alguns movimentos foram marcantes, como a criação da Associação das Escolas de Samba de Uberlândia, da Secretaria Municipal de Cultura, da Liga das Escolas de Samba e de uma comissão organizadora do carnaval.

²⁶ Em 1922, o acesso às arquibancadas passou a ser gratuito, porém, dada a grande quantidade de pessoas e estrutura inadequada, parte da estrutura desabou, ferindo 40 pessoas.

²⁷Rosyane Oliveira, historiadora pela Universidade Federal de Uberlândia.

problemática sócio-urbana, aspecto de interesse dessa pesquisa. Em 2023, o desfile passou a ser realizado na Avenida Balaiadas, no bairro Marta Helena, o que foi motivo de problematização pelos moradores do referido bairro que expressaram descontentamento referente a esse local por meio de um abaixo-assinado. Para esses moradores, o Carnaval, evento de grande porte, representava um risco de segurança para um bairro residencial²⁸.

É preciso ressaltar que, após a saída do carnaval da Avenida Afonso Pena, o local para a realização do desfile não foi estabelecido de forma definitiva, ou seja, parece não haver lugar para a manifestação popular do Carnaval de Uberlândia. Ainda assim, é possível perceber a força da comunidade carnavalesca que, com resistência, tem procurado superar as dificuldades mencionadas.

Congado

os componentes do Congado persistem com suas ritualidades em lugares de origem, denotando não se intimidar diante das pessoas descontentes com a presença coletiva de negros nos passeios ou em frente aos edifícios e estabelecimentos comerciais. (Brasileiro²⁹, 2006, p. 33)

O surgimento dos ternos de congado em Uberlândia se deu na década de 1930, mas, segundo Jeremias Brasileiro (2006, p. 49), há memórias que apontam a existência de Ternos de Moçambiques na década de 1870³⁰, que eram “identificados como grupo de Folias ou de Congos, e a própria festa não possuiria uma ordenação sistemática”. O surgimento oficial da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário³¹, em 1916, marcou o início da institucionalização dos ternos e o desenvolvimento de uma ordenação das celebrações.

O Congado, ou Congada, foi registrado como Patrimônio Imaterial Municipal em 2008³², o que assinala a importância dessa manifestação cultural religiosa de

²⁸ Nova passarela do samba em Uberlândia deixa moradores insatisfeitos. Globoplay, 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11347872/>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

²⁹ Jeremias Brasileiro, historiador, pesquisador da história do congado em Uberlândia, congadeiro e Comandante Geral da Festa do Congado em Uberlândia.

³⁰ Nesse período, as terras que hoje são Uberlândia, eram chamadas de São Pedro do Uberabinha.

³¹ A irmandade recebe as subvenções municipais e distribui aos ternos aptos ao recebimento do benefício, auxilia na organização e sistematização das festividades do congado na cidade, sendo mediadora entre os ternos. Além disso, a irmandade funciona como uma comunidade de integração social dos membros congadeiros.

³² Decreto nº 11.321 de 29/08/2008.

origem afro-brasileira na construção da identidade cultural da cidade. Para Brasileiro (2006), é importante compreender que as festividades em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito representam o ápice do congado, por marcarem ações que acontecem ao longo de todo o ano. Assim, o Congado se formaria no conjunto de ações de diferentes naturezas:

Fazem parte da sociabilidade em torno de evento religioso que percorre o ano inteiro, as macarronetes do mês de maio; os arraiais congadeiros em épocas de festejos juninos; oficinas de artesanato, percussão, culinária, bordado em pedraria; atividades recreativas para as crianças; as congalinhas do mês de julho; torneio de futebol dos congos; samba dos congos nos bairros, agregando dança de rua, dança de salão e capoeira (Brasileiro, 2006, p. 23).

A agenda dos ternos congadeiros também é composta de seminários, rodas de conversa e palestras que, em uma diversidade de temas, visam a debater questões sociais, como habitação, saúde, moradia, entre outros. Desse modo, os grupos congadeiros se preocupam em promover atividades que dão vida ao Congado ao longo de todo ano, “confirmando uma estratégia consciente de resistências cotidianas” (Brasileiro, 2006, p.23).

É possível observar que a existência dos grupos de congado, assim como das escolas de carnaval, favorece a reflexão sobre a ocupação da comunidade negra na cidade. Contudo, Brasileiro (2006, p. 19) considera que, embora a maior parte da população seja composta por pessoas negras, existe um estranhamento dos uberlandeses brancos ao reconhecer a negritude que compõe a cidade, já que “esse enorme contingente de homens e mulheres [negros/as] passa despercebido no cotidiano urbano e surge geralmente de forma inusitada, no mês de outubro, época em que se realiza a festa da Congada”.

O local de realização das festividades do congado em Uberlândia gera insatisfação e incômodo dos moradores do centro todos os anos, porque, além dos ternos realizarem alguns ensaios nessa região da cidade, a celebração prevê, para o ápice do evento, o deslocamento dos ternos até a Igreja do Rosário, também localizada no centro. Brasileiro (2006) assinala que a utilização dessa localidade para a realização das festividades sempre encontrou resistência da população, principalmente das elites brancas.

Sobre a Igreja do Rosário, os dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal apontam que o primeiro projeto para sua construção, de 1876, foi pensado para ser implementado na atual Praça Dr. Duarte, que, na época, localizava-se na região central. Esse projeto não foi executado, sendo transferido, em 1893, para a Praça

Rui Barbosa³³, cuja localização se distanciava do centro. De acordo com Brasileiro (2006), essa transferência se deu a partir da insatisfação da população em ter a praça ocupada pela comunidade negra, uma vez que, naquele período, a Igreja ficaria muito próxima do centro comercial.

Assim, a partir de 1893, deu-se início à construção da Igreja em um terreno mais afastado do centro urbano. A esse respeito, Brasileiro (2006, p. 28) aponta que “o envolvimento de lideranças políticas na construção da Igreja do Rosário na Praça Rui Barbosa, não seria nenhum ato de benevolência e sim uma estratégia para isolar os Congadeiros”. Com o crescimento comercial da cidade e sua expansão territorial no final do século XIX, essa estratégia não foi efetiva, pois os arredores dessa igreja passaram a ser habitados, em sua maioria, pelas classes dominantes, fato esse que ainda é prevalente na atualidade. Nesse sentido, a Igreja do Rosário hoje se encontra no centro da cidade.

É nesse contexto que basta começarem os ensaios dos grupos de congado no centro para que os jornais anunciem a insatisfação dos moradores, os quais consideram a ação dos congadeiros barulho. Esse modo de conceber a festa dos congadeiros não pode ser generalizado, já que existem pessoas de todas as classes e cores dividindo o espaço das avenidas em devoção a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. Entretanto, vale mencionar que, no ano de 2023, durante a celebração da Bandeira do Aviso, evento de abertura das celebrações do Congado na cidade, os membros do terno Moçambique Estrela Guia foram atacados com ovos jogados de um prédio no centro da cidade³⁴. A ocorrência desse fato mostra que a antiga insatisfação ainda persiste, além de evidenciar um preconceito para com uma celebração de pessoas predominantemente negras.

É possível perceber que a disputa territorial não se deu apenas nas décadas em que as manifestações congadeiras marcaram sua existência na cidade. De fato, esse embate se estende até os dias atuais e, apesar de propostas³⁵ para a realocação dessas manifestações, a resistência dos congadeiros se apresenta em uma festividade que não renuncia à Igreja do Rosário como espaço para a consumação da festa congadeira.

³³ A Igreja do Rosário é o prédio religioso mais antigo no espaço urbano de Uberlândia, foi tombado como Patrimônio Histórico Municipal pela Lei nº 4.263 de 09/12/1985. Registrado no Livro do Tombo Histórico, Inscrição V, pág. 07.

³⁴ Participantes da festa do Congado em Uberlândia são atacados com ovos jogados de prédio no Centro de Uberlândia. G1, Triângulo Mineiro, 10 jul. 2023.

³⁵ Como exemplo, Jeremias apresenta um ofício em que um morador do bairro Carajás faz uma solicitação ao gabinete dos vereadores de Uberlândia para o remanejamento do carnaval e do congado para o Parque do Sabiá, local fechado que descaracterizaria essas manifestações.

território de resistência

As manifestações populares da comunidade negra apresentadas acima, o Carnaval e o Congado, podem ser tomadas como território de resistência, pois, para se manterem vivas, têm enfrentado inúmeros desafios ao longo do tempo. Esses desafios parecem ser apresentados a partir da dificuldade da população em compreender essas manifestações como cultura. Nesse sentido, Brasileiro (2006) aponta que as Congadas:

apresentam uma multiplicidade de sentidos: às vezes é visto sob a perspectiva de um fenômeno urbano, outras vezes considerado “espetáculo folclórico” para atrair turistas, ora reivindicado pelos populares como resistência cultural dos negros e, por outro lado, mantenedor de relações ambíguas com os órgãos públicos, ora de aproximação, ora de distanciamento; tudo isso leva a sugerir uma vivência permanente de conflito entre o Congado e a cidade (Brasileiro, 2006, p. 31).

Essa vivência permanente de conflito também se estende ao Carnaval e a outras manifestações culturais que ocupam o espaço urbano, por exemplo o rap, o hip hop e a dança de rua. Para uma melhor compreensão sobre a territorialização do Carnaval e do Congado na cidade de Uberlândia, o mapa abaixo (Figura 6) apresenta a ocupação dos ternos e das escolas de samba em relação aos circuitos culturais da Prefeitura Municipal e da UFU.

Figura 6: Mapa dos ternos de congado e escolas de samba de Uberlândia



Fonte: PMU, adaptado pela autora, 2024.

Conforme mostrado no mapa, os ternos e escolas de samba, principalmente quando comparados aos equipamentos de cultura da prefeitura e ao SIMU, encontram-se mais espalhados na malha urbana da cidade, com pouca concentração nas zonas centrais. A presença dos ternos e das escolas de samba nos setores norte, sul, leste e oeste da cidade, além da região central, possibilita a constituição de outra relação entre o território e a cultura. Trata-se de uma construção local, em que são criados nos bairros em que se originam ou a partir de redes de sociabilidade entre os membros participantes.

A diferença da ocupação desses espaços pelo circuito oficial da prefeitura e da universidade em relação aos ternos de congado e às escolas de samba remete à noção de “espaços opacos” e “espaços luminosos”. Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001, p. 264) consideram espaços luminosos aqueles que concentram mais densidade técnica e informacional, o que os torna mais atrativos para atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização. Em contrapartida, os

locais onde essas características são menos presentes são chamados de espaços opacos.

O mapa demonstra uma concentração do circuito oficial de cultura na região central, que pode ser considerado um “espaço luminoso” da cidade. Segundo os autores, esses espaços são “mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas” (Santos e Silveira, 2001, p. 264). Tal apontamento norteia a compreensão sobre a resistência enfrentada pelos membros participantes do Carnaval e do Congado para a ocupação do espaço urbano, principalmente nas zonas centrais.

Santos e Silveira (2001, p. 247) compreendem que o território “revela também as ações passadas e presentes”, constituindo-se como categoria de análise não somente pelo espaço geográfico, mas principalmente a partir do seu uso. Sendo inseparáveis a “materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política”. Pressupor essa interdependência faz com que se perceba o “território vivo”.

Assim, localizado fora da região central, destaca-se a importância do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, sendo um patrimônio que marca a afirmação e a legitimação da cultura negra em Uberlândia.

a museologia social e os centros de memória

A museologia que não serve para a vida, não serve para nada (Chagas e Pires, 2018, p. 295)

Propor uma investigação do Graça que considere o território que ele ocupa, bem como as relações que estabelece com a comunidade e com a cultura que representa, permite uma compreensão maior de suas dinâmicas e das redes que se dão frente a comunidade negra na cidade de Uberlândia. Assim, não se revela apenas os desafios de gestão enfrentados, mas também se destaca a resistência e a força da comunidade cultural que o habita, ampliando a visão sobre suas problemáticas e potencialidades.

Acredita-se que a legitimação de um equipamento cultural está intrinsecamente ligada à forma como este é ocupado. Longe de se afirmar apenas pela presença física do público, a apropriação implica um sentido de pertencimento, transformando-o em um local de afirmação de culturas e de identidades. Um equipamento cultural apropriado conta com a participação ativa da comunidade, que

passa a não só receber as atividades oferecidas, mas também as questiona e participa das decisões e das elaborações da programação, propondo novos modos de ser desse lugar.

A função social desses espaços se amplia quando apropriados, pois compreende-se que a cultura está diretamente relacionada ao desenvolvimento do pensamento crítico, à formação de subjetividades e à promoção do conhecimento. Estando para além do lazer, a oportunidade de vivenciar experiências culturais – seja por meio da música, dança, teatro, circo, artes visuais ou outras linguagens – pode ampliar a formação de um indivíduo.

Marilena Chauí (2008, p. 61) caracteriza a cultura a partir de três traços. O primeiro dá-se na compreensão da cultura como um trabalho, sendo um “movimento de criação do sentido”; o segundo traço da cultura é sua ação de provocar reflexão, visão, imaginação e sentimento sobre o que está oculto nas experiências vividas ou cotidianas; o terceiro é ser um direito do cidadão, principalmente em uma sociedade de classes, por abranger também o acesso aos bens e às obras culturais, o direito de se fazer cultura e participar das decisões sobre políticas culturais.

Segundo Santos (1993, p. 5), a cultura, juntamente ao território, é um componente essencial na formação do modelo cívico. O autor ainda indica que, “assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos” sendo a cultura uma forma de comunicação, uma herança, “um resultado obtido através do próprio processo de viver”. Vinculado à cultura, o território seria “mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico” (Santos, 1993, p. 61).

Tomando tais autores como horizonte, a pesquisa se preocupou em elaborar um panorama acerca do Graça que considera, principalmente, a relação que ele tem com a comunidade e a cultura a qual representa, incluindo as redes estabelecidas com o território que ocupa. De par com isso, o aporte da museologia social também foi fundamental para a pesquisa se debruçar na relação entre os sujeitos, a cultura e o território com o espaço museológico.

A museologia social surge como uma crítica à estrutura tradicional dos museus, por promover a participação ativa das comunidades. Seu objetivo é democratizar o acesso aos bens culturais por meio da inclusão, do empoderamento e da educação das comunidades, valorizando o protagonismo comunitário na gestão desses espaços. Segundo o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (2023), a museologia social:

tem como seu cerne a defesa de que o museu seja apropriado como uma ferramenta de uso comunitário e participativo, para que as pessoas pesquisem, compreendam, salvaguardem e divulguem suas próprias histórias nos seus próprios termos. O coração da proposta é que sejam tomadas coletivamente as decisões sobre que memórias são relevantes para serem preservadas, bem como os seus respectivos suportes, de forma que cada comunidade possa controlar a narrativa sobre si mesma, fortalecendo sua identidade ao estabelecer as conexões críticas entre o passado, o presente e os futuros desejados (IBRAM, *Museologia Social*, 2023, n.p.).

A noção de museu tomada pela museologia social não é a de um museu tradicional, centrado em acervos e coleções, mas sim de museus educativos e participativos, que servem à comunidade e atuam a partir do território em que estão inseridos. Busca-se um caráter libertário das instituições culturais, preocupa-se com a construção sensível e flexível do espaço museológico, que se adaptaria às necessidades de cada comunidade. Esse afastamento das estruturas tradicionais da museologia é evidenciado também na nova definição de museu da conferência de 2022 do International Council of Museums - ICOM, a qual estabelece que:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022, n.p.)

Somando a essa noção emancipatória de museu, o Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINOM, afiliado ao ICOM, busca uma reflexão acerca do papel dos museus na sociedade, em que esses possam contribuir para uma mudança social e cultural. O movimento reúne pessoas que se dedicam a uma museologia ativa e interativa. Segundo o texto de apresentação disponibilizado no site da MINON, o movimento:

agrupa, numa vasta plataforma de tendências e de organismos, indivíduos dedicados a uma museologia activa, interactiva, preocupados com a mudança social e cultural. Favorece a cooperação entre os utentes e os profissionais dos museus. Defende uma museologia aberta a todas as perspectivas que possam contribuir para fazer do museu e da exposição um instrumento de desenvolvimento da personalidade das comunidades e um laboratório de construção do seu futuro. Por isso, o MINOM defende a

aproximação intercultural e a criação de solidariedades a nível local, nacional e internacional.

O movimento para uma nova museologia busca um contraponto à constituição do museu universalizante, centrado em objetos e acervos e, principalmente, de raízes colonizantes. Mas, seria possível decolonizar o museu? Consoante Françoise Vergès (2023), essa seria uma impossibilidade. Como alternativa, a autora propõe a constituição do “pós-museu”, que implicaria reavaliar, recriar e questionar as arquiteturas, estruturas e formação desses espaços. O pós-museu seria uma “utopia emancipadora que despertaria sentidos, que deixaria sonho e imaginação voarem”, um espaço onde “poderíamos nos entusiasmar com criações coletivas ou individuais, gestos e rituais que oferecem maneiras diferentes de apreender o mundo humano e não humano” (Vergès, 2023, p. 48). O pós-museu ofereceria uma prática da vida. Nesse sentido, Vergès destaca os espaços comunitários e sociais que impõem modos diferentes de ser, indicando esse caminho como o futuro da construção do pós-museu.

Devo enfatizar aqui outro movimento, muito promissor, iniciado por comunidades subalternas e minorias, de criação de museus que preservam narrativas, objetos, sons, imagens, memórias e histórias; que reafirmam que as vidas negras, palestinas, indígenas e racializadas contam; que transmitem sonhos e lutas; que protegem arquivos, objetos e documentos contra o apagamento, a destruição e o roubo. Neles se definirá a criação do pós museu, isto é, de um museu que não se alinha às normas do museu ocidental, que buscou formas diferentes de exposição e funcionamento e ao mesmo tempo aprende com as normas de preservação que o Ocidente conseguiu desenvolver graças à sua riqueza... (Vergès, 2023, p. 43).

Com ênfase na relação entre os sujeitos, seus territórios e culturas, é possível aproximar o debate da Museologia Social a essa discussão, como um eixo que possibilitaria a criação de espaços vivos, já que sua constituição impõe a centralidade da comunidade e busca constituir espaços mais dinâmicos, interativos e participativos. Segundo o museólogo e cientista social Mário Chagas (2013), essa mudança possibilitaria a constituição de museus-rizoma, pois estes:

quebram hierarquias, movimentam-se com agilidade, democratizam suas práticas, exigem participação, criam linhas de fuga, trabalham a favor das redes e dos movimentos sociais, operam com metodologias de gestão horizontal e participativa [...] O foco desses museus são as pessoas, o seu

grande patrimônio são as pessoas e o território, a dignidade humana e a preservação da natureza (Chagas, 2013, p. 48).

O museu-rizoma não se limitaria apenas à formação de acervos ou à coleção e exposição de objetos, mas atuaria principalmente como agente mediador entre a população e sua cultura, operando a partir de relações horizontais e em relação ao território local. A construção dessa relação cultura-território possibilita também construções simbólicas, como a de pertencimento e a de identidade.

Para Santos (2007, p. 14), o território deixa de ser “apenas um conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas”, mas passaria a ser entendido como território usado, sendo que “o território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é [...] o lugar do exercício da vida.”

Sob tal perspectiva, o território ocupado e usado pelo Graça não se resumiria apenas ao espaço em que ele se insere, mas atuaria em rede com as regiões em que acontecem outras manifestações da comunidade negra em Uberlândia como, por exemplo, os espaços de ocupação das escolas de samba e dos ternos de congado. Isso porque “o território do museu já não é o edifício, mas sim a sua área de abrangência, que pode ser local, estadual, regional, nacional ou internacional” (Chagas; Pires, 2018, p. 296).

Vale ressaltar que a museologia social não se limita aos museus tradicionais, mas se interessa pelos museus comunitários, museus de território, ecomuseus, centros de cultura, galerias, arquivos e bibliotecas, espaços comunitários e educacionais, pontos e centros de memória, servindo a qualquer instituição que seja a favor dos protagonismos comunitários, da atuação participativa e da construção de espaços libertários. Dessa forma, as contribuições da museologia social podem ser aproximadas ao Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché já que é possível reconhecer um protagonismo da comunidade tanto nas gestões quanto na ocupação desse equipamento cultural.

Acerca dos Centros de Memória, sabe-se que estes surgem no Brasil a partir da década de 1980, paralelamente ao processo de redemocratização do país. Segundo Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015, p. 91), pode-se “atrelar o crescimento numérico dos centros de memória a certos elementos conjunturais que trazem à tona a necessidade de preservação da cultura e identidade das organizações”, isso, porque, de acordo com as autoras, nesse período, a maior parte do parque industrial brasileiro, estabelecido desde os anos 1950, passa para o controle de grandes corporações multinacionais, inclusive em setores

economicamente protegidos, como o bancário. Isso resulta em uma significativa reestruturação das empresas nacionais.

A princípio, o surgimento dos centros de memória está vinculado a instituições corporativas. Ao longo do tempo e com a disseminação deles, torna-se possível categorizá-los em dois eixos: os institucionais/corporativos e os artísticos/culturais. De natureza semelhante, eles são dedicados à *preservação*, à *documentação* e à *divulgação da memória* de determinada comunidade, instituição, cultura ou período histórico, e têm como propósito coletar, organizar e disponibilizar materiais que representem o grupo a que servem. Além disso, alguns centros de memória promovem atividades educacionais, exposições e eventos para envolver a comunidade e compartilhar as informações reunidas em seu acervo. Márcia Pazin, doutora em história social diz, em artigo publicado para o Itaú Cultural, que:

Um centro de memória é uma área, setor ou unidade – dentro de cada instituição – que tem como objetivo reunir, organizar, conservar e produzir conteúdo a partir da memória institucional, presente tanto na documentação histórica da organização quanto na memória de seus colaboradores e de outros atores relacionados à vida institucional (Pazin, Itaú Cultural, 2015).

Segundo Pazin (2015), os centros de memória corporativa desempenham um papel importante no desenvolvimento de uma reputação institucional, o que fortalece a imagem da empresa que pode empregar estrategicamente a memória na tomada de decisões. Esses centros também contribuem para a construção de uma cultura organizacional, uma vez que, conforme destacado pela autora, o conhecimento da história da instituição proporciona aos colaboradores uma sensação de pertencimento.

A autora também discorre sobre a organização que um centro de memória demanda, pois necessita que haja o envolvimento dos colaboradores e que exista uma equipe multidisciplinar, a qual envolve profissionais de diferentes áreas, como “historiadores, arquivistas, documentalistas, conservadores, comunicadores, designers, relações-públicas e educadores, entre outros” (Pazin, Itaú Cultural, 2015). Além disso, é necessário que seja traçado um plano para organização, exposição e disseminação dessa memória ao público desejado, bem como uma estrutura que possibilite o desenvolvimento dessas ações:

Por fim, a infraestrutura também é um ponto essencial. Trata-se normalmente da característica mais visível do centro de memória, que deve ser instalado de acordo com as ações que se pretende desenvolver. É necessário que exista uma reserva técnica, caso o centro recolha

documentos. É necessário que existam servidores e uma boa rede de dados, caso o objetivo seja desenvolver suas atividades em ambiente digital. É necessário que haja um espaço de encontro, se a ideia for que seus usuários utilizem o centro de memória como local de reflexão, pesquisa e troca de informações (Pazin, Itaú Cultural, 2015).

A partir dos objetivos e demandas traçados por Pazin para um centro de memória, é possível perceber uma certa defasagem no Graça, a mesma encontrada em outros equipamentos culturais da universidade³⁶: a falta de dotação orçamentária e de um plano de continuidade, dada a rotatividade das gestões, muitas vezes não remuneradas³⁷. Aqui, ressalta-se o questionamento de Camargo e Goulart (2015, p. 91) "Como diminuir o abismo que separa a teoria da prática, isto é, o discurso que lhes confere importância estratégica sem que sejam dotados de reais condições para atingi-la?".

Lídia Maria Meirelles (2015, p. 184-185) destaca que os museus universitários, em sua maioria, vivem no esquecimento das instituições que deveriam mantê-los, além de a conservação e estudo dos acervos se concentrarem mais em iniciativas pessoais de professores do que de incentivos institucionais.

Não fosse o trabalho abnegado de determinados profissionais que se desdobram e se esforçam para levar a cabo a busca pelos recursos e a execução das ações, essas instituições já não existiriam. A superação das carências de formação técnica em áreas diversas submete o já reduzido quadro funcional a assumir a maioria das tarefas dos museus. Além disso, nem todas as unidades museais possuem, claramente, uma identidade que permita reconhecer sua missão, estrutura de funcionamento, políticas e programas de ação. Inexiste uma política de aquisição para o processo do colecionamento, assim como muitos não têm uma definição de cargos, funções e organogramas definidos. A estrutura física se apresenta, em geral, adaptada em condições nem sempre convenientes para o público ou para suas necessidades técnicas. As exposições e ação educativa são realizadas de forma precária; na maioria das vezes, sem reconhecimento e apoio. Nessa conjuntura, talvez o problema mais complexo dos museus universitários seja a universidade. Nela reside o poder de decisão - portanto, a sorte e o futuro dessas instituições (Meirelles, 2015, p. 184-185)..

³⁶ Como os equipamentos culturais do Sistema de Museus (SIMU) da UFU: Museu da Biodiversidade do Cerrado – MBC, Museu Universitário de Arte – MUnA, Museu de Minerais e Rochas – MMR e o Museu do Índio – MUSINDIO.

³⁷ A coordenação do Graça é um cargo voluntário.

Segundo a autora, esses desafios são encontrados nos museus universitários da UFU, que carecem de políticas públicas que os amparem e os estimulem. Tais problemáticas podem ser expandidas ao Graça do Aché que, além disso, por não ser considerado um museu, nunca fez parte do SIMU da UFU, não esteve vinculado a uma unidade acadêmica na estrutura universitária e, ainda, é um setor dentro do organograma da UFU. Os equipamentos participantes do SIMU estão mais articulados e possuem mais visibilidade dentro da instituição, ainda que tenham as mesmas dificuldades no que diz respeito à dotação orçamentária e, por ser um setor, o espaço não tem autonomia ou recurso próprio, o que o leva a depender das divisões e da diretoria de cultura. Sem autonomia, é dificultada a possibilidade de estruturar melhor suas ações.

Nesse sentido, destaca-se a particularidade dos centros de memória que são um misto de arquivo, biblioteca e museu, o que dificulta a compreensão de sua atuação. De toda forma, independentemente se corporativos ou culturais, os centros de memória parecem se organizar a partir de um acervo, tendo como objetivo principal a preservação e a difusão da memória de determinada comunidade e/ou instituição. Segundo Camargo e Goulart (2015, p. 107) pode-se considerar como um “arquivo ampliado, com largo espectro de abrangência e alto poder informativo”.

Por estar dentro da estrutura universitária, o Graça parece considerar ainda sua função extensionista, já que promove eventos culturais além das atividades de pesquisa e formação, tendo por missão

a promoção de ações que preservem os valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, atuando como instrumento de fomento à superação das desigualdades raciais e desenvolvendo atividades educacionais e culturais direcionadas à comunidade negra de Uberlândia e região (Regimento Interno do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, art. 6).

Independente do nome atribuído ao Graça, é possível reconhecê-lo como um espaço cultural. Segundo o Plano Nacional de Cultura³⁸, os espaços culturais podem ser definidos como “locais de trocas e de disseminação da cultura” que “contribuem para democratizar a cultura e para integrar populações, tanto de áreas periféricas como centrais, pois oferecem aos cidadãos acesso a bens e serviços culturais”. O que se acrescenta no caso Graça é sua especificidade de atender e de cuidar da comunidade e da cultura negra em Uberlândia e Região.

³⁸ O Plano Nacional de Cultura (PNC) é um conjunto de princípios, objetivos, diretrizes, estratégias e metas que devem orientar o poder público na formulação de políticas culturais.

capítulo 2 . o centro de memória da cultura negra Graça do Aché



"Esse espaço, como todos os outros espaços voltados principalmente à cultura negra, ao povo negro, é sempre resultado de uma luta, de reivindicações, de reuniões, de discussões, de análises, de prós e de contras".

Antonia Rosa³⁹

primeiros movimentos - a criação de um Centro de Informação e Referência da Cultura Negra em Uberlândia

Elaborar um breve contexto que possibilite o vislumbre do cenário em que se constituiu o Graça do Aché requer que sejam consideradas as articulações do movimento negro em Uberlândia; a criação, em 1992, da Seção de Cultura Afro Brasileira na Secretaria Municipal de Cultura - SMC; a criação da Fundação Palmares, em 1988; e as articulações da militante do movimento negro, Maria da Graça.

Acerca do movimento negro em Uberlândia, a pesquisadora Fernanda Santos (2011) pontua que a comunidade negra da cidade tinha como demanda, desde a década de 1980, a criação de um espaço que possibilitasse a articulação de discussões, de debates e de atividades culturais que pudessem fortalecer, proteger e disseminar a cultura afro-uberlandense. Segundo a autora, essa década é marcada

³⁹ Em vídeo de apresentação do Graça, 2021.

pela formação de três grupos do movimento negro local: o Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta - Monuva; o Grupo de Consciência Negra de Uberlândia - Grucon; e o Grupo de Integração e Consciência Negra de Uberlândia - Griconeu⁴⁰. Sobre eles, Santos destaca que, ainda que não fossem político-partidários, sua força se dava também nas articulações políticas

pela sagacidade nas ações e relações estabelecidas ou evitadas, pelo jogo que se organiza no espaço do outro, pelo exercício do poder de barganha, pelas pressões sutis ou declaradas, que permitem, em meio às conformidades e desistências que ocorrem diante dos obstáculos encontrados, acumular vitórias (Santos, 2011, p. 94).

Um exemplo dessas vitórias foi a construção de um espaço físico para o Monuva, na década de 1980, que se deu a partir do incentivo e da doação de um terreno pela Prefeitura Municipal. Segundo a autora, essa conquista foi “resultado de longas negociações com o ex-prefeito Zaire Rezende” (Santos, 2011, p. 95).⁴¹ Essas articulações demonstram um modo de agir dos movimentos negros na cidade, que se dá a partir de reivindicações e de lutas que são vivenciadas não só pelos componentes desses movimentos, mas também por aqueles que compõem o congado e o carnaval.

Desse modo, não foi possível circunscrever quais movimentos e grupos específicos tensionaram com maior intensidade a criação do Graça, porém é necessário que se assinala que a criação desse espaço não se desvincula desse contexto, nem das demandas desses grupos que, segundo Santos tem suas práticas

forjadas nas vivências cotidianas dos sujeitos que experimentam determinadas relações sociais e nelas atuam através da criação de espaços de sociabilidades, festas, cartas de protesto, negociações e reivindicações abertas, de maneiras que tais práticas significam formas de lidar com as condições vividas por parcelas negras no município. Além disso, mostram-se lugares das articulações com os poderes públicos, de disputas pelos espaços da cidade, de parcerias com políticos, membros

⁴⁰ A autora ainda assinala a criação de diversos outros grupos nas décadas que se seguiram. A saber: Oriodara, Aliança Konscientizadora Afro Brasileira (Akab); Movimento de Mulheres Negras - Mulheres de Ébano; Movimento de Mulheres Negras Maria da Glória; Movimento Negro Renovador (MNR); Movimento Negro Ação Racial (Monara); Movimento Articulação e Integração Popular (Maipo); e Associação de Negros Empreendedores de Uberlândia (Aneuber). Santos salienta que “alguns deles se esfacelaram com o tempo” (Santos, 2011, p. 137).

⁴¹ Santos também apresenta desafios enfrentados pelo movimento para manter esse local, desde conflitos internos a conflitos com a Prefeitura Municipal. Durante os anos 2000, o Monuva teve dificuldade em fazer a prestação de contas da verba cedida pelo incentivo municipal. Também, enfrentou um “processo judicial a revogação da doação do terreno, por parte da prefeitura” (Santos, 2011, p. 156). Atualmente o Monuva segue ativo e mantém a mesma sede, localizada no bairro Vigilato Pereira.

das elites econômicas e setores acadêmicos, em meio a conflitos, manifestos e outros dissimulados, enfim, de busca por direitos sociais diversos, de pertencimento, de subvenções públicas, de visibilidade (Santos, 2011, p. 174).

Muitos são os fatores que podem ter contribuído para o surgimento do Graça, como quando, na década que se seguiu, em 1992, institui-se a Seção de Cultura Afro-Brasileira na Secretaria Municipal de Uberlândia - SMC⁴². Essa seção “passou por inúmeras transformações ao longo das suas diferentes gestões e das várias administrações municipais” (Santos, 2011, p. 137). Em 2001, ela se estabeleceu enquanto Coordenadoria Afro-Racial - COAFRO, que viria a ser a responsável pelos anos iniciais de gestão do Graça do Aché. Atualmente, é chamada de Diretoria de Igualdade Racial e não está vinculada à gestão do Graça. De toda forma, a criação dessa seção dentro da prefeitura marca a inserção do debate das pautas raciais na agenda municipal e advém de um período em que as reivindicações do movimento negro chegavam com maior intensidade no poder público de Uberlândia.

Outro ponto importante para contextualização do período de surgimento do Graça se dá em 1988, quando criada a Fundação Cultural Palmares - FCP, instituição vinculada ao Ministério da Cultura, e seu Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra - CNIRCN, que, dentre suas principais ações, mobiliza “parcerias com institutos e centros de pesquisas, universidades e congêneres para produção de conhecimento sobre as culturas negras brasileiras”⁴³.

A criação da FCP e do CNIRCN induziu uma crescente implementação de Centros de Referência em municípios do país, os quais se constituíram a partir de convênios e de parcerias com a Fundação Palmares e se organizaram, em sua maioria, a partir de gestões vinculadas às Prefeituras Municipais. Em Uberlândia, a princípio, essa dinâmica de gestão se dá de maneira diferente, isso porque, ainda que advinda desse contexto de criação de Centros de Referência em Municípios do país, o surgimento do Graça ocorreu por meio de um projeto da Universidade Federal de Uberlândia, cujo objetivo era viabilizar um espaço que pudesse “modernizar, potencializar e desenvolver ações na Cultura Afro-Brasileira de Uberlândia e Região”⁴⁴.

Sobre a escrita desse projeto, não foram encontrados documentos que possibilitem relacioná-lo com as articulações do movimento negro. De toda forma, essa relação aparece nas falas dos entrevistados da pesquisa, como compartilhou Antonia Rosa:

⁴² A SMC foi criada em 1984.

⁴³ De acordo com a apresentação do CNIRCN disponível no site da FCP.

⁴⁴ De acordo com o projeto de construção do Graça encaminhado pela UFU à FCP.

o que eu lembro é uma luta da comunidade, o Graça só existe por uma luta da comunidade, foi uma reivindicação mesmo do grupo do movimento negro. Foi uma parceria com a Universidade, com a Prefeitura, e com o Estado também, cada um com uma parcela de colaboração que atendeu a essa ansiedade, a essa reivindicação da comunidade. Eu lembro que foi um processo meio árduo mesmo de várias discussões de vários encontros⁴⁵.

Nesse sentido, Pedro Barbosa, historiador, carnavalesco, militante do movimento negro e amigo de Graça do Aché, assinalou que a ideia para construção do Graça foi “amadurecida com o movimento”.

Ainda, tem-se a figura de Maria da Graça⁴⁶ como uma das articuladoras para que se desse a construção do Centro de Referência. Segundo Ramon Rodrigues (2024), “o Graça começa em 1988”, ano da fundação do Bloco Aché, o bloco carnavalesco mais representativo da comunidade negra na cidade de Uberlândia. Segundo Ramon, Maria da Graça teria entrado em contato com o então Deputado Federal Gilmar Machado⁴⁷, sendo um dos mediadores entre a UFU e a FCP que, em parceria, materializaram a construção do Centro.

projeto, localização e construção

Em setembro de 2001, o então reitor da universidade, Arquimedes Diógenes Ciloni, encaminhou à Fundação Palmares o projeto “Construção do Auditório do Centro de Informação e Referência da Cultura Negra - CNIRCN de Uberlândia e Região”⁴⁸, que solicitava recursos à união para a construção do Centro de Referência, sendo missão desse espaço “[d]esenvolver ações que elevam a autoestima do povo negro e a valorização da diversidade nacional e potencialização da cultura local”⁴⁹. Apesar do título do projeto fazer referência à construção de um auditório, o projeto contemplava a construção do edifício completo.

⁴⁵ Antonia Aparecida Rosa, 2023. Uberlândia, MG, 23 de junho de 2023. Entrevista concedida a mim.

⁴⁶ Militante do movimento negro em Uberlândia, fundadora do Grêmio Recreativo Bloco Aché.

⁴⁷ Gilmar Machado (PT) foi eleito pela primeira vez como Deputado Federal em 1999. O deputado foi reeleito, atuando nas gestões 1999-2002, 2002-2005. Em 2001, ele presidiu a Comissão Parlamentar de Educação e Cultura do Congresso Nacional.

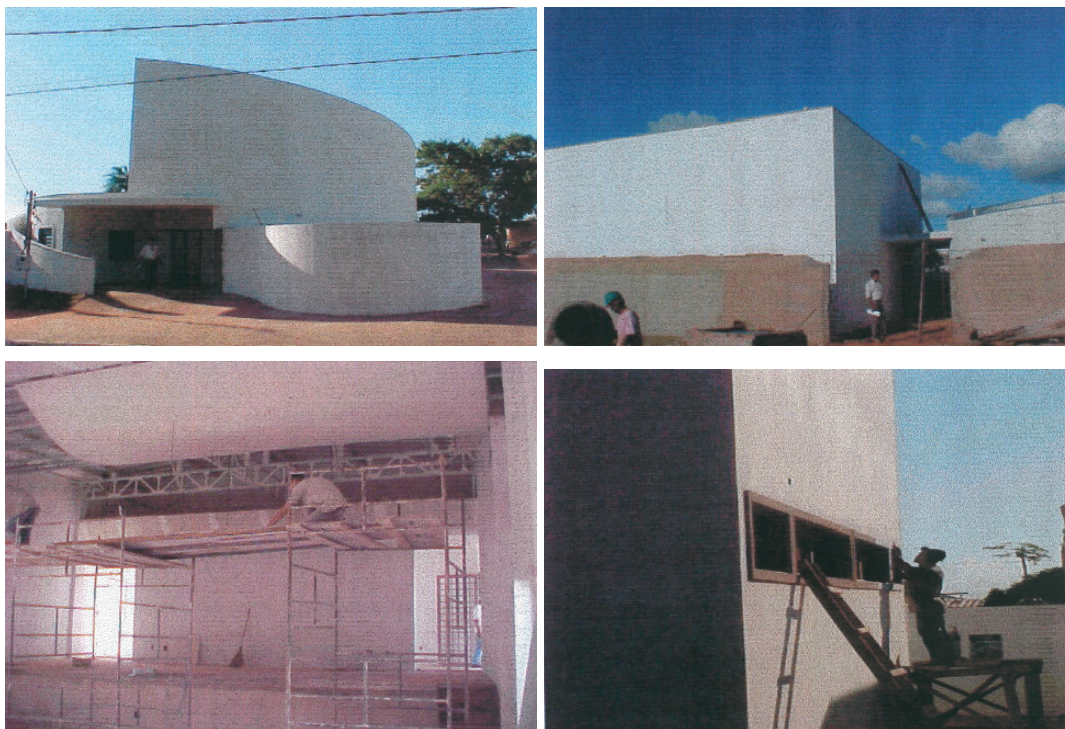
⁴⁸ O projeto e os documentos do processo de construção do Graça foram enviados a mim pela FCP através de solicitação por meio da Lei de Acesso à Informação. O compilado desses documentos pode ser acessado no link: <https://drive.google.com/file/d/162MHuSwbwt7Yo1X8eChQUaKi724GqAL8/view>

⁴⁹ De acordo com descrição do projeto enviado pela UFU à Fundação Palmares.

O convênio foi celebrado em dezembro do mesmo ano, sendo concedido, pela FCP, o auxílio financeiro para construção do Graça⁵⁰ e, também, seu projeto arquitetônico, de autoria do arquiteto Jônatas Nunes Barreto⁵¹. O arquiteto e então Coordenador Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra no período desenvolveu o programa do edifício, que se organizou em dois volumes. Jônatas também foi responsável pela fiscalização da obra, quando registrou o processo de construção do edifício, fazendo visitas à obra e ao projeto finalizado, como mostra as figuras abaixo.

O Graça foi construído no bairro Presidente Roosevelt na Avenida Cesário Crosara, esquina com a Rua Benedito Martinelli, em um terreno cedido pela UFU. O lote⁵² pertencia à Fundação Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia da UFU e, em junho de 2001, foi transferido para a Fundação de Assistência Estudo e Pesquisa, para que fosse encaminhado o registro do imóvel à FCP.

Figura 7: Fotografias da fiscalização da obra e projeto finalizado, 2001



⁵⁰ De acordo com o diário oficial da união, foram repassados R\$190.000,00 à UFU, sendo R\$180.000,00 para criação do CNIRCN e R\$18.000,00 para ação de contrapartida. Já segundo o Relatório de Gestão de 2000 da Fundação Palmares, o valor total do convênio foi de R\$110.000,00. Convênio / FCP N° 005/2000.

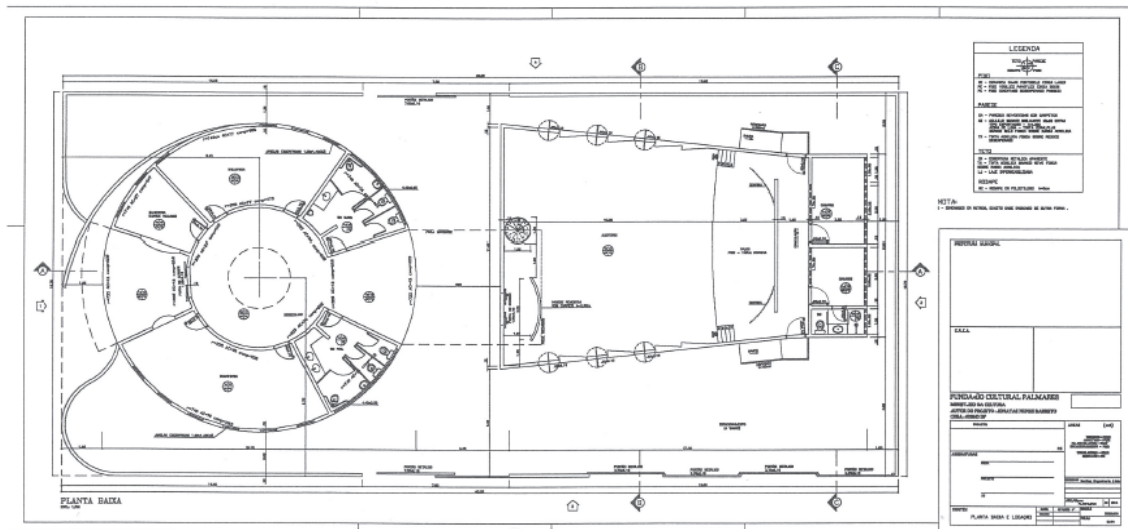
⁵¹ Arquiteto e Urbanista, Mestre em Arquitetura pela UnB, tem trabalhos para a UNESCO, para o IPHAN e para o Programa Monumenta do Ministério da Cultura.

⁵²O terreno destinado ao Centro tem 700 m² de superfície, e a área construída situa-se em torno de 300 m².



Fonte: Fundação Cultural Palmares.

Figura 8: Planta do Graça, 2001



Fonte: Fundação Cultural Palmares.

Inserido em um contexto com predomínio de residências de um a três pavimentos, a arquitetura do Graça busca marcar sua presença e definir um lugar. A implantação do edifício explora a esquina, e o volume resultante do jogo das curvas das empenas e dos muros resulta em um certo dinamismo que ora acolhe para seu interior, ora expande para o entorno. Entretanto, o interior do edifício é mais compartimentado e fragmentado. Os dois volumes, espaço de exposições e auditório, são independentes e conectados por uma marquise. Nesses espaços, concentra-se a maior parte das atividades do Graça.

O primeiro volume da planta, que dá acesso ao Centro, é voltado para a Avenida Cesário Crosara. Trata-se de uma edificação circular, organizada por um núcleo central, onde se implantou uma galeria que abriga exposições e oficinas. Ao redor da galeria, encontram-se a biblioteca, a secretaria e os banheiros. Já o segundo volume tem seu programa organizado em torno do auditório, que conta com palco e camarins, além de uma cozinha de apoio. A configuração do centro possibilita a articulação de diversas manifestações culturais, desde exposições de artes visuais a apresentações musicais, teatrais ou de dança. O auditório, por exemplo, tem cadeiras que podem ser empilhadas, o que possibilita que o espaço seja utilizado de modo mais flexível, amplo ou ocupado pelas cadeiras.

A área externa é ampla e abre-se para a Rua Benedito Martinele por um portão lateral que serve de acesso para estacionamento ou como espaço expandido do auditório e tem seu uso em eventos com maior ocupação, principalmente em apresentações musicais em que esses eventos se abrem para a rua.

Ao longo do tempo, o prédio passou por algumas reformas que modificaram a pintura externa e interna do edifício, além da instalação de um portão que antecede o hall de entrada do espaço⁵³.

⁵³ Em 2007, foi instalado um portão na fachada do Graça como resposta a um incidente em que um colchão foi queimado na entrada do espaço, que não contava com vigilância 24 horas e era ocupado à noite por desabrigados. Após o ocorrido, a DICULT solicitou à Prefeitura a instalação do portão, projetado por Luiz de Laurentiz, Diretor de Cultura do período, com ajuda de um estudante orientado por ele. Esse incidente destaca a vulnerabilidade do local sem vigilância e evidencia a subutilização do espaço naquela época.

Figura 9: Fachada Graça do Aché, 2024



Figura 10: acesso lateral Graça do Aché, 2024



Figura 11: Marquise que liga volumes Graça do Aché, 2024



Figura 12: área externa que acessa a Benedito Martinelli, 2024



Fonte: registros da autora.

Figura 13: Vista frontal da galeria pintada em amarelo, 2017

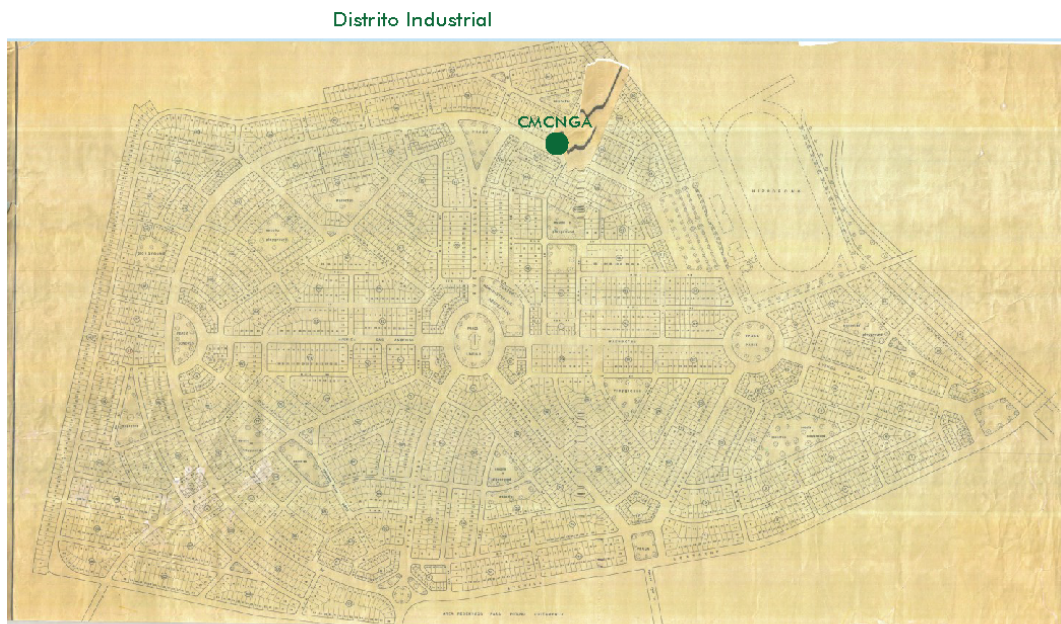


Fonte: acervo Felipe Sant'anna.

A configuração circular do primeiro volume lembra a estrutura radial (figura 14) do próprio loteamento do bairro em que se insere o Graça, o bairro Presidente Roosevelt. Esse, está localizado no Setor Norte de Uberlândia e foi projetado no final da década de 1940 por João Jorge Coury, difusor da arquitetura moderna e arquiteto expoente na região do Triângulo Mineiro. Nesse período, o Setor Norte de Uberlândia tinha uma crescente ocupação operária, marcada pela implantação da Estação de Ferro Mogiana, que iria em direção à Araguari, bem como pela implementação de um Parque Industrial na região.

Patricia Jeorgina Prado (2021, p. 89) assinala que “a proposta para o loteamento do bairro Roosevelt era a de ser um bairro destinado à classe operária, demandada como mão-de-obra para atender ao recém-implantado Parque Industrial”. A ocupação do bairro teve início em 1950 e, nesta década, ainda era caracterizado como zona rural. Atualmente o bairro Roosevelt está a 3 km do centro da cidade (figura 15).

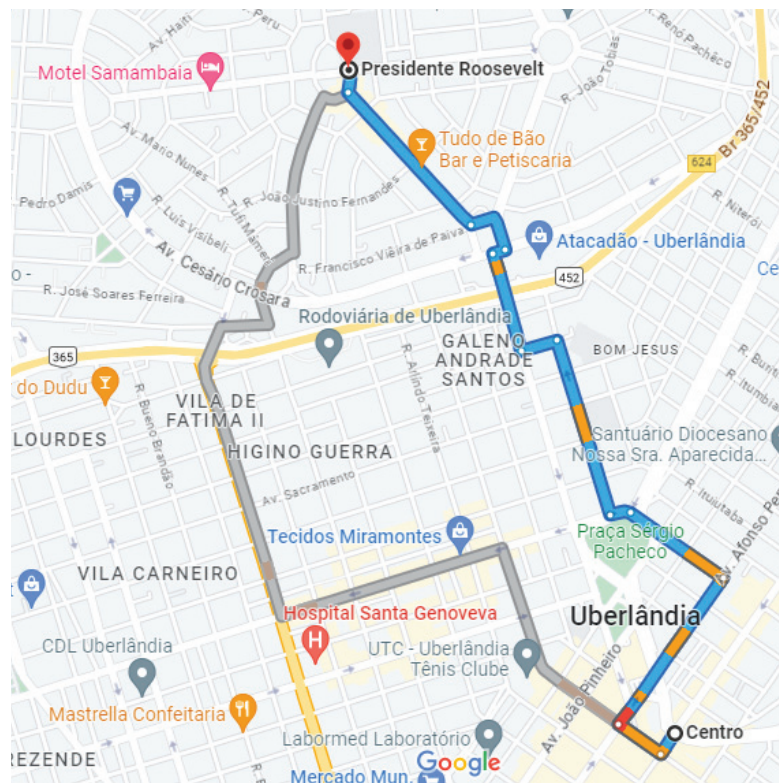
Figura 14: projeto urbanístico P. Roosevelt com marcador no Graça



Área Central

Fonte: Patrícia Jeorgina, (2021) alterado pela autora (2023).

Figura 15: percurso Bairro Presidente Roosevelt - Centro



Fonte: Google Maps.

Desde sua formação, o bairro Presidente Roosevelt tem passado por diversas modificações que impactam suas dinâmicas urbanas. Após sua primeira ocupação, predominantemente operária, foram implementados, nas décadas de 1970 e 1980, três conjuntos habitacionais que somaram mais de 400 unidades habitacionais ao bairro. Essa implementação alterou a paisagem urbana e impulsionou o crescimento do comércio local. Além disso, desde 2005, o bairro tem experimentado um processo crescente de verticalização, o que tem contribuído não só para seu aumento demográfico, mas também para uma maior heterogeneidade econômica entre os moradores. Hoje, o bairro Presidente Roosevelt é considerado um subcentro de Uberlândia, o que reflete sua importância dentro do contexto urbano da cidade (Prado, 2021).

A pesquisa de Prado (2021), além de oferecer uma análise detalhada da configuração urbana desse bairro, investiga sua história, ocupação, evolução e seu desenvolvimento. A autora também assinala a presença de diversos grupos sociais ao longo do tempo. No entanto, Prado não faz um recorte racial que possa evidenciar o bairro Presidente Roosevelt como representativo da comunidade negra em Uberlândia.

Assim, dá-se uma questão acerca da opção por este local, em 2001, para a construção do Graça do Aché, uma vez que essa escolha para a implantação de um equipamento cultural como esse, que existe a partir da necessidade de se pensar a preservação e a valorização de diferentes culturas e identidades culturais, em especial a da população afrodescendente, deveria prever a relação da comunidade negra com a cidade; considerando sua ocupação, os movimentos culturais precedentes, as vias de acesso público, dentre outros, o que possibilitaria que houvesse maior fruição entre a comunidade, o território e o Graça do Aché.

A escolha pela construção do edifício nesse bairro apresentou-se como uma decisão que não foi tomada de modo participativo. A partir das entrevistas e dos documentos reunidos pela pesquisa, não foi possível identificar ao certo quais foram os critérios utilizados para que a construção do Graça fosse nesse bairro, mas tudo indica que a disponibilidade do lote foi o principal critério de escolha.

Vale ressaltar que no bairro Presidente Roosevelt tem-se a sede de um terno de congado e de uma escola de samba⁵⁴, além de alguns terreiros de religião de matriz africana. Sobre a ocupação desse bairro pela comunidade negra, Antonia Rosa, em entrevista concedida à pesquisa (2023), compartilhou sobre sua surpresa ao reconhecer a negritude que se dava no entorno do Graça: "o Roosevelt é um território muito afro, sabe? um território que eu não tinha essa noção e eu também

⁵⁴ Terno de Congado Marujos Azul de Maio e Grêmio Recreativo Escola de Samba Garras de Águia.

não tenho nada de dado estatístico disso [...] quando eu comecei a ir diariamente no Graça eu falei, 'gente, nunca imaginei que tinha tanta gente da comunidade negra aqui'. Assim, apesar de não ser historicamente reconhecido como um bairro de resistência da comunidade negra na cidade, Antonia compartilhou certa identificação com esse território.

Nas entrevistas, também são mencionados os bairros Patrimônio e Santa Mônica como locais de resistência da comunidade negra em Uberlândia.

...quando a gente ficou sabendo que era lá [no bairro Presidente Roosevelt], a gente queria que fosse no Santa Mônica, pela presença maciça e forte que tem de cultura no Santa Mônica, mais fácil seria a ocupação do espaço [...] e a comunidade não foi consultada, sabe? Por exemplo, chamasse lá na época [...] e perguntassem o que vocês acham? [...] Aí a gente falaria que gostaria que fosse no Patrimônio, se fosse no Patrimônio a dinâmica era outra.⁵⁵

O Patrimônio é conhecido como um bairro de resistência negra na cidade de Uberlândia. Elesurgiu como um território isolado da cidade, que teria acesso ao centro apenas por meio de uma ponte que atravessava o Rio São Pedro⁵⁶. O bairro teve sua ocupação intensificada a partir da instalação do Matadouro Municipal em 1894, que se deu como possibilidade de trabalho à população da cidade e do entorno, em sua maioria negros recém libertos. A implementação do Graça nesse bairro seria muito significativa, por poder contribuir para a construção simbólica desse território que, atualmente, sofre com a especulação imobiliária.

Outro bairro que foi mencionado durante as entrevistas é o Segismundo Pereira. Para Ramon Rodrigues⁵⁷, esse era o bairro em que morava Maria da Graça e foi o primeiro local cotado para a construção. Ramon não soube dizer as razões que levaram o Graça a ser construído no bairro em que hoje se estabelece o espaço.

De todo modo, a construção do Graça no bairro Presidente Roosevelt não foi identificada como uma problemática atual para os entrevistados, visto que sua proximidade ao centro favorece o acesso ao centro de memória.

⁵⁵ Jeremias Brasileiro, 2023. Uberlândia, MG, 26 de setembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

⁵⁶ O rio foi canalizado onde hoje é a Av. Rondon Pacheco.

⁵⁷ Ramon, entrevistado pela pesquisa, acompanhou o processo de construção do Graça, fez parte da COAFRO e foi coordenador do espaço entre 2009-2012. Além disso, Ramon foi cunhado de Maria da Graça.

Graça do Aché - um nome de resistência

O nome de um espaço pode aproximar ou afastar. É pelo nome que nos conectamos inicialmente aos lugares, além de sermos introduzidos ao que o espaço é e ao que se propõe a partir deles. Por isso, antes de adentrar nas definições institucionais que foram atribuídas ao espaço, é preciso apresentar o nome que lhe faz conhecido: Graça do Aché.

Figura 16: bandeira Grêmio Recreativo Bloco Aché



Fonte: Facebook do Grêmio Recreativo - Bloco Aché.

Graça do Aché é uma homenagem póstuma a Maria da Graça de Oliveira, conhecida por Graça ou Graça do Aché. Graça foi uma mulher, preta, empregada doméstica e ativista do movimento negro na cidade de Uberlândia. Em 1988, no Centenário da Abolição da Escravatura, fundou o Bloco Aché⁵⁸, um dos blocos mais populares do carnaval uberlandense que, segundo Ivete Almeida⁵⁹ (2023)

⁵⁸ O bloco tem sede no bairro Segismundo Pereira.

⁵⁹ Ivete Almeida, líder do Grupo de Pesquisa "Estudos Negros - Grupo de Pesquisa em História e Representações dos povos e das culturas de matrizes africanas" (Estudos Negros/UFU) e atual coordenadora do Graça do Aché.



assumiu na cidade de Uberlândia o lugar de representante de temas e ações que visavam enfrentar e denunciar o racismo na sociedade brasileira como um todo e na sociedade uberlandense, em particular; criando uma ponte entre teoria e prática, entre o racional e o lúdico, entre o familiar e o não-familiar; o bloco, em suas ações aproveitava-se do espaço do carnaval, não apenas para a expressão artística e estética, mas também e principalmente, para que, por meio da arte e da estética, fosse possível promover a valorização da negritude, denunciar o racismo, dando visibilidade às pautas do movimento negro (Almeida, 2023, p. 44).

O Aché com CH foi colocado propositalmente por Maria da Graça para que todos compreendessem a sonoridade da palavra e para que a grafia chamasse atenção e pudesse levantar questionamentos. Sobre o bloco e o nome Aché Antonia comentou:

o bloco sempre trazia essas temáticas, temáticas sociais, temáticas históricas.. pra mim o grande lance do carnaval é trazer visibilidade para a história do povo preto. Então o bloco chamava Aché, ela (Maria da Graça) falava muito que muita gente achava que estava escrevendo errado, e quando alguém escrevia aché com X ela falava *'não é assim que é o meu Aché, o meu Aché é com CH, é pra ser diferente mesmo, é pra chamar a atenção mesmo'*. Se você fizer o levantamento, grande parte da comunidade negra uberlandense saiu no Bloco Aché⁶⁰.

Maria da Graça lutou pela preservação da memória e costumes da comunidade afro-uberlandense. Suas ações iam para além do Bloco Aché, Graça acreditava na mudança por meio da educação e se mobilizou para contribuir na formação de jovens e adultos, além de "acolher e orientar" (Almeida, 2023, p. 46) mulheres negras. Seu legado está marcado logo na entrada do Graça, que diz:

Quero mostrar a todos o poder do povo negro. Acredito na transformação dessa nossa juventude e quero que ela seja protagonista de sua estória. Existe a nossa frente um caminho a ser percorrido em direção ao futuro, e isto significa fazê-lo com consciência individual e coletiva nas trilhas de nossas raízes⁶¹.

⁶⁰ Antonia Aparecida Rosa, 2023. Uberlândia, MG, 23 de junho de 2023. Entrevista concedida a mim.

⁶¹ Maria da Graça Oliveira para a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Disponível em: <http://www.proexc.ufu.br/unidades-organizacionais/centro-de-memoria-da-cultura-negra-graca-do-ache>

Figura 17: Maria da Graça de Oliveira, Graça do Aché



Fonte: Antônio Pereira da Silva, 2007.

Aqui, assinala-se a importância deste nome, Graça do Aché, na representatividade do movimento e da cultura negra na cidade. Essa homenagem é muito simbólica, porque, além do espaço ter objetivos que se alinham com o que Maria da Graça sonhou para o povo negro, traz para o Graça a representatividade de um nome que é da própria comunidade.

trajetória, transformações e dinâmicas de gestão

*“Eu saí faz tantos anos da coordenação
e de vez em quando eu me pego sabendo que os
problemas estão lá, menores, mas estão lá.”
Ramon Rodrigues⁶²*

Um Centro de Informação e Referência da Cultura Negra

O Graça do Aché foi inaugurado em 23 de novembro de 2002, a partir de uma parceria entre a UFU e a FCP, estabelecendo-se como um *Centro de Informação e Referência da Cultura Negra de Uberlândia e Região*. O projeto submetido pela UFU à FCP delineou a missão do centro de referência como sendo a de “desenvolver ações que elevam autoestima do povo negro e a valorização da diversidade nacional e potencialização da cultura local”. De acordo com o Relatório de Atividades da FCP (2000), o Graça buscaria

recuperar, preservar e divulgar, dar acesso ao conhecimento cultural conjunto da população e como núcleo do CNIRCN repassará sem migrar, a sua cultura local e regional, integrando-se ao processo de Cultura Nacional. Este Centro permutará informações, pesquisas e dados culturais com os demais núcleos do Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra (CNIRCN). O terreno onde será construído o edifício sede localiza-se no perímetro urbano de Uberlândia, integrando um conjunto de novos espaços urbanos singulares por possuírem caráter cultural e turístico (Relatório de Atividades 2000 - Fundação Cultural Palmares, p. 6).

Nesse sentido, para que seja possível elucidar o que é um Centro de Informação e Referência, toma-se por base o Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra da Fundação Palmares - CNIRCN. A FCP organiza-se a partir de três eixos principais: 1) informação e referência; 2) fomento à cultura e; 3) proteção, preservação e articulação. Aqui, para traçar uma relação do que viria a ser essa primeira formação do Graça, destaca-se o primeiro eixo, que constitui CNIRCN. Segundo a FCP, em texto de apresentação do departamento de Informação e referência, o CNIRCN:

⁶² Ramon Rodrigues, 2024. Uberlândia, MG, 09 de agosto de 2024. Entrevista concedida a mim.

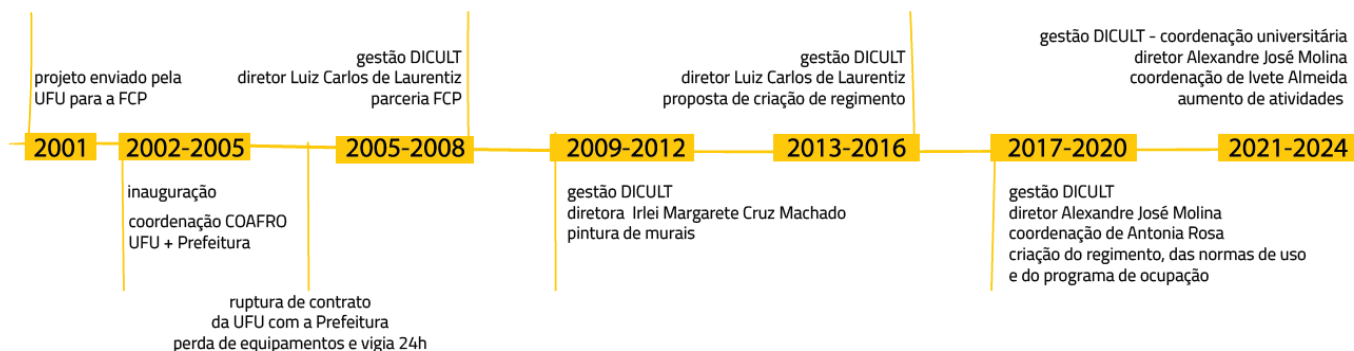
é dedicado à preservação e disseminação da rica herança cultural afro-brasileira. No coração da missão da Palmares está o compromisso inabalável com a valorização da identidade negra e o reconhecimento de suas inúmeras contribuições para a sociedade brasileira e mundial. O CNIRC visa ser uma fonte de conhecimento e inspiração, reunindo um acervo que conta com cerca de 12 mil itens entre livros, fotografias, pinturas, esculturas e filmes sobre a cultura negra, desde suas raízes ancestrais até suas manifestações contemporâneas. O Centro também visa ser um espaço inclusivo, onde pesquisadores, estudantes, artistas, educadores e o público em geral poderão explorar e celebrar a diversidade cultural e a riqueza intelectual das comunidades quilombolas e afrodescendentes. A área busca promover parcerias educacionais e eventos culturais que visam aumentar a conscientização sobre a contribuição histórica e contemporânea da África para a sociedade. Além de trabalhar em colaboração com escolas, universidades e organizações comunitárias para enriquecer os acervos da Fundação e promover uma compreensão mais profunda da diversidade cultural.

A apresentação citada pode servir como referência para as ações que deveriam acontecer na primeira formação do Graça, como a realização de parcerias com outras instituições e, também, a criação de um acervo. Cabe destacar que, até o presente momento, o Graça não possui uma coleção de objetos ou documentos que possam colaborar para a formação de um acervo significativo, sendo a maioria dos registros disponíveis provenientes da gestão iniciada em 2017.

Dessa forma, um dos grandes desafios desta investigação consistiu em encontrar documentos que pudessem lançar luz sobre os projetos de gestão e a programação do espaço desde seu início. De todo modo, é certo que o Graça surge como um potencial espaço para disseminação da cultura negra local e regional que, atuando em parceria com o CNIRC, possibilitaria o desenvolvimento de atividades que complementariam os eixos principais da Universidade: pesquisa, ensino e extensão.

Por fim, após a inauguração, o Graça passou por dois tipos de gestão: a princípio, uma gestão municipal e, posteriormente, uma universitária. Essas gestões e os desafios enfrentados serão apresentados a seguir. Assim, para facilitar a compreensão desse percurso histórico, apresenta-se uma linha do tempo que se divide em seis ciclos de quatro anos, de acordo com a imagem abaixo. Os ciclos expostos acompanham as gestões universitárias que se renovam a cada quatro anos.

Figura 18: linha do tempo Graça do Aché



Fonte: organizado pela autora.

gestão inaugural, uma parceria entre a Universidade Federal e a Prefeitura Municipal

Entre 2002 e 2005, a gestão ficou a cargo da Prefeitura, por meio de uma parceria entre a Diretoria de Cultura - DICULT da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX) da UFU e a Secretaria Municipal de Cultura - SMC, que coordenou o centro por meio da Coordenadoria Afro-Racial de Uberlândia - COAFRO. Sobre os movimentos para que essa gestão se efetivasse, Pedro Barbosa contou:

Me lembro que a princípio, quando foi construído o prédio, houve a seguinte demanda: quem vai administrar o espaço? o município ou a universidade? aí, naquele momento, quem estava organizado do ponto de vista institucional, era o município com relação à demanda da população negra, porque tinha a COAFRO. Então a COAFRO passou a administrar e ficou sempre esse processo.. ora o município, ora a universidade.⁶³

A COAFRO⁶⁴, foi fundada em 2001, na gestão do Prefeito Zaire Rezende (PMDB), para “cuidar dos assuntos afros na cidade”⁶⁵. Dentre os funcionários convidados para compor essa coordenadoria, estava Jeremias Brasileiro da Silva, historiador, escritor e comandante geral da festa de congada em Uberlândia. Por seu notório saber e envolvimento com as manifestações da população negra na cidade,

⁶³ Pedro Barbosa, 2023. Uberlândia, MG, 14 de dezembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

⁶⁴ Fundada em 2001, na gestão do Prefeito Zaire Rezende (PMDB). Em 2009, ao perder espaço físico e ter número de funcionários reduzidos, tornou-se a Diretoria de Assuntos Afro-Raciais (DIAFRO) na gestão do Prefeito Odelmo Leão (Progressistas).

⁶⁵ Correio de Uberlândia. Assuntos afro. Jornal Correio, 3 de janeiro de 2001.

Jeremias foi convidado a compor a COAFRO e se tornou o primeiro coordenador administrativo do Graça. Em um trecho da entrevista para a revista *Em Cômodos* (2005) da DICULT, Jeremias conta sobre esse período de atuação, destacando os desafios encontrados na gestão. Segundo ele, o Graça:

é um projeto que contempla toda a diversidade cultural de Uberlândia. É coordenado pela COAFRO desde 2001. Temos a dificuldade de equipar o Centro, ou seja, há carência de ações efetivas no sentido de propiciar à comunidade, principalmente a comunidade negra, o acesso aos bens culturais que queremos disponibilizar nesse ambiente. Nesse sentido, houve um certo abandono. Faltaram apoios para que alguns projetos fossem realizados. Um dos objetivos do Centro é torná-lo um espaço de intercâmbio cultural (Brasileiro para Revista *Em Cômodos*, 2005, p.10).

Nesse sentido, em entrevista para pesquisa (2023), Jeremias compartilhou as dificuldades em se ter um espaço mas não ter uma “dotação orçamentária real”. Além da falta de recursos financeiros, foi apontada pelo ex-coordenador a falta de pessoas para cuidar do Graça: “você não ter pessoal, o humano para cuidar do espaço, você também então não conseguia movimentar a comunidade para a ocupação do espaço, sabe...”. Esses desafios limitaram a possibilidade da constituição do Graça enquanto espaço com atividades continuadas, o que parece ter levado a um afastamento da comunidade com o Centro de Referência, sobre isso, Jeremias compartilhou que:

talvez o grande problema foi que se construiu o espaço mas não se preocupou naquele início em se construir o humano do espaço, que seriam pessoas mesmo dentro do Graça do Achê [...] esse distanciamento que foi aos poucos minando o Graça do Achê como aquilo que ele foi realmente previsto, pensado... Como um Centro de Referência.⁶⁶

Essa falta de recursos financeiros e humanos é muito pertinente para a análise da atuação de gestões culturais, conforme Rubim (2019, p. 24), é indiscutível o “lugar primordial” da falta de verba como problema a ser enfrentado pela gestão, “mas os recursos humanos disputam este lugar prioritário, pois uma boa equipe de pessoal sabe inclusive construir projetos e viabilizar a captação de recursos” (Rubim, 2019, p. 24). Nesse sentido, a falta de equipe preparada afetou não só a gestão de parceria entre a UFU e a SMC, mas também pôde ser percebida nas gestões universitárias que se seguiram.

Ainda sobre esse período de gestão, COAFRO (2001-2005), não foram

⁶⁶ Jeremias Brasileiro, 2023. Uberlândia, MG, 26 de setembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

encontrados documentos que pudessem contribuir para a investigação dessa atuação. A SMC informou que não havia documentos disponíveis sobre esse período e Jeremias contou, com pesar, que todos os documentos da COAFRO foram repassados aos próprios funcionários da coordenadoria e que a maioria deles estava em um HD que havia queimado. A perda de documentos relacionados ao Graça foi mencionada mais de uma vez nas entrevistas realizadas pela pesquisa. Um dos entrevistados assinalou que “na prefeitura é o lugar mais fácil de perder memória da população negra...”.

Em 2005, na troca de mandato resultante da eleição do prefeito Odelmo Leão (Progressistas), encerrou-se o contrato de parceria entre a UFU e a SMC, o que deu início a uma gestão universitária. Durante essa transição, a SMC recolheu os equipamentos cedidos ao Graça e também desligou o vigia que trabalhava no local 24 horas. Essas movimentações prejudicaram o início da nova gestão universitária, agora sob responsabilidade da Diretoria de Cultura da UFU, que ainda era muito pequena na Universidade.

Gestão universitária

Desde 2005, a DICULT passou a ser responsável pela gestão do Graça. Os mandatos para diretoria de cultura da UFU se dão em ciclos de quatro anos. No primeiro mandato de gestão universitária, o diretor de cultura foi o professor Luiz Carlos de Laurentiz⁶⁷. Luiz foi entrevistado pela pesquisa (2023) e compartilhou os desafios dessa primeira gestão, em que o Graça se encontrava “subutilizado”, não só pela falta de recursos humanos e financeiros, mas ainda pela falta de equipamentos básicos para a realização de atividades no centro.

Nesse sentido, dentre as ações realizadas no período de gestão entre 2005 e 2008, destaca-se: a doação de equipamentos audiovisuais ao Graça; a realização de eventos viabilizados através de incentivo da FCP; a criação da logo do Graça; e o início da parceria do Graça com o projeto rede Polo UFU Arte na Escola.

A doação de equipamentos foi feita pela FCP, por meio do historiador e professor Ubiratan Castro, que, na época, era presidente da fundação. Luiz compartilhou que Ubiratan veio a Uberlândia para participar de um evento e que, na oportunidade, o ex-diretor de cultura apresentou a situação do Graça e fez uma solicitação de auxílio para o historiador que conseguiu, através da FCP, a doação de um kit de audiovisual que tinha uma máquina fotográfica, uma filmadora, uma

⁶⁷ Luiz de Laurentiz foi Diretor de Cultura da DICULT - UFU em dois períodos: 2005-2008 e 2013-2016.

máquina de projeção e um *datashow* com *slides*. A entrega desse kit foi feita pessoalmente por Ubiratan.

Essa doação proporcionou ao Graça condições mínimas necessárias para a realização de atividades como oficinas e exibições de filmes. A aquisição desses equipamentos foi fundamental para os eventos organizados durante essa gestão, destacando-se aqueles realizados com o incentivo da FCP, em 2007. Esses eventos foram possíveis graças a projetos submetidos pela DICULT a editais da FCP. A programação dos eventos de 2007 se apresenta nos postais (Figuras 19 e 20) compartilhados por Luiz para a pesquisa. O apoio da FCP parece ter sido fundamental para a viabilização desses eventos que possibilitam um vislumbre da programação que se deu no Graça neste período (2005-2008)

O primeiro postal apresenta uma agenda cultural composta por oficinas de fotografia e audiovisual, mostras de vídeo documentário e cinema. Já a programação do evento UFUZUÊ contou com exposição de artes visuais e audiovisual, debate com artistas com experiências de trabalhos envolvendo a cultura negra e, também, apresentação musical de samba pagode e samba popular.

Figura 19 - postal 1 - agenda cultural do Graça, janeiro e fevereiro de 2007

ENTRADA FRANCA

Lu de Laurentiz Arquivo

Oficinas:

Fotografia:
22 a 26 Ministrante: Paulo Soares Augusto

Audiovisual:
29 a 2 fev. Ministrante: Edinaldo Rodrigues Lucas

Mostras:

Video-documentário:
25 Olhar Descalço [Brasil; 2006; *Olhar Descalço*] - Produção: Nara Sbrreebow - 23 min.

Fotografia:
22 a 28 fev. Grande Outeiro em flash black
 Álbum de família dos afrodescendentes de Uberlândia - Fabiola Bertica

Cinema:
26 [OTELO em GRANDES filmes];
 A Dupla do Barulho [Brasil; 1953; *A Dupla do Barulho*] - Direção: Carlos Manga - 90 min.

Horários:
Oficinas e Mostra de Fotografia: 13h as 17h
Mostras de Video-documentário e Cinema: 17h

Mostras:

Documentário:
8 Saravah [França; 1969; *Saravah*] - Direção: Pierre Barouh - 100 min.

8 Língua, Vidas em Português [Brasil / Portugal; 2004; *Língua, Vidas em Português*] - Direção: Victor Lopes - 90 min.

15 Seleção de curtas do cineasta brasileiro negro Zóximo Bulbul.

Cinema:
2 [OTELO em GRANDES filmes];
 Macunaima [Brasil; 1969; *Macunaima*] - Direção: Joaquim Pedro de Andrade - 108 min.

9 Rio, Zona Norte [Brasil; 1957; *Rio, Zona Norte*] - Direção: Nelson Pereira dos Santos - 90 min.

16 [2 cineastas 1 assunto: o negro];
 Amistad [EUA; 1997; *Amistad*] - Direção: Steven Spielberg - 154 min.

23 Elas Me Odeiam, Mas Me Querem [EUA; 2004; *She Hate Me*] - Direção: Spike Lee - 138 min.

Local:
 Casa de Cultura Graça do Axé
 Av. Cesário Cressara Nº 4.187 b, Roosevelt

Informações: www.ufu.br | 3239 4830

realização: dicult PROEX UFU

apoio: Ministério da Cultura BRASÍLIA GOVERNO FEDERAL

Ministério da Cultura FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

agenda cultural janeiro | fevereiro 2007

CASA DE CULTURA GRAÇA DO AXÉ

Casa de Cultura Graça do Axé

Fonte: Arquivo Lu de Laurentiz.

Figura 20: postal 2: UFUZUÊ - programação mês de abril, 2007



Fonte: Arquivo Lu de Laurentiz.

Figura 21: logo Graça do Aché, 2007

Em 2007, criou-se também a logo do Graça, feita por Bruno Ravazzi, na época, estagiário da DICULT e aluno do curso de Artes Visuais. Na logo, destaca-se a utilização de Casa de Cultura⁶⁸ para se referir a esse espaço, como mostra a imagem ao lado. Uma Casa de Cultura, diferente de um Centro de Referência, não tem como objetivo central a construção de um acervo, mas visa a “reunir, num mesmo local, diversas formas de representação artística: literatura, teatro, dança, música e artes plásticas” e a “tornar a cultura acessível ao maior número de pessoas” (Silveira, 2022)⁶⁹.



Fonte: Arquivo Lu de Laurentiz.

A apresentação desse objetivo contribui para uma leitura desse primeiro período de gestão universitária do Graça, que parece ter o concebido como casa de cultura, com atividades diversas que não estariam necessariamente vinculadas ao propósito deste equipamento cultural, isso é, de ser um centro de informação e

⁶⁸ O Graça também é referido como Casa de Cultura nos postais apresentados anteriormente (Figuras 19 e 20).

⁶⁹ A terra é redonda. Casas de cultura e ocupações culturais. Disponível em:

<https://aterredonda.com.br/casas-de-cultura-e-ocupacoes-culturais/#:~:text=Elas%20tinham%20o%20objeto%20de,ao%20maior%20n%C3%BAmero%20de%20pessoas>. Acesso em 16 de maio de 2023.

referência da cultura negra.

Em 2008, como alternativa para ocupação continuada do espaço, deu-se uma parceria entre a DICULT e o projeto Polo UFU Arte na Escola⁷⁰. O projeto de assessoria a grupos de formação continuada de professores de arte passou a realizar suas atividades no Graça⁷¹. Coordenado por Eliane Tinoco, o projeto continuou tendo o Graça como sede até 2018. Essa parceria, segundo Eliane e Luiz, entrevistados pela pesquisa, apresentou-se como uma saída para que o Graça não ficasse fechado. A coordenadora do projeto afirmou que “nunca foi formalizada uma parceria entre o Graça e o Polo. A única formalização que existia era entre a UFU e o IAE, onde a UFU se comprometia a manter um espaço para o funcionamento do polo.”

Assim, as atividades realizadas no Graça nessa gestão (2005-2008), ainda que significativas, ocorriam de modo pontual, o que parece ter prejudicado a construção de expectativa da comunidade em relação ao espaço. Luiz também compartilhou sobre a falta de reconhecimento daquele local frente a comunidade do bairro Presidente Roosevelt, notando que essa descontinuidade de atividades “não dava margem para um reconhecimento” do Graça e que, por muito tempo, “as pessoas passavam ali na frente e não sabiam o que era”.

A percepção de Luiz acerca desse primeiro momento de gestão sugere que os primeiros anos do Graça não foram efetivos na construção de uma relação com o entorno. Essa falta de reconhecimento do espaço pela comunidade que mora nos arredores do Graça apresenta um desafio que foi enfrentado também pelas gestões que se seguiram.

Em 2009, iniciou-se a gestão da Prof^a Dr^a Irlei Margarete Cruz Machado⁷². Apesar de não ter sido possível entrevistar a diretora de cultura do período, os documentos levantados pela pesquisa possibilitam destacar os seguintes acontecimentos entre 2009-2012: a pintura de murais permanentes no Graça; a coordenação de Ramon Rodrigues; a realização da exposição “Congadas

⁷⁰ O projeto surgiu em 2001, fruto da parceria entre a UFU e o Instituto Arte na Escola - IAE, com foco na formação continuada de professores de Arte. Sediado inicialmente no Museu Universitário de Arte - MUnA, o Polo atuava com o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais - CEMEPE e o Núcleo de Pesquisa no Ensino de Arte - NUPEA, organizando anualmente o Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte. Em 2011, o projeto Professor-artista foi criado, incentivando professores de Artes Visuais a desenvolverem suas poéticas.

⁷¹ Alguns registros de atividades realizadas no Graça pelo projeto Polo UFU Arte na Escola foram compartilhados pela entrevistada Eliane Tinoco, coordenadora do projeto no período. Esses registros podem ser acessados por meio do link: <https://drive.google.com/file/d/1WqVF2yg-grK5bvlfx2oqPvin-x13dhvS/view>

⁷² Professora aposentada pela UFU, graduada em Artes Cênicas pela UFRGS, mestre em Artes pela USP e doutora em Literatura pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle).

Desenhantes”; a atividade semanal de dança de salão⁷³ e de capoeira; e a continuidade do projeto Polo UFU Arte na Escola.

No final de 2009, por ocasião da exposição “orixá oxalá”, dois murais permanentes de autoria do artista Wilson Filho⁷⁴ foram pintados próximo à sala circular de exposições, na antessala que dá acesso ao auditório. O artista, em depoimento à autora, descreveu⁷⁵ o processo de criação dos murais permanentes que pintou no Graça. A exposição contava com trabalhos dele e inaugurou os murais que, até atualmente, permanecem no espaço.

Figura 22: Oxalufan e Oxaguiã por Wilson Filho, 2009



Fonte: arquivo Wilson Filho.

⁷³Dança de Salão "Graça do Achê": uma narrativa fotográfica possível. Isley Borges. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fLdv-fowrzw>. Acesso em 30 de março de 2023.

⁷⁴Wilson Filho, bacharel em Artes Plásticas (2003-2007) e mestre em Letras: Teoria Literária (2010-2012) pela Universidade Federal de Uberlândia, com doutorado em andamento na mesma instituição, também em Letras.

⁷⁵O artista compartilhou imagens e um texto em que conta sobre a história e os processos do mural. O material concedido pode ser acessado por meio do link: https://drive.google.com/file/d/1IYyPI1lzDCE78YrgkadWPe2u2jM_ajGT/view?usp=sharing

Em 2010, inaugurou-se a exposição Congadas Desenhantes, a qual reunia desenhos de estudantes e de professores da UFU que, coletivamente, desenharam as festas Congadeiras de 2009. Em 2012, os alunos do curso de Comunicação Social da UFU fizeram uma foto-reportagem das aulas de Dança de Salão que aconteciam no Graça. Os registros dessas atividades são apresentados abaixo.

Figura 23: convite Congadas Desenhantes e fotografias da exposição - 2010

CONGADAS DESENHANTES
exposição coletiva de desenho

A proposta da exposição coletiva Congadas Desenhantes é apresentar os desenhos resultantes do segundo ano de atividades do projeto. Em 2009 contamos com a participação de estudantes e professores da UFU e da UFMG que desenharam acompanhando os ternos de congo nas ruas, nos quartéis, na praça em frente a igreja Nossa Senhora do Rosário; durante as festividades das Congadas em Uberlândia. Na abertura da exposição faremos o lançamento dos Postais + CD com imagens e textos produzidos pelos participantes do projeto em 2009.

Artistas participantes:
Andressa Boel, Angélica Beatriz, Beatrice Bonami Rosa, Camila Ortigosa, Carla Jacqueline Sousa, Clebea Soares, Daniel Neto, Danilo Ignácio, Fernanda Rodrigues, Gabriela Sousa Costa, Higgor Vinnicius, Isabela Pedra, Isabela Quintão, Karyna Novais, Leonardo Alves, Leonardo Cardoso, Lucas Barros dos Santos, Lucas Albergaria, Luciana Arslan, Márcio Araújo Costa, Mara França, Maria do Céu Diel, Priscila Fernanda Ribeiro, Regivane A. Nogueira, Roberto Freitas, Simone Guaratto, Virgínia Cantarelli.

Curadoria da Exposição:
Glayson Arcanjo

ABERTURA
14 de outubro (quinta-feira), às 19h30.

VISITAÇÃO
15 de outubro à 10 de novembro 2010.
de segunda a sexta-feira da 8:00 as 11:30 e das 13:30 as 17:30.

LOCAL
CASA DA CULTURA GRAÇA DO ACHÉ
Av. Cesário Crossara, 4.187 - Bairro Roosevelt

Projeto:
COLETIVOS DESENHANTES
Grupo de pesquisa:
INTERCULTURALIDADE E POÉTICAS DA FRONTEIRA - DEART/FAFCS/UFU.

Concepção de imagem do convite: Andressa Boel

Fonte: <https://congadasdesenhantes.blogspot.com/> - Fotos de Alessandro Gomes

Durante esse período de gestão, as atividades do projeto Polo UFU Arte na Escola se mantiveram ativas. Em entrevista para a pesquisa, tanto Wilson Filho quanto Eliane Tinoco, coordenadora do projeto, indicaram que, nesse período, a coordenação do espaço estava representada por Ramon Rodrigues.

O coordenador mencionado é funcionário da UFU desde 1992 na Divisão de Vigilância e Segurança Patrimonial. Ramon é capitão do terno de Congado Moçambique de Belém, fez parte da COAFRO no governo Zaire e da Superintendência da Igualdade Racial, no governo de Gilmar Machado, além disso Ramon era cunhado de Maria de Graça. Na ocasião de sua coordenação, Ramon, em entrevista concedida para a pesquisa, contou que foi emprestado para a PROEXC, dada sua experiência na atuação política do movimento cultural negro em Uberlândia e também, pela sua proximidade com Maria da Graça, da qual, segundo ele, era “escudeiro” dentro do bloco.

Além de acompanhar a construção do Graça, Ramon foi coordenador nesse

período de gestão. O entrevistado não soube precisar os anos de sua atuação, mas suas memórias mais vívidas se dão no período de 2009-2012. Sobre essa gestão, ele confirmou que as atividades continuadas eram as aulas de dança de salão e capoeira, mas reforçou os desafios que teve na relação com Irley Machado.

Segundo Ramon, as divergências com a diretora de cultura do período foram um desafio para que pudessem ser estabelecidas as atividades mais vinculadas à cultura negra no espaço. O ex-coordenador disse que faltava um “viés construtivo” na gestão da diretora, que pensava em atividades mais eruditas para o espaço como aulas de “piano e violino”, o que se distanciava do propósito do Graça. Como exemplo de um dos desentendimentos, Ramon contou que a ex-diretora de cultura tentou apagar os murais pintados por Wilson Filho. O ex-coordenador disse que “eram convivências difíceis”.

Ramon reconheceu que a parceria com o projeto Polo UFU Arte na Escola foi valiosa para o espaço e que, em parceria com Eliane, fizeram um trabalho de “sustentação” do Graça, já que os recursos eram escassos. Sobre esse período, Ramon contou que pouco a pouco a comunidade reconhecia aquele espaço e que, em algumas ocasiões, o Graça foi emprestado para seminários, palestras e treinamentos advindos de demandas da comunidade negra.

A gestão de 2013 a 2016 contou com a retomada do Prof. Dr. Luiz de Laurentiz no cargo de diretor de cultura. Acerca desse período é possível destacar: o aumento de atividades do espaço, vide calendário de atividades; a continuidade do projeto Polo UFU Arte na Escola; a menção dos desafios enfrentados por essa gestão no Relatório Final de Gestão da DICULT-PROEXC; e a proposta de criação de regimento e normas de uso do Graça.

Dentre os documentos cedidos pelo então diretor de cultura do período, tem-se um calendário de atividades realizadas em 2016. Os eventos e atividades dispostos nesse calendário apontam a realização de cinco atividades semanais, a saber: encontros do Polo UFU Arte na Escola; aulas de Karatê Pedagógico, Krumping e Capoeira; e Oficina de Modelos. Dentre os eventos realizados ao longo do ano, apresentam-se o *Projeto Out Door Arte: cantos e encantos de Uberlândia*; o *Seminário Cultura Hip Hop no Brasil no Brasil: produção de conhecimento periférico*; o evento *Hip Hop tá na casa*; um cine-debate; oficina de Produção Musical, de Editais Culturais e sobre Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Essas atividades oferecem um panorama das ações realizadas no Graça durante esse período. Embora outras iniciativas tenham ocorrido nessa gestão, não foram encontrados registros que as documentem.

Sabe-se que algumas dessas atividades se deram como alternativa para que o espaço se mantivesse ativo, não estando necessariamente vinculadas ao

propósito de contribuírem para a constituição do Graça enquanto Centro de Informação e Referência da Cultura Negra em Uberlândia e região. Durante as entrevistas da pesquisa, a realização de certas atividades foi problematizada, como demonstram os trechos das falas de Pedro Barbosa e Felipe Sant'Anna⁷⁶

Eu me lembro que tivemos alguns atritos. Teve uma época que tinha um curso de artes marciais... com todo respeito às artes marciais, mas não tem uma conexão histórica com o segmento da população negra. Tudo bem, então coloca lá [...] um curso de formação instrumental de percussão.⁷⁷

Tinha uma outra oficina também que era uma coisa muito aleatória na verdade, que eu e a Antonia pensávamos se isso era uma coisa que a gente deveria manter lá no Graça... tinha uma agência de modelos lá perto e eles usavam o espaço para dar algumas aulas para meninas que queriam ser modelo. Só que o meu questionamento e da Antônia por muito tempo em manter isso é... [...] que ele tinha uns valores estéticos que eram muito vinculados a esse mundo da moda e não tinha nada que vinculava isso a um empoderamento negro, das meninas negras, que pra gente era algo mais importante [...] então tinham essas três atividades que faziam que o público continuasse participando do espaço.⁷⁸

Sobre as atividades realizadas nesse período, Luiz compartilhou que, mesmo com a tentativa de viabilizar ações para que aquele espaço se mantivesse ativo, elas ainda “não estavam representando o Achê” que deveria constituir o Graça.

De todo modo, ainda que as aulas de karatê e a oficina para modelos não estivessem vinculadas ao objetivo do Graça, é certo que elas possibilitaram que o espaço tivesse um público fixo e, também, foram responsáveis por estabelecer uma relação entre o Graça e os moradores do bairro Presidente Roosevelt, já que participavam das aulas pessoas da região.

Vale ressaltar que a aula de capoeira é a atividade mais duradoura do Graça, de acordo com os entrevistados da pesquisa, as atividades ministradas pelo Mestre Sardinha acontecem desde a inauguração do centro, resistindo às dificuldades enfrentadas pelas gestões que se deram nesse espaço desde 2002. Segundo Antonia Rosa, as aulas de capoeira foram responsáveis por manter “o coraçãozinho do Graça batendo.”

Esse período de gestão também contou com a continuidade das ações

⁷⁶ Felipe foi o primeiro estagiário do Graça em 2017, acompanhando a troca de gestão que se deu em 2017.

⁷⁷ Pedro Barbosa, 2023. Uberlândia, MG, 14 de dezembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

⁷⁸ Felipe Sant'Anna, 2024. São Paulo, SP, 27 de fevereiro de 2024 [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a mim.

realizadas pelo projeto Polo UFU Arte na Escola.

Figura 24: reunião com professores do teatro, Polo UFU Arte na Escola, 2014



Fonte: arquivo Eliane Tinoco.

Durante esse período, destaca-se também que a gestão de Laurentiz propôs a elaboração de um regimento para o Graça, incluindo normas de uso e de ocupação. Na primeira proposta de regimento⁷⁹, que não foi publicada, o Graça é definido como “um Centro de Extensão, Pesquisa e apoio às atividades de ensino da UFU”, dentre os princípios do espaço, coloca-se a “Gestão democrática e participativa com envolvimento dos setores representativos da comunidade negra e dos criadores, gestores e produtores de cultura negra pertencente a sua jurisdição.” Essa iniciativa marcou o início de movimentos que seriam consolidados na gestão seguinte.

Por fim, no relatório de gestão desse período (2013-2016), Luiz relata a dificuldade de garantir que o Graça do Aché cumpra com seu objetivo primeiro. Parte dessa dificuldade se dá pela falta de verba, mas principalmente pela falta de uma organização institucional do equipamento:

Outro aspecto importante refere-se à gestão do Espaço Cultural Graça do Axé. Trata-se de um equipamento cultural da UFU que se encontra subutilizado. A inexistência de um/a coordenador/a para o Espaço não apenas dificulta sua gestão e manutenção predial como também

⁷⁹ Documento cedido por Luiz de Laurentiz.

inviabiliza a realização de projetos e ações naquele espaço cultural. Além de acolher os projetos da própria comunidade onde está inserido, o Graça do Axé poderia ser uma espécie de extensão das ações artísticas e culturais da UFU. Os cursos do Instituto de Artes (IARTE) poderiam realizar apresentações artísticas no Espaço, oficinas, cursos e mostras de filmes. O Graça do Axé poderia ser ainda um local que funcionasse como uma incubadora de grupos e/ou projetos artísticos e culturais, mas para isso, além da garantia de equipe qualificada, o espaço exige a instalação de equipamentos básicos de som e iluminação e um estudo arquitetônico que possa potencializar seu funcionamento. O Graça do Axé poderia se tornar um importante equipamento cultural da UFU que contribuiria para a descentralização das ações culturais em Uberlândia, visto que a maioria concentra-se na região central da cidade. Ao mesmo tempo que vislumbramos tais possibilidades de e para utilização do espaço; de nossa parte, não podemos esquecer a função primeira que esse equipamento cultural fora criado, o de ser o Centro de Referência da Cultura Negra da cidade de Uberlândia e da região triangulina. Portanto, se faz necessário buscar algumas ações desenvolvidas durante esta gestão da Dicult, como a criação do Regimento da Casa Graça do Axé por um grupo de professores, técnicos administrativos, estudantes e representantes da comunidade negra da cidade de Uberlândia (Trecho do relatório de gestão da DICULT 2013-2016).

Os desafios na manutenção e na promoção do Graça se deram independente do órgão a gerir o espaço, seja a prefeitura ou a universidade. O trecho do relatório de gestão apresentado retoma os problemas que foram enfrentados desde a primeira gestão do Graça, mencionados por Jeremias. Esse espaço, com um grande potencial extensionista, careceu de equipe especializada, de verba e de equipamentos básicos para a realização de ações, problemáticas que atualmente ainda são encontradas no espaço. Ainda, não tinha um coordenador responsável, o que dificultou que as demandas do espaço pudessem ser trabalhadas. Assim, sobre esse período, Luiz compartilhou: “de certa maneira, o que eu me lembro é que pouco deu para fazer. Mas, para mim, o grande problema estava nisso, não tinha uma coordenação”.

A gestão seguinte, 2017-2020, teve como diretor de cultura o Prof. Dr. Alexandre Molina. Esse período de atuação foi marcado pela homologação de uma coordenadora; pela abertura da vaga de estagiário; pela criação de um Regimento e Normas de Uso; pela criação do Edital de Ocupação do Graça; por um aumento significativo de atividades; e, conseqüentemente, pela aproximação da comunidade com o Graça.

Em 2017, Molina convidou Antonia Rosa Pereira para ocupar o cargo de coordenadora do Graça. Certamente a coordenação de Antonia Rosa impactou a

relação da comunidade negra com o Graça do Aché. Antonia é ex-presidente da Associação das Escolas de Samba e capitã de um dos tradicionais ternos de congado de Uberlândia, o Terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário.⁸⁰ Além disso, ela compôs o Movimento de Mulheres Negras - Mulheres de Ébano e é ativa no movimento negro atual.

Essa coordenação, voluntária, marca o início de uma gestão ativa que, com os mesmos desafios das anteriores, foi responsável por aproximar o Graça de seu objetivo primeiro: ser um espaço de referência da cultura negra em Uberlândia. A gestão de Antonia é mencionada por alguns entrevistados como um período de retomada da gestão universitária, ainda que essa gestão estivesse a cargo da UFU desde 2006, “Antonia coordenou o Graça em um momento em que ele voltou para a gestão da UFU. Ela mobilizou esse espaço, o aproximou da comunidade e o transformou em um espaço de visibilidade”.⁸¹

Nesse sentido, a representatividade de Antônia e sua mobilização em fazer do Graça um espaço de acolhimento para a comunidade negra na cidade refletiu nas ações efetivadas em sua gestão, que fizeram com que o Graça fosse visto pela comunidade sob uma nova perspectiva. Dentre essas ações, a criação de vaga para estagiário bolsista⁸² no Graça possibilitou que o espaço contasse com uma equipe suporte mínima necessária para a realização de suas atividades, além de ter sido fundamental no suporte para formação de público do espaço. O primeiro estagiário do Graça foi Felipe Sant’Anna (2018-2020), que, em entrevista para pesquisa, compartilhou sobre esse período de atuação

quando eu entrei como estagiário, que foi na mesma época que a Antonia assumiu a coordenação, ficamos pensando diversas formas de fazer com que o público ao redor do Graça voltasse a frequentar o espaço, e não só nessas atividades que eram fixas [karatê, capoeira e oficina de modelos] mas em outras atividades que a gente queria propor lá. E assim, foi muito difícil, viu? Eu acho que eu saí de lá e a Antônia saiu também da

⁸⁰ A festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito é uma festa tradicional na cidade, a celebração teve início na década de 1870 e vem se fortalecendo até os dias de hoje.

⁸¹ Ivete Almeida, atual coordenadora do Centro, em entrevista sobre o evento “Jornada dos 20 Anos do Graça do Aché” para o Comunica UFU em 2022. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticia/2022/11/memoria-identidade-e-resistencia-marcaram-abertura-da-jornada-dos-20-anos-do-graca>

⁸² Atualmente, o Graça conta com dois estagiários que, conforme o edital de processo seletivo para contratação 02/2023, têm como atribuições o apoio técnico em eventos organizados ou apoiados pelo Graça; a comunicação e divulgação dos eventos realizados no espaço; o acompanhamento de visitas técnicas e a participação de reuniões com a coordenação do espaço. A presença de estagiários fornece maior apoio às coordenações, ainda que a rotatividade dessa ocupação se dê semestral ou anualmente a depender da renovação de contrato.

coordenação, não conseguindo atingir metade do que a gente gostaria. Porque como o espaço ficou muito esquecido por muito tempo, as pessoas não tinham formas de chegar no espaço...⁸³

Esse desafio de fazer o Graça ser reconhecido no entorno e pela própria universidade foi enfrentado por Antonia e Felipe durante todo período em que estiveram trabalhando juntos. Na tentativa de divulgar o espaço, distribuíram panfletos nos arredores, nas escolas e na Unidade de Atendimento Integrado - UAI do bairro. Essa parceria entre coordenadora e estagiário se apresentou como uma mobilização essencial para que o Graça fosse pouco a pouco sendo reconhecido não só pelos moradores do entorno, mas também pela comunidade negra e acadêmica. Essa movimentação conjunta foi mencionada por Antonia como uma “parceria” que atuou para tecer relações entre o Graça e a comunidade interna e externa à UFU. O objetivo maior, segundo ela, era que as pessoas soubessem que aquele era um local aberto à comunidade.

Em 2018, a coordenação do Graça, em parceria com o Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da UFU, criou o *Programa de Ocupação do Graça do Aché*, que tem como objetivo o desenvolvimento de propostas de servidores e estudantes da UFU que se relacionem “à cultura e à arte negra e/ou brasileira de matriz africana.”⁸⁴ O edital de 2023 dividiu as propostas em três categorias: 1) Cursos, oficinas, pesquisas e atividades similares; 2) Debates, palestras, conferências, rodas de conversa e atividades congêneres; 3) Difusão em arte e cultura negra.

As atividades aprovadas pelo edital de ocupação do Graça entre 2018 e 2020 se voltaram ao debate, à disseminação, à valorização e à celebração da cultura negra, sendo distribuídas em sarau lítero musical, rodas de conversa, exposições, festival de dança, apresentações artísticas e musicais, oficinas, exibição de filmes e minicursos. Sobre a primeira realização do edital, Antonia compartilhou que foram “diferentes projetos” e que “aí deu um movimento diferente pro Graça porque aí tinha teatro, tinha música, então foi muito bom, foi muito bom!”.

Além dos eventos promovidos por meio do edital, o espaço era cedido para outras atividades voltadas à cultura negra da cidade, como reuniões, ensaios de ternos de congado e grupos de escolas de samba. Essas ações foram facilitadas a partir da criação, em 2019, das normas para concessão de uso do espaço para a comunidade universitária e extra-universitária. Essas iniciativas possibilitaram intensificar as atividades oferecidas pelo Graça, bem como alinhá-las ao objetivo

⁸³ Felipe Sant’Anna, 2024. São Paulo, SP, 27 de fevereiro de 2024 [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a mim.

⁸⁴ Art 3 no Programa de Ocupação Graça do Aché.

primeiro do centro. Nesse mesmo ano, foi criado o Regimento do Graça do Aché, que tem por missão

a promoção de ações que preservem os valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, atuando como instrumento de fomento à superação das desigualdades raciais e desenvolvendo atividades educacionais e culturais direcionados à comunidade negra de Uberlândia e região (Art. 6 do regimento interno do Graça do Aché).

A regulamentação do Graça a partir do regimento interno e do documento de normas de uso, além da criação do Programa de Ocupação, favoreceu sua consolidação institucional. Nesse sentido, criou-se no Graça uma programação mais frequente e, principalmente, mais alinhada ao objetivo de valorizar e difundir o patrimônio material e imaterial da cultura de matriz africana em Uberlândia.

Outro ponto fundamental acerca desse período refere-se à intitulação do Graça do Aché, que passa a ser mencionado no relatório de gestão 2017-2020, principalmente, como Centro de Memória da Cultura Negra e não mais como Centro de Referência. Ao aproximar o Graça da concepção de Centro de Memória, percebe-se que as atividades realizadas no período entre 2017 e 2020 não se vinculam à existência de um acervo, como prevê a atuação dos Centros de Memória de acordo com Camargo e Goulart (2015), mas certamente atuam na disseminação e na legitimação da cultura negra na cidade de Uberlândia.

Antonia Rosa, em vídeo de apresentação do Graça, coloca-o como um espaço “voltado para as representações da cultura negra, em suas várias facetas, através do teatro, através da dança, de oficinas.” sendo assim, “é um espaço em que se valoriza o potencial da cultura negra, oferecendo oportunidade a comunidade em geral”⁸⁵. A coordenadora ainda faz um “convite para que esse espaço seja utilizado enquanto espaço acadêmico, porque ele é acadêmico, a arte e a cultura é uma grande possibilidade e uma grande parceira da educação”.

Esse convite reflete também no regimento interno do Graça, publicado em 2019, em que o vínculo com a UFU se estreita, já que a responsabilidade pela coordenação do espaço passa a ser efetivamente da universidade, ficando a cargo de um(a) servidor(a) da UFU, a partir de comprovação de experiência na área da cultura negra.

Em 2020, o Graça passa a ser coordenado pela Profa. Dra. Ivete Almeida, docente do Instituto de História da UFU, que, no momento da escrita desta pesquisa,

⁸⁵ Antonia em vídeo de apresentação do Graça, 2021.

ainda está nesse cargo. Em sua gestão, Ivete tem articulado ações para reunir a história deste equipamento cultural e, também, a história de Maria da Graça de Oliveira.⁸⁶ A gestão de Ivete é marcada por uma atuação que aproxima o Graça da comunidade acadêmica. Um evento que marca essa aproximação é a *Jornada dos 20 anos do Graça do Aché: veredas decoloniais entre memórias e regionalismos - salve negritude!*⁸⁷. O evento, realizado em 2020, celebrava os 20 anos da trajetória do Graça, com uma programação que contava com mesas redondas, minicursos, oficinas, apresentações culturais, além da publicação de um caderno de resumos de produções acadêmicas sobre as culturas afrodescendentes. Desse modo, é possível reconhecer nessa gestão uma atuação que mobiliza os eixos da universidade de pesquisa, ensino e extensão.

Outro ponto importante dessa gestão foi a criação de um cargo de colaborador para o Graça que, em seus 20 anos de existência, ainda não contava com um funcionário específico para atuação no espaço. O cargo criado, o de secretário, é uma vaga de colaborador terceirizado e não de servidor efetivo da UFU, e foi ocupado por Magnun Vieira Barbosa, historiador com pesquisa acerca das representações negras em narrativas identitárias brasileiras. A criação dessa vaga também impulsionou o desenvolvimento do espaço, pois a presença de uma pessoa do Graça garante que ele conte com um colaborador capacitado para receber e orientar o público. Além disso, a vaga ajuda a promover a continuidade das atividades, especialmente devido ao fato das coordenações serem rotativas, assegurando suporte para a gestão atual e continuidade para as futuras.

De todo modo, é pertinente assinalar a questão estrutural do Graça que, atualmente, no organograma da UFU, é um setor dentro da Divisão de Promoção Cultural DIPROC. A falta de um servidor efetivo o impede de ser uma divisão dentro da universidade e, por ser um equipamento de cultura que não está vinculado a uma unidade acadêmica, o espaço acaba por perder autonomia e passa a depender mais da divisão e da diretoria. Sem recursos próprios e sem estrutura definida, o Graça depende dos esforços da coordenadora, do secretário e dos estagiários para dar continuidade nessas ações.

⁸⁶ Em 2023, Ivete publicou o artigo "Carnaval, mulheres negras em movimento e representações sociais: o lugar do Bloco Aché na memória da cidade de Uberlândia", que tem como estudo de caso a trajetória de Maria da Graça de Oliveira.

⁸⁷ Cf. <http://graca20anos.s3-website-sa-east-1.amazonaws.com/#/>

capítulo 3. o lugar do Graça

um legado - Maria da Graça e o Bloco Aché

*“Grande parte da comunidade negra uberlandense saiu no Bloco Aché, sabe? porque acreditou nesse dizer, nesse lance de dizer ‘olha, nós existimos, nós estamos aqui, nós estamos aqui do jeito que a gente é’ “
Antonia Rosa⁸⁸*

Maria da Graça Oliveira, Graça ou Graça do Aché, nasceu em 1950 no bairro Patrimônio⁸⁹ em Uberlândia. Nas entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, sempre que mencionada, a carnavalesca é lembrada não só pelo Bloco Aché, que fundou no centenário da abolição da escravatura em 1988, mas também pela dedicação que teve em promover a educação de mulheres e jovens pretas/os na cidade. Como contou Antonia Rosa (2023) em entrevista para a pesquisa, Graça “era uma pessoa muito preocupada com a juventude negra [...] o sonho dela era ver a juventude negra em outro patamar”.

Essa dedicação refletia-se nas temáticas que ela levava para a avenida por meio do bloco, dentre elas, Silva (2007) destaca os desfiles: *Exaltando Gente da Gente (1992)*, *Mãe África (1994)*, *As Deusas de Ébano (1995)*, *O Negro é Lindo (1996)*, *Exaltação a Xica da Silva (1997)*, *Educação - Passaporte para o terceiro Milênio (1998)* e *Quinhentos anos de Que? (1999)*. Por meio desses temas, Graça trazia o debate racial para a avenida e enaltecia o povo preto, trabalhando não só a autoestima da comunidade, como ainda “erguendo a bandeira contra toda forma de discriminação racial” (Silva, 2007, 154).

O Bloco Aché reunia pessoas de todas as agremiações, desfilando, em muitos anos, com um número de integrantes superior a qualquer Escola, todos saíam pelo bloco. Silva (2007, p. 149) aponta o sonho de Graça em transformá-lo em uma fundação, ela queria construir uma sede que funcionasse como escola profissionalizante, com oferta de oficinas, creche, eventos, encontros e ensaios das Escolas. Por meio do Bloco, Graça promoveu projetos sociais e sonhava em

⁸⁸ Antonia Aparecida Rosa, 2023. Uberlândia, MG, 23 de junho de 2023. Entrevista concedida a mim.

⁸⁹ O bairro Patrimônio é reconhecido como um símbolo de resistência negra da cidade de Uberlândia. O bairro surgiu como um território isolado da cidade, acessível ao centro apenas por uma ponte sobre o Rio São Pedro. Sua ocupação intensificou-se após a instalação do Matadouro Municipal em 1894, o que proporcionou trabalho principalmente a negros recém-libertos.

conseguir um espaço físico para realização dessas atividades. Como conta Pedro Barbosa (2023), entrevistado pela pesquisa, embora não tenha construído um espaço físico como sonhava, Graça mobilizou ações como rodas de conversa e cursos profissionalizantes tanto em sua casa, quanto na sede do Terno de Congado Moçambique de Belém, do qual também fazia parte. Sobre as mobilizações de Maria da Graça, Pedro conta que:

ela entendia que tinha que ter um processo de formação não só política, mas também de formação profissional dos jovens que participavam do bloco. Então ela montou uma escolinha de informática, ela mexeu daqui mexeu dali, conseguiu um apoio daqui e dali... eu lembro que na época ela conseguiu quatro ou cinco computadores. Também fez um diálogo com a universidade, porque o pessoal daqui era mais ligado à área de informática, para que fossem professores voluntários na escolinha dela.⁹⁰

O incentivo de Maria da Graça na educação de mulheres e jovens pretos/as contribuiu na vida de dois entrevistados pela pesquisa: Jeremias Brasileiro e Pedro Barbosa. Ambos contaram, com muito carinho, como a influência de Graça foi essencial para que retomassem os estudos de forma dedicada. Jeremias e Pedro são doutores em história com pesquisas voltadas às temáticas afro-raciais. Jeremias conta que Maria

brigava na Câmara Municipal com as pessoas, nesse sentido de abrir espaço para os jovens... ela ficava revoltada [e dizia] *'eu já sou velha, eu não tenho o que aprender não, tem que dar um jeito de colocar vocês'*, sabe? Ela tinha isso e eu na época não estudava [...] Mas ela vivia falando *'você vai ter que voltar, você vai ter que voltar... o seu lugar é lá! Seu lugar não é aqui com nós não, seu lugar é lá! Você tem que ir lá para defender a gente.'*⁹¹

Quanto à dedicação de Maria em relação ao trabalho da autoestima da comunidade negra, Antônia (2023) conta que Graça "tinha a autoestima muito bem trabalhada e tentava trabalhar a autoestima das pessoas no entorno dela [...] para valorizar quem você é, onde você estiver, quem você é, você tem que saber que você tem valor".

Almeida (2023, p. 48) aponta que a utilização do espaço da ludicidade, da música e da representação simbólica próprias do carnaval, "permitiram ao Bloco Achê, potencializar seu papel de espaço de construção identitária". Assim, a atenção de Maria da Graça na mobilização de ações sociais, políticas e culturais deixou um

⁹⁰ Pedro Barbosa, 2023. Uberlândia, MG, 14 de dezembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

⁹¹ Jeremias Brasileiro, 2023. Uberlândia, MG, 26 de setembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

marco na história da comunidade negra em Uberlândia e, como bem sintetiza Pedro (2023), Graça “deixou um legado de uma mulher, militante, extremamente engajada na organização político social do segmento e, a partir daí, [...] por mérito, ela foi homenageada com a criação do [...] Graça do Aché” .

gestão e representatividade



“Porque quando a comunidade vê alguém lá que é da própria comunidade, ela entende melhor que lá é dela também, sabe?”

Antonia Rosa⁹²

Ainda que Maria da Graça não tenha vivido para ver a fundação deste centro de memória, seu legado ressoa nas coordenações de Antonia Rosa e Ivete Almeida, que mobilizaram de forma mais significativa as ações culturais no Graça. Ao analisar o percurso histórico desse espaço, nota-se que, mesmo que enfrente os mesmos desafios das gestões anteriores, a gestão dessas mulheres impactou fortemente na atuação do Graça frente a comunidade negra na cidade, contribuindo para sua consolidação e ocupação.

Desse modo, estabelece-se uma triangulação entre essas mulheres, na qual as representações se dariam da seguinte forma: Maria da Graça enquanto representante político-sócio-cultural; Antonia Rosa como representante do movimento cultural da comunidade negra e Ivete Almeida enquanto representante da Universidade. Essas representações possuem um elo em comum: o cuidado com

⁹² Antonia Aparecida Rosa, 2023. Uberlândia, MG, 23 de junho de 2023. Entrevista concedida a mim.

a preservação e difusão da cultura negra na cidade de Uberlândia. Sobre a atuação de mulheres negras na preservação de suas culturas, Almeida (2023) diz que

Tal qual Maria da Graça, muitas são as mulheres pretas que, como líderes comunitárias, organizam sua comunidade e lutaram pela preservação da memória e dos costumes do povo negro. Compreender a importância e a dimensão da atuação dessas mulheres nos auxilia a compreender as formas como as mulheres pretas, na sociedade brasileira atuam na luta contra o racismo estrutural, contra o apagamento da cultura afro-brasileira e contra o silenciamento das vozes das mulheres pretas (Almeida, 2023, p. 40-41).

Assinalar o protagonismo dessas mulheres é também uma forma de ressoar a resistência de mulheres na articulação da cultura local e, ainda, reconhecer a importância da representatividade nos cargos de gestão cultural. Essas mulheres dedicam sua existência à manutenção e à preservação dos costumes e da cultura negra em Uberlândia, e tal dedicação parece ter sido fator determinante para a aproximação da comunidade ao Graça.

Figura 25: Antonia Rosa e Terno de Congado Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: rede social do Graça do Achê.

Antônia é aposentada pela rede pública de ensino de Uberlândia e também capitã de um dos tradicionais ternos de congado da cidade, o Terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Além disso, é ex-presidente da Associação das Escolas

de Samba. Em 2002/2003, fundou o Movimento de Mulheres Negras - Mulheres de Ébano. Ativa no movimento negro até os dias atuais, Antonia (2023) assinala a importância que dá ao papel da educação, dizendo que “esse é um dos fios principais” de sua vida, “colaborar para a visibilidade negra em todas as suas vertentes [...] mas principalmente na vertente da cultura-educação com recorte na juventude e nas mulheres.”

A representatividade de Antônia, somada a sua atuação no movimento político cultural da cidade, resultou em uma gestão ativa que aproximou o Graça da comunidade negra e das suas manifestações culturais, tornando-o reconhecido por uma nova perspectiva. Sobre esse período de gestão, Felipe, o primeiro estagiário do Graça, que trabalhou em conjunto com Antonia, conta que a presença da congadeira foi muito importante no sentido de aproximar a comunidade do Graça

ela acabava dando essa visão para quem é de fora, quebrando um pouco dessa visão institucional que as pessoas têm. Porque eu acho que por muito tempo as pessoas deixaram de frequentar o espaço por ele ser da universidade, e sentir que não era um espaço delas. Então colocando a Antonia nessa coordenação teve essa possibilidade de mostrar que, realmente, é um espaço universitário, mas que é a favor da comunidade, que é para a comunidade, e aí meio que quebrou um pouco o gelo, sabe? das pessoas conseguirem ir pra lá e propor atividades.⁹³

De certo modo, a gestão de Antonia consolidou uma ponte entre o espaço e as frentes culturais da comunidade negra na cidade. Sendo ativa no Congado e no movimento negro, Antonia aproximou os grupos culturais e os membros externos da universidade ao Graça. Em entrevista para a pesquisa, a ex-coordenadora contou que, na sua gestão, o espaço foi utilizado para ensaios de mestre de sala e porta-bandeira de escolas de samba e, também, para alguns ensaios de grupos congadeiros.

Essa ocupação é marcante para o espaço, uma vez que o distanciamento da comunidade negra em relação ao Graça justifica-se também por este ser um espaço da universidade, como apontado por Antonia, Jeremias, Felipe, Pedro, Susi e Ramon nas entrevistas para a pesquisa. Antonia diz que se tem ainda “muito a trabalhar para que a comunidade em geral entenda que a UFU é um lugar que é dela também”, mas que “ver uma cara na gestão que é uma cara nossa” colaborou muito para essa compreensão.

⁹³ Felipe Sant’Anna, 2024. São Paulo, SP, 27 de fevereiro de 2024 [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a mim.

Chagas (2013, p. 48) indica que “metodologias de gestão horizontal e participativa” atuam no cerne dos museus-rizoma, pois “quebram hierarquias” e se apoiam em redes e movimentos sociais. Dessa forma, ter no cargo de coordenação uma representante da comunidade externa à UFU e vinculada às manifestações culturais negras da cidade, estabeleceu uma relação mais horizontal na gestão do espaço, o que potencializou a presença da comunidade no Graça. Segundo Antonia, “quando a comunidade vê alguém lá que é da própria comunidade, ela entende melhor que lá é dela também.”

Antonia afirma que, no período de sua atuação, o Graça entrou em um “processo” de apropriação pela comunidade, que pouco a pouco foi “redescobrimo” aquele como um local de pertencimento. Essa atuação reverberou na gestão atual de Ivete Almeida, que contou que cada vez mais a comunidade tem se aproximado desse espaço, identificando-se e apropriando-se do Graça.

Figura 26 e 27: Ivete Almeida em entrevista para a TV Universitária e Flyer de mesa redonda



Fonte: Tv Universitária e rede social do Graça do Aché.

Em 2020, iniciou-se a gestão de Ivete Almeida a partir do regulamento que estabeleceu que o cargo de coordenação deveria ser designado a um servidor(a) da universidade, com comprovada experiência na área da cultura negra. A atual coordenadora é doutora em história social, docente na graduação e pós-graduação em História da UFU e líder do grupo "Estudos Negros" - Grupo de Pesquisa em História e Representações dos povos e das culturas de matrizes africanas.

Em entrevista para a pesquisa, Ivete reconhece que o desafio enfrentado por Antonia foi o de “fazer o Graça voltar a existir”, e o seu desafio foi o de “fazer com que o Graça existisse dentro da UFU”. A coordenadora afirmou que, no início de sua gestão, a maior parte do público do espaço era composto pela comunidade externa,

reflexo do que foi construído na gestão de Antonia. Atualmente, Ivete percebe uma crescente adesão do espaço pela comunidade universitária, não só de estudantes, mas também de docentes da UFU. Parte dessa apropriação universitária se deve à dedicação de Ivete em promover conexões do Graça com a comunidade acadêmica, por meio de eventos, seminários e publicações.

Dentre esses eventos, Ivete destaca o lançamento do livro “Toda verdade por trás da revista Raça”⁹⁴ de Aroldo Macedo, que contou com uma palestra do autor sobre racismo, imprensa e negritude. Na abertura do evento, apresentou-se um desfile com membros dos ternos de congado Sainha, Marinheirinho, Azul de Mario, Estrela Guia, Azul e Rosa, Quilombo, Belém e Raízes que apresentaram suas indumentárias típicas. O evento lotou o espaço, segundo Ivete “tinha gente em todo lugar, tinha gente aqui, tinha gente no espaço externo, tinha gente na calçada... foi muito lotado”.

A coordenadora contou que a presença do fundador da revista foi muito relevante, uma vez que essa publicação marcou muito uma geração de jovens negros. Ainda sobre a importância de eventos como esse, Ivete assinala o que se pode compreender como uma das chaves para a identificação da comunidade com o Graça, que na “medida que o espaço realmente dialoga com essas identidades, ele vai se tornando cada vez mais referência”.

Figura 28 e 29: palestra de Aroldo Macedo e desfile de indumentárias, 2023



⁹⁴ A revista Raça, lançada em 1966, é uma publicação brasileira que foi pioneira na representação da negritude no Brasil, com foco em cultura afro-brasileira, identidade, beleza e questões sociais.



Fonte: Comunica UFU - fotografias de Angélica Neiva.

Eventos como esse, de iniciativa da universidade com parcerias externas, assinalam a contribuição dessas gestoras na aproximação do Graça tanto com a comunidade externa, quanto com a universitária, fortalecendo o ofício extensionista do espaço:

A gente entende que dos equipamentos culturais da UFU o Graça é o que tem a missão mais extensionista, porque ele é realmente essa ponte entre a universidade e a comunidade. Todas as ações têm essa natureza, não só de nós levarmos coisas da comunidade [...] não é a universidade levando sua luz e o seu saber, mas é o diálogo com a comunidade. A comunidade demandando e a universidade com as suas ferramentas, as suas capacidades, oferecendo ali a sua presença, o seu espaço, sua expertise para realizar aquilo que a comunidade almeja. E o Graça, dos equipamentos culturais é o que mais realiza isso, que tem essa missão mais extensionista e tem conseguido realizá-la.⁹⁵

A coordenação é aberta a projetos da comunidade e, apesar das limitações financeiras e de recursos humanos, organiza-se para apoiar e receber os eventos e as propostas que vêm da comunidade. Existe a abertura para a construção mais participativa das ações do espaço, que reforça não só esse caráter extensionista, mas também uma tentativa de agenciar um espaço decolonizado, como busca a museologia social.

⁹⁵ Ivete Batista da Silva Almeida, 2024, Uberlândia, MG, 28 de fevereiro de 2024. Entrevista concedida a mim.

Um dos desafios contemporâneos é reconhecer que o museu e o patrimônio são práticas sociais discursivas modernas colonizadas e colonizadoras e que é possível de(s)colonizá-los sem pedir e sem dar satisfações às universidades e às instituições públicas e privadas que alimentam a colonialidade, ainda que se possa, em certos casos, contar com essas mesmas instituições por meio de pessoas dispostas a apoiar e implementar propostas de mudanças sociais, propostas de de(s)colonização dos museus e do pensamento museológico (Chagas e Pires, 2018, p. 295).

As atuações dessas gestoras demonstraram como a presença de pessoas engajadas no objetivo de proteção e de disseminação da cultura negra, aliadas aos recursos da universidade, podem transformar espaços como o Graça em espaços de acolhimento, de participação e de construção de cidadania a partir da cultura que, de acordo com Santos (2007, p. 61), “é o que nos dá consciência de pertencer a um grupo”.

Graça do Aché em ação

*A museologia social, como aqui é compreendida, está inteiramente a serviço da vida. Fica o que significa. Para finalizar, queremos repetir e dizer: a museologia que não serve para a vida não serve para nada.
(Chagas e Pires, 2018, p. 295)*



Diferente do valor que se dá a um equipamento cultural, como um museu tradicional, centrado em objetos e qualificado por um acervo, o valor de um museu-rizoma tem início em sua atuação horizontal, participativa e democrática, constituindo-se a favor dos movimentos sociais. Para Chagas (2013, p. 48), o foco desses espaços são as pessoas, “seu grande patrimônio são as pessoas e o território”.

Ao observar a ação cultural do Graça, especialmente a partir de 2017, é possível identificar uma diversidade de atividades que, em essência, focam na comunidade negra e na valorização de suas identidades e culturas. Essas atividades, ao promoverem e celebrarem essas identidades culturais, contribuem para a construção de uma cidadania cultural. Por meio dessas práticas, o território do Graça é moldado e ressignificado, o que reforça seu papel como um espaço de resistência e afirmação da cultura negra em Uberlândia.

O acervo, que constituiria a concepção de um centro de memória, parece um detalhe a ser trabalhado ao longo do tempo, já que o grande patrimônio desse espaço seria a comunidade e sua memória. Consoante Chagas (2013, p. 47), ao valorizarmos as ações realizadas no espaço, admitimos que lugares como os museus são “lugares de relação, e não de acumulação”, o que implica sua compreensão “como microcosmos sociais que se fazem e se refazem na contemporaneidade”. Nesse sentido, para possibilitar o vislumbre desse microcosmo social estabelecido no Graça, destaca-se alguns eventos e ações promovidos entre 2017 e 2023, propostos tanto pela coordenação do Graça, como pela comunidade ou por projetos do Programa de Ocupação.

Em 2017, foi realizado o *Mês da Consciência Negra*, que durou todo o mês de novembro e operou a partir de uma parceria com o Terreirão do Samba. O evento contava com atividades nos dois lugares, o que possibilitou uma visibilidade maior para o Graça. Esse evento acontece tradicionalmente no Terreirão, que é um espaço representativo que surgiu enquanto local de ensaio da Escola de Samba Tabajara e, depois, passou a sediar outros eventos, como manifestações e confraternizações da congada. No evento citado, o Graça montou uma tenda pedagógica no local e, no Centro, também aconteceu roda de conversa, roda de capoeira e a exibição do filme *Faça a Coisa Certa*.

Em 2018, realizou-se o evento *130 anos da “abolição” - reflexão e luta*. Dentre a programação, havia a exposição *Corpos Negros*, exposição coletiva de artistas negros da cidade, com trabalhos em fotografia e fotoperformance, com curadoria de Felipe Sant’Anna⁹⁶; palestra com o professor de capoeira Alex Sandro Lino, intitulada

⁹⁶ Felipe Sant’Anna, Artista Visual pela Universidade Federal de Uberlândia, estagiário no Graça na gestão de Antonia Rosa

Da Senzala à favela: A perspectiva de um sobrevivente dessa realidade; e a exibição do filme *A Cor Púrpura*. Nesse mesmo ano, na primeira edição do Programa de Ocupação, foram aprovados projetos como a apresentação teatral *A Santa - negras, mortas e pecadoras*, o show *Heróis e heroínas afro-brasileiros caem da Graça do Aché* e o evento *BAFRO - Quando eu passar ninguém mais vai dar risada*, um evento voltado para as questões da população negra LGBTQIAPN+.

Figuras 30 e 31: evento BAFRO, 2018



Fonte: Rede Social do Graça. Fotos: Matheus Marques.

Em 2019, o Graça propôs *Oficinas de Elaboração de Projetos Culturais*, que tinha como objetivo capacitar pessoas da comunidade para o desenvolvimento de ações culturais. No mesmo ano, na segunda edição do Programa de Ocupação, foram aprovados projetos tais como: a *Oficina de Jongos e Calangos: música negra, memória e poesia*, com participação de secundaristas de escolas públicas da cidade; o *1º festival Aya do Movimento Aya*, que contava com apresentações de dança, slam e performances; o evento *Hip Hop e Geografia: secundaristas invadem o Graça*; a *Noite de Rap* com shows de Vaine e Rap Plus Size; e a apresentação teatral *Os negros estão aqui* de Rubia Bernasci.

Figuras 32, 33, 34 e 35: Festival Aya, 2019





Fonte: Rede social do Graça. Fotos: Thiago Paulino.

Figura 36: divulgação Os Negros Estão Aqui, 2019



Fonte: Rubia Bernasci.

Em 2020 e 2021, devido à pandemia da Covid-19, o Graça realizou atividades on-line, fazendo parte do *Festival de Cultura #UFUEMCASA*, da Dicult, no qual propôs uma sessão de vídeos semanais, o *Dica de Leitura com Lucas Guzzo*. Lucas era discente do curso de Letras e, nos vídeos, indicava leituras de autores negros ou com protagonistas negros. Além disso, o Graça realizou outros eventos virtuais, como a

oficina *O que pode o corpo negro? Prática artística, vivência e aquilombamento* com Geo Dias e Alessandro Terras Altas; a live-palestra *O olhar feminino negro na cena* com Rubia Bernasci; o evento *Diálogo à Margem - Promovendo a Diversidade e os Direitos Humanos*, que propunha conversas virtuais tendo como disparadores leituras, vídeos e filmes; a live *A descolonização e a decolonialidade como possibilidades na construção do ensino de história na escola básica* com a professora Veruschka de Sales; e o *Mês da Igualdade Racial*, que contou com mesas redondas, bate-papos e palestras, todas de modo virtual. O Programa de Ocupação aprovou o *Projeto Africanidades*, que, dentro de suas ações, incluía a exibição do documentário sobre a história do grupo de congado Marinheiros de Nossa Senhora do Rosário.

Figura 37 e 38: divulgação #Dezembronegro, 2020



Fonte: rede social do Graça.

A partir das atividades realizadas nesse período, pode-se considerar que a programação ofertada pelo espaço se aproximou dos objetivos primeiros do centro e que a institucionalização do Graça contribuiu para que as atividades fossem mais recorrentes e mais vinculadas à comunidade negra da cidade. Além disso, percebe-se também um protagonismo de ações organizadas por e/ou para mulheres da comunidade negra no Graça.

Figura 39: colagem de eventos protagonizados por mulheres



Fonte: rede social do Graça, adaptado pela autora.

Dentre esses eventos, aqueles com temáticas voltadas para a questão da mulher negra se deram mais de uma vez ao longo da gestão atual, sendo: em 2020, o projeto *Negras Poetas: dando o ar da Graça*, aprovado pelo Programa de Ocupação que, em edição remota, apresentou poesias de autoras negras em uma série de vídeos; a Live Palestra *O olhar feminino negro na cena*, com a artista docente Rubia Bernasci, promovida pelo Graça dentro do evento *#DezembroNegro*.

Em 2021, a oficina *Mulheres e Cultura Popular: Jongo e Samba de Roda*, com a mestre de bimba Fernanda Machado e a pesquisadora e capoeirista Silvia Freitas; a roda de conversa *A Representatividade da Mulher Negra no Rap*, com a artista Tássia Reis; a mesa redonda *Luta e Resistência das Mulheres Negras*, com Damires Pereira, Élide Abreu, Luci de Faria, Lúcia Helena Oliveira e Vanilda Honória.

Em 2022, a mesa redonda *Mulheres em todo lugar - Mulheres na capoeira*, com a presença de mestres, contramestres, instrutoras, alunas e pesquisadoras da capoeira; o evento *Transposição Musical: a vocalização da mulher negra, latina e caribenha no palco do Graça*, com performance de Natália Borges; a mesa redonda *Faces negras e o cotidiano*; a oficina *Mulherismos e Samba de Roda*, com a sambadeira de biloca Fernanda Lopes.

Figura 40: transposição Musical, 2022



Fonte: rede social do Graça do Aché.

Em 2023, a estreia do filme *Mulheres Congadeiras: contas de um rosário só*, de Lindaura Alves e Nara Sbrebow; os encontros *Saberes Ancestrais*, realizados em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação, em que mulheres eram convidadas para um diálogo sobre seus saberes, com objetivo de apresentar a comunidade como um lócus de saber.

Figura 41: estreia do documentário *Mulheres Congadeiras: contas de um rosário só*



Fonte: rede social do Graça do Aché - fotografia da autora.

Em 2024, a mesa redonda *Diálogos entre passado e presente: o efeito de mudança causado por mulheres pretas*, composta por Ivete Almeida, Babalorixá Oloirê Costa, Glaucia Matos, Ana Maria Simões e Isabele Tognetti, além de representantes do grupo de pesquisa AfroNutri.

Além dessas ações, destaca-se também a parceria do espaço com o projeto *Chá das Pretas*, que foi idealizado em 2018 por Susi Feoli⁹⁷, tendo como objetivo principal promover o reconhecimento de identidades negras e, sobretudo, femininas, que atuam em diferentes áreas, como cultura, saúde e educação. Além de organizar um evento anual⁹⁸, Susi busca incentivar a cultura e os espaços culturais da cidade por meio da produção de eventos e atividades especializadas.

Nesse sentido, Susi estabeleceu uma parceria com o Graça com o fito de contribuir para a formação de público do espaço. Em entrevista para pesquisa, ela contou que percebe a potência do Graça e que deseja que “as pessoas aprendam que lá é um espaço da comunidade negra” e que “as pessoas tinham que saber que existe esse lugar, e tinham que saber por nós”, já que, conforme Susi, o nome Graça do Achê vem de uma mulher “que veio de carnaval, de fazer comidas, de ter outras atividades e experiências, de tranças diferentes, ela veio com todo um arcabouço da comunidade negra de coisas que se poderia fazer e o espaço agrega tudo isso.”

A sensibilidade de Susi e o desejo de contribuir para o reconhecimento do Graça, fez com que o Chá das Pretas apoiasse e, também, propusesse eventos no espaço a partir de parcerias com grupos do movimento negro, como “o MONUVA, as Negras de Sucesso, as Negras de Planejamento e mulheres do congado”. As conexões que o Chá das Pretas estabeleceu ao longo do tempo foram compartilhadas com o Graça, oportunizando que mais pessoas pudessem conhecer o espaço.

Dentre os eventos realizados em parceria ou pelo Chá das Pretas, destacam-se, em 2023, a palestra e o lançamento do livro *Toda a verdade por trás da revista RAÇA*, com Aroldo Macedo, bem como a ação cultural que antecedeu o evento *Belezas do congado - um olhar sobre as indumentárias do congado*, um desfile das indumentárias dos congadeiros de Uberlândia. Em 2024, a primeira edição do *Encontro das Mulheres Negras Empreendedoras de Uberlândia e Região - EMUNEGRU* foi realizada por um coletivo de empreendedoras que, por meio de palestras e workshops, compartilharam suas vivências e saberes sobre empreendedorismo,

⁹⁷ Susilene Feoli, atriz, empresária, fundadora e membra do Grupo Teatral Di-Ferente, além de idealizadora do Chá das Pretas.

⁹⁸ O Chá das Pretas acontece anualmente e tem uma programação que conta com exposições, apresentações artísticas, bate-papo, palestra e homenagem a mulheres negras. Cada ano o evento tem um tema específico que norteia as atividades e homenagens a serem realizadas.

além de uma feira de produtos. Ainda em 2024, outra ação marcou muito o espaço: o evento *Mulheres de Resistência Falando de Potências* que contou com um bate papo sobre educação com Rosa Margarida, professora e especialista em Estudos Africanos e Afro Brasileiros e, a presença de Sueli Carneiro, com a palestra *Mulher negra na política, novos e velhos desafios*.

Figura 42: lançamento do livro *Toda a verdade por trás da revista RAÇA*, 2023



Fonte: rede social do Graça do Aché.

Figura 43: I EMUNEGRU



Fonte: rede social do Graça do Aché e do grupo Mulheres Negras de Sucesso.

Figura 44: Susi Feoli abrindo o evento Mulheres de Resistência Falando de Potências, 2024



Fonte: rede social do Graça do Aché.

Dentre os registros das ações no Graça, destaca-se uma imagem muito simbólica, fotografada no evento *Mulheres de Resistência Falando de Potências*, que contou com a participação de Sueli Carneiro. A foto traz o registro do encontro, protagonizado por três mulheres pretas: Carneiro, socióloga feminista e ativista do movimento negro; Ivete Almeida, coordenadora do Graça; e Conceição Leal, uma das fundadoras do Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta - MONUVA e, segundo Antonia Rosa, "a matriarca do movimento negro" na cidade.

Figura 45: Ivete, Sueli e Conceição no evento *Mulheres de Resistência Falando de Potências*



Fonte: rede social do Graça do Aché.

O protagonismo feminino na coordenação e na organização de eventos no Graça reforça como a atuação de mulheres têm impactado a forma com que a comunidade se relaciona com esse espaço e demonstra como o legado de Maria da Graça se mantém vivo no Centro de Memória, continuado por mulheres que estão à frente de movimentos sociais e/ou culturais e que estabelecem o compromisso de preservar a memória e os costumes de suas comunidades.

O sonho de que o Graça seja um local de referência para a comunidade negra, com a realização de eventos plurais que possam acolher as demandas dessa comunidade foi compartilhado por todos os entrevistados por essa pesquisa e, ao que parece, têm se consolidado a partir da gestão e atuação de mulheres como Antonia, Ivete, Susi e Conceição.

Em entrevista concedida para a pesquisa, Ivete compartilhou que estar em um local como o Graça é algo que sempre pensou, porque acredita que seja “um espaço que abre portas” e que possibilita mostrar para as pessoas “que elas têm caminhos, que elas são maravilhosas, que essa cultura é incrível. Que tem pessoas que também vêm do mesmo lugar e que estão fazendo coisas incríveis.” Espaços como os novos museus sociais, pontos e centros de memória

não são apenas representações da sociedade, são também projetos, sonhos e desejos de outro mundo, quiçá de um mundo melhor; sendo construções, eles são também construtores de realidades e de subjetividades individuais e coletivas. Os museus são (ou podem ser), aqui e agora, distopias, utopias e heterotopias (Chagas e Pires, 2018, p. 292).

Quando questionadas sobre sonhos futuros para o Graça, além de que ele seja cada vez mais apropriado pela comunidade, Antonia e Ivete compartilham do desejo de que o local seja expandido, já que está ao lado de um terreno vazio; as coordenadoras percebem que mais atividades poderiam ser realizadas se tivesse mais espaço. Segundo Ivete, “o sonho é esse, que o Graça se estenda pra lá, para ter uma biblioteca, um espaço de estudo [...] porque, por exemplo, os oficineiros usam o auditório, então quando nós temos evento não pode ter oficina”.

Outro desejo apontado por Antonia é de que o Graça “nunca mais feche” e que a gestão esteja sempre a cargo de uma pessoa empenhada e dedicada em fazer o espaço crescer cada vez mais, para que “o coração do Graça pulse bem forte, para que não corra esse risco de fechar”. Sobre futuras gestões do Graça, Ivete compartilhou que

"UM PROJETO DE MULHER PRETA"

ficou essa ideia de que o Graça é um projeto de mulher preta. E que seria muito bom que tivessem mulheres pretas guiando esse espaço. E na cidade você vai ouvir muitas pessoas dizendo que o movimento preto aqui é muito desunido, que as pessoas são desunidas, mas na verdade é muito organizado, e as mulheres têm força. [...] Existe esse desejo que esse espaço tenha uma mulher preta. Espero que a próxima coordenação também seja uma mulher preta pra manter mesmo esse espírito da Maria da Graça.⁹⁹

Esse desejo de continuidade reforça como o legado de Maria da Graça está presente no espaço e demonstra como a atuação dessas mulheres têm contribuído para a formação de um equipamento cultural que é apropriado pela comunidade. Essa apropriação contribui para a construção simbólica do território do Graça, já que, conforme Chagas e Pires (2018, p. 296), o território já não seria o edifício do espaço de cultura, "mas sim a sua área de abrangência".

O estudo do Graça aponta, assim, para a existência de um protagonismo feminino na construção do território e na atuação frente à movimentos sociais e comunitários, já que estas

zelam por si mesmas, pela família, ambiente doméstico e estendem esse labor para o ambiente público que as cerca. Considero que as mulheres assumem essa postura central porque a sua relação com o ambiente doméstico e comunitário, ainda que trabalhem fora de casa, é mais forte à masculina, até mesmo pela própria construção social sobre o papel feminino. Essa relação ou ligação com a família e o território as impulsiona a gerir tais espaços (Pires, 2018, p. 115).

Os desafios encontrados pelas mulheres se transformam em frentes de luta em suas trajetórias de vida e, ao elaborar um percurso histórico do Graça, foi possível reconhecer um protagonismo feminino que nasce antes mesmo de sua construção. O legado de Maria da Graça se faz presente na atuação de Antonia e Ivete, estendendo-se não só nas coordenações, mas também na ação cultural desse espaço. Com suas atuações, articulou-se o sentido de comunidade no Graça, que ganha potência ao afirmar e legitimar essas identidades a partir de eventos que alinham as lutas feministas e antirracistas.

É importante ressaltar que o papel das mulheres negras no processo de

⁹⁹ Ivete Batista da Silva Almeida, 2024, Uberlândia, MG, 28 de fevereiro de 2024. Entrevista concedida a mim.

formação cultural brasileiro tem início no Período Colonial, a partir da figura da *mãe preta* que, segundo Lélia Gonzalez (2020, p. 42-23), africanizou o português em *pretuguês* e, conseqüentemente, foi responsável pela “africanização da cultura brasileira”. Se “levamos em conta a teoria lacaniana, que considera a linguagem como o fator de humanização ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatamos que é por essa razão que a cultura brasileira é eminentemente negra”. Essa africanização se dá apesar do racismo e de suas atuações contra a população negra, em que a mulher negra é submetida às formas mais violentas de superexploração e alienação. Consoante Gonzalez (2020, p. 48-50), a partir da violência, dá-se uma dialética em que surgem as “estratégias de que ela se utiliza para sobreviver e resistir numa formação social capitalista e racista como a nossa”. A mulher negra é, então, a “portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder”.

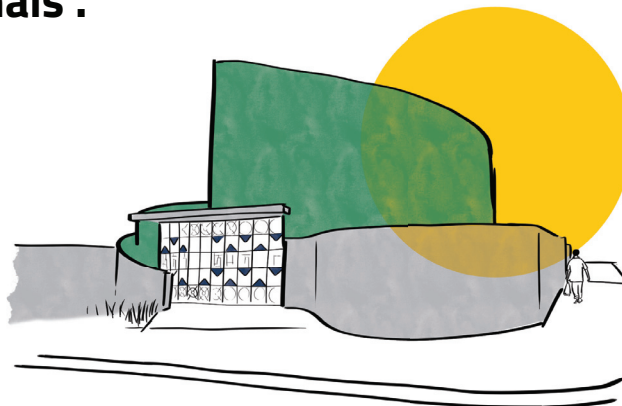
Essenciais à formação cultural brasileira e cada vez mais protagonistas na cultura e na política, a mobilização das mulheres negras tem se “constituído em força motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil” (Carneiro, 2019, p. 288). Compreendendo o combate ao racismo como prioritário, sua atuação não “se dispersa num tipo de feminismo que a afastaria de seus irmãos e companheiros”, desempenhando assim um papel importante na luta por suas comunidades (Gonzalez, 2020, p. 49).

Gonzalez (2019) afirma que, fundado a partir de uma experiência histórico-cultural comum, o feminismo negro se diferencia das concepções ocidentais pelo sentido da solidariedade e por uma luta que se constitui a partir do movimento negro e não a partir do movimento de mulheres, já que se alia, principalmente, ao combate às questões raciais que afetam não só as mulheres negras, mas a comunidade negra como um todo. Daí também se forma seu protagonismo expansivo na luta por suas comunidades, à frente de movimentos sociais, políticos e culturais.

Na trajetória do Graça, é possível identificar esse protagonismo feminino, dado que o espaço é fruto de reivindicações de Maria da Graça, doméstica, carnavalesca, congadeira e mulher preta, e tem sido potencializado por outras, como Antonia e Ivete. Esse percurso demonstra como a presença e a articulação de mulheres pretas no Graça fez com que ele estabelecesse relações com a comunidade negra, seus movimentos culturais, sociais e políticos, contando com uma programação que alia as lutas feministas às antirracistas e, ao integrar a comunidade, possibilita a construção de novas perspectivas sobre as questões raciais e de gênero vivenciadas por esses sujeitos.

considerações finais .

alinhando ideias



Como uma colcha de retalhos, essa investigação se constituiu de pequenas-grandes histórias que foram a mim confiadas ao longo desta pesquisa. Notar como o *corpus* dessa dissertação se compõe, principalmente, das informações compartilhadas nas entrevistas realizadas ao longo de dois anos, reforça como os documentos físicos não suportam as transformações e os desafios vivenciados por todas as partes que formam um espaço de cultura.

O processo desafiador a que se propôs esta pesquisa, o de investigar a atuação do Graça do Aché, retoma o que afirma o historiador francês Jacques Le Goff (1994, p. 8) acerca da monumentalidade dos documentos:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (Le Goff, 1994, p. 548-549).

A falta de documentos que pudessem contribuir significativamente para a reconstituição do percurso histórico do Graça não deve ser desvinculada das dinâmicas de poder que envolvem a preservação ou não de certos documentos, principalmente quando vinculados à história da comunidade negra. Esses apagamentos se inserem em contextos políticos, econômicos e sociais que devem ser considerados. Onde estão os documentos do Centro de Memória da Cultura

Negra Graça do Aché? Como se faz um centro de memória que tem lacunas em sua própria história? Essas foram outras perguntas que surgiram ao longo da pesquisa.

Le Goff (1994, p. 541) afirma que "a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem". Na falta de documentação, as entrevistas possibilitaram reconstituir aspectos do percurso histórico do Graça e, também, reconhecer, na fala dos gestores, como esse espaço tem se aproximado cada vez mais da sua missão de promover "ações que preservem os valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira", além de atuar como "instrumento de fomento à superação das desigualdades raciais e desenvolvendo de atividades educacionais e culturais direcionadas à comunidade negra de Uberlândia e região".¹⁰⁰

Longe de firmar uma história completa, as informações reunidas ao longo desta dissertação demonstram as discontinuidades que se deram no Graça desde sua inauguração, em 2002. O que se apresenta contribui para formular uma nova questão: como estabelecer uma continuidade em um espaço que muda de perfil a cada gestão? A leitura da história apresentada demonstra como o Graça vive em constante processo, em permanente transformação.

Dentro desse percurso histórico, foi possível reconhecer um protagonismo feminino nas gestões mais ativas do espaço e, também, no desenvolvimento de atividades voltadas a questões da mulher negra. Abordar esses protagonismos é uma forma de dar visibilidade às mulheres que trabalharam como pilares na formação de público do Graça e que dão continuidade ao legado deixado por Maria da Graça.

Ainda que seja inegável a importância da articulação dessas mulheres, faz-se pertinente assinalar que elas encontram suporte em uma comunidade que vem lutando por seus direitos e pela constituição de uma cidadania da população negra em Uberlândia. Foram os esforços de membros da comunidade negra, principalmente vinculados ao congado e ao carnaval, que impediram que esse espaço ficasse totalmente inativo, dentre eles: Mestre Sardinha, Jeremias Brasileiro, Ramon Rodrigues e Ubiratan Castro.

Desse modo, em contrapartida às discontinuidades e aos desafios de gestão, tem-se uma comunidade que, cada vez mais, ocupa esse espaço, sendo essa a chave para a continuidade do Graça. Longe de serem objetos de estudo, os participantes da pesquisa são os sujeitos ativos que constroem a história desse

¹⁰⁰ Regimento Interno do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, art. 6.

lugar e, principalmente, como diria Antonia Rosa, mantiveram e mantêm o “coração do Graça” pulsando.

Os encontros possibilitados ao longo da pesquisa não apenas serviram de suporte para reconhecer o percurso do Graça, mas possibilitaram o reconhecimento de uma comunidade que, frente a dilemas e questões enfrentadas, atua e se fortalece em rede. Dos ternos de congado às escolas de samba, o sentido de comunidade é evidente. Ao contarem a história que lembram do Graça, quase todos os participantes da pesquisa se referiam a outros participantes, mesmo sem saber qual era o grupo de entrevistados, o que assinala a atuação em rede desses membros. As falas desses sujeitos revelam “que é da força da autoestima, do reconhecimento da própria autonomia, dos exemplos, da conquista da memória e da ação coletivas que se extrai a seiva da resistência. A saída se dá pelo coletivo, onde o cuidado de si e o cuidado do outro se fundem na busca da emancipação” (Carneiro, 2023, p. 13).

Também foram pertinentes as contribuições da museologia social, pois, a partir destas, foi possível perceber no Graça a potência de um espaço-rizoma, uma vez que nele encontram-se características favoráveis à constituição de espaços emancipatórios, essenciais à museologia social. O Graça articula as relações entre os sujeitos, suas culturas e o território ao reconhecer a importância da comunidade à qual ele serve, ao ser coordenado por representantes da comunidade negra, ao consolidar uma programação que se volta à cultura negra, além de propor uma atuação horizontal, em parceria com seus grupos culturais e com a comunidade.

Aproximar o Graça à museologia social possibilita reconhecer suas ações em consonância com as propostas da nova museologia. Ainda, contribui para nortear a construção de um plano de ação que: possibilite a participação comunitária, considerando que o principal acervo do Graça é a memória da comunidade negra de Uberlândia e região; opere a partir da horizontalidade e da colaboração, favorecendo que haja maior envolvimento da comunidade; e estimule o pensamento crítico e a reflexão acerca da importância no resgate da memória e da cultura negra na cidade.

Por fim, a pesquisa se mostra valiosa ao inaugurar um esforço de reconstituição de sua história para entender sua vocação atual, alinhada aos desenhos e às necessidades da comunidade. Buscar novas perspectivas e promover discussões sobre a missão do equipamento cultural será fundamental para consolidar sua identidade e aprofundar sua relação com a comunidade, visando a um futuro em que o Graça se torne um lugar ainda mais participativo, colaborativo e reflexivo, estabelecendo conexões entre o passado, o presente e o futuro da comunidade negra em Uberlândia e região.



referências

Almeida, Ivete B. S. **Carnaval, mulheres negras em movimento e representações sociais: o lugar do Bloco Achê na memória da cidade de Uberlândia** In: MISSIAS-MOREIRA, Ramon; ALMEIDA, Ivete B. S.; COLLARES-DA-ROCHA, Julio Cesar C. (Orgs). *Perspectivas interdisciplinares sobre Representações Sociais – volume 1*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 39-55.

Andrade, Marco de. **Em torno de um círculo: tudo é devorado como arte – o circuito em Uberlândia se fecha e anuncia seu fim**. Correio, Uberlândia, 25 mai. 1996. Revista, p. 24.

Borela, Paula M. **Instâncias de legitimação: uma visão sobre o circuito de arte em Uberlândia**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017.

Brasileiro, Jeremias. **Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural, 1996 - 2006**. Jeremias Brasileiro – Uberlândia, 2006, 74 fl.

Camargo, Ana Maria; Goulart, Silvana. **Centros de memória: uma proposta de definição**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. 112 p. ISBN 978-85-7995-164-0

Carneiro, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Carneiro, Sueli. **Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro**. In: Hollanda, H. B. de (Org.) (2019). *Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto*. Bazar do Tempo.

Chagas, Mário de Souza; Abreu, Regina. **Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social**. MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, n. 3, p. 130-152, 2007.

Chagas, Mário de Souza. **Lugares de reflexão: museus como conectores de culturas, tempos, pessoas e grupos sociais**. Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013. v.1, p. 38-53.

Chagas, Mário de Souza. Assunção, Paula. Glas, Tamara. **Museologia Social em Movimento**. Cadernos do CECOM, 2013.

Chagas, Mário; Pires, Vladimir (orgs.). **Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade** – Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. 308 p.; 23 cm. – (Coleção Museu, Memória e Cidadania)

Chauí, Marilena. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, 2008.

Fundação Cultural Palmares - Projeto de Construção do Graça. Fundação Cultural Palmares. [documentação concedida por meio da Lei de Acesso à Informação], 2023.

Gestão cultural / Antonio Albino Canelas Rubim, organizador. - Salvador: EDUFBA, 2019. 226 p. : il. - (Sala de aula; 13) ISBN 978-85-232-1893-5

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

História dos murais do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Achê, em Uberlândia: "Orixá Oxalá" (2009). Wilson Filho Ribeiro de Almeida. [texto e imagens concedidas a mim] - 2024.

Le Goff, Jacques. **Documento e monumento**. In: História e memória. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: EdUNICAMP, 1994.

Lopes, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. **Uberlândia: história por entre trilhas, trilhos e outros caminhos**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2010. ISBN 978-85-7078-240-3.
<https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-240-3>

May, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Meirelles, Lídia Maria. **Museus Universitários e Políticas Públicas: gestão, experiências e dilemas na Universidade Federal de Uberlândia, 1986-2010**. Lídia Maria Meirelles - 2015. 314 f. il.

Moreira, Carlos Cezar. **A discriminação racial do negro em Uberlândia**. Carlos Cezar Moreira - 1990.

Oliveira, Rosyane. **Carnaval: da festa popular à regulamentação - Uberlândia 1983 a 1997**. Rosyane Oliveira - 1999.

Paiva, Ana Victória G. **Quintal das fitas: a cultura negra e a vivacidade do bairro patrimônio**. Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Uberlândia, 2023.

Pazin, Marcia. **A importância dos centros de memória para as instituições e para a sociedade**. 2015. Itaú Cultural. Disponível em:

<https://www.itaucultural.org.br/a-importancia-dos-centros-de-memoria-para-as-instituicoes-e-para-a-sociedade>. Acesso em 08 jan. 2024.

Pires, Carolina Câmara. **A participação das Mulheres na Construção do Horto**. In: A participação das mulheres na construção do território: Rocinha e Horto / Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, Museu Sankofa Memória e História da Rocinha, Museu do Horto, [organizadores]. – Rio de Janeiro : Inês Gouveia, 2018.

Prado, Patricia Jeorgina Marques de Faria. **Bairro Roosevelt / Uberlândia – entre suas curvas e retas, o Ideário Moderno de J. J. Coury e as transformações ao longo do tempo**. 2021. 219 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

Registros - Projeto Polo UFU Arte na Escola no Graça do Aché. Eliane Tinoco [registros concedidos a mim] - 2024.

Santos, Fernanda. **Negros em movimento: sentidos entrecruzados de práticas políticas e culturais, Uberlândia (1984-2000)**. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

Santos, Milton; Becker, Bertha (orgs). **Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

Santos, Milton; Silveira, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473 p.

Santos, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da USP, 2006.

Santos, Milton. **O espaço do cidadão**. Milton Santos. - 2. ed. - São Paulo: Nobel, 1993 - (Coleção espaços)

Santos, Milton. **O retorno do território**. In: **OSAL : Observatorio Social de América Latina**. Año 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires : CLACSO, 2005.

Silva, Antônio Pereira da. **História do Carnaval de Uberlândia**. Iconography, Uberlândia-MG, 2007.

Simas, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Vaz, Lilian Fessler. Seldin, Claudia. **Culturas e resistências na cidade**. Rio Book's - 1ª Edição, 2018.

Vergès, Françoise. **Decolonizar o Museu: programa de desordem absoluta**. Françoise Vergès; traduzido por Mariana Echalar. São Paulo: Ubu, 2023.

entrevistas

Antonia Aparecida Rosa, 2023. Uberlândia, MG, 23 de setembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

Eliane Tinoco, 2024. Uberlândia, MG, 06 de agosto de 2024 [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a mim.

Felipe Sant'Anna, 2024. São Paulo, SP, 27 de fevereiro de 2024 [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a mim.

Ivete Batista da Silva Almeida, 2024, Uberlândia, MG, 28 de fevereiro de 2024. Entrevista concedida a mim.

Jeremias Brasileiro, 2023. Uberlândia, MG, 26 de setembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

Luiz Carlos de Laurentiz, 2023. Uberlândia, MG, 15 de dezembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

Pedro Barbosa, 2023. Uberlândia, MG, 14 de dezembro de 2023. Entrevista concedida a mim.

Ramon Rodrigues, 2024. Uberlândia, MG, 09 de agosto de 2024. Entrevista concedida a mim.

Susilene Feoli, 2024. Uberlândia, MG, 17 de abril de 2024. Entrevista concedida a mim.

Wilson Filho, 2024. Uberlândia, MG, 21 de julho de 2024 [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a mim.

documentos legais e institucionais

Brasil. Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra (2013) – CNIRC. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/informacao-e-referencia/centro-nacional-de-informacao-e-referencia-da-cultura-negra-2013-cnirc>. Acesso em 13 de março de 2023.

Brasil. Relatório de gestão 2000. Fundação Palmares, 2000. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-acesso-a-informacao/arquivos/relatorio-de-gestao-2000.pdf>. Acesso em 25 de agosto de 2023.

Uberlândia. Decreto que registrou a Folia de Reis como Patrimônio Imaterial Municipal nº 16.836 – de 23 de novembro de 2016. Registro no Livro das Celebrações, Inscrição II, pág. 04.

Uberlândia. Lei que tomba a Igreja do Rosário como Patrimônio Histórico Municipal nº 4.263 - de 9 de dezembro de 1985. Registrado no Livro do Tombo Histórico, Inscrição V, pág. 07.

Uberlândia. Secretaria de Planejamento Urbano. Mapa base de Uberlândia.

Universidade Federal de Uberlândia. Regimento Interno do Graça do Aché. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSEX-2019-2.pdf>. Acesso em 13 de julho de 2023.

Universidade Federal de Uberlândia. Relatório PROEXC 2004-2008.

Universidade Federal de Uberlândia. Relatório PROEXC 2009-2012.

Universidade Federal de Uberlândia. Relatório PROEXC 2013-2016.

Universidade Federal de Uberlândia. Relatório PROEXC 2017-2020.

sites, notícias e reportagens

A terra é redonda. **Casas de cultura e ocupações culturais.** Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/casas-de-cultura-e-ocupacoes-culturais/#:~:text=Elas%20tinham%20o%20objetivo%20de,ao%20maior%20n%C3%BAmero%20de%20pessoas>. Acesso em 16 de maio de 2023.

Brasil. **Programa Saber Museu: Museologia social.** Ministério da Cultura, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-a-coes-obras-e-atividades/programa-saber-museu/temas/museologia-social>. Acesso em 13 de março de 2022.

Censo 2022: pretos, pardos e brancos em Uberlândia. G1, Triângulo Mineiro, 22 dez. 2023.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2023/12/22/censo-2022-pretos-pardos-e-brancos-uberlandia.ghtml>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

Comunica UFU. Santos, Itaína. **Reinauguração do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché.** 2022. Disponível em:

<https://comunica.ufu.br/ufu-em-imagens/2022/06/reinauguracao-do-centro-de-memoria-da-cultura-negra-graca-do-ache>. Acesso em: 10 ago 2022.

Comunica UFU. **Memória, identidade e resistência marcaram a abertura da Jornada dos 20 anos do Graça.** Universidade Federal de Uberlândia, 23 nov. 2022. Disponível em:

<https://comunica.ufu.br/noticia/2022/11/memoria-identidade-e-resistencia-marcaram-abertura-da-jornada-dos-20-anos-do-graca>. Acesso em 26 de julho de 2023.

Correio de Uberlândia. **Assuntos afro.** Jornal Correio, 3 de janeiro de 2001.

Dança de Salão "Graça do Aché": uma narrativa fotográfica possível. Isley Borges. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fLdv-fowrzw>. Acesso em 30 de março de 2023.

Em Cômodos. **Política dos Museus em Pedacos**. Periódico da Diretoria de Culturas [DICULT / PROEX / UFU], p. 8-10, 2005.

Fernandes, Bárbara. **Dicult revitaliza para a comunidade o espaço UFU Graça do Aché. PROEX - UFU, 2017**. Disponível em:
<http://www.proexc.ufu.br/acontece/2017/12/dicult-revitaliza-para-comunidade-o-espaco-ufu-graca-do-ache>. Acesso em: 10 ago 2022.

Graça do Aché. **Jornada Acadêmica e Artística dos 20 Anos do Graça do Aché**. Disponível em:
<http://graca20anos.s3-website-sa-east-1.amazonaws.com/#/>. Acesso em 11 de janeiro de 2023.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS – ICOM. **Ações do ICOM Brasil**. Disponível em:
https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura**. Disponível em:
<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/plano-nacional-de-cultura>. Acesso em 05 de janeiro de 2024.

Movimento internacional de museus e organizações de museus – MINOM. Disponível em:
<https://www.minom-portugal.org/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

Nova passarela do samba em Uberlândia deixa moradores insatisfeitos. Globoplay, 2023.
Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11347872/>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

Participantes da festa do Congado em Uberlândia são atacados com ovos jogados de prédio no Centro de Uberlândia. G1, Triângulo Mineiro, 10 jul. 2023. Disponível em:
<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2023/07/10/participantes-da-festa-do-congado-em-uberlandia-sao-atacados-com-ovos-jogados-de-predio-no-centro-de-uberlandia.ghtml>.
Acesso em 12 de dezembro de 2023.

Uberlândia 134 anos: trilhos para a prosperidade. Disponível em:
<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/08/08/uberlandia-134-anos-trilhos-para-a-prosperidade/>.
Acesso em 17 de agosto de 2023.

lista de figuras

- 18 Figura 1: mapa de equipamentos culturais da PMU
- 19 Figura 2: mapa de equipamentos culturais da UFU
- 20 Figura 3: Festival de Quadrilhas Juninas
- 21 Figura 4: Folia de Reis
- 21 Figura 5: Centro de Tecelagem de Uberlândia
- 30 Figura 6: mapa dos ternos de congado e escolas de samba de Uberlândia
- 43 Figura 7: fotografias da fiscalização da obra e projeto finalizado, 2001
- 44 Figura 8: planta do Graça, 2001
- 46 Figura 9: fachada Graça do Aché, 2024
- 46 Figura 10: acesso lateral Graça do Aché, 2024
- 47 Figura 11: marquise que liga volumes Graça do Aché, 2024
- 47 Figura 12: área externa que acessa a Benedito Martinelli, 2024
- 48 Figura 13: vista frontal da galeria pintada em amarelo, 2017
- 49 Figura 14: projeto urbanístico P. Roosevelt com marcador no Graça
- 49 Figura 15: percurso Bairro Presidente Roosevelt - Centro
- 52 Figura 16: bandeira *Grêmio Recreativo Bloco Aché*
- 54 Figura 17: Maria da Graça de Oliveira, Graça do Aché
- 57 Figura 18: linha do tempo Graça do Aché
- 60 Figura 19: postal 1 - agenda cultural do Graça, janeiro e fevereiro de 2007
- 61 Figura 20: postal 2: *UFUZUÊ* - programação mês de abril, 2007
- 61 Figura 21: logo Graça do Aché, 2007
- 63 Figura 22: Oxalufan e Oxaguian por Wilson Filho, 2009
- 64 Figura 23: convite *Congadas Desenhantes* e fotografias da exposição - 2010
- 67 Figura 24: reunião com professores do teatro, Polo UFU Arte na Escola, 2014
- 76 Figura 25: Antonia Rosa e Terno de Congado Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário
- 78 Figura 26: Ivete Almeida em entrevista para a TV Universitária
- 78 Figura 27: Flyer de mesa redonda com Ivete Almeida
- 79 Figura 28: palestra de Aroldo Macedo no Graça do Aché, 2023
- 80 Figura 29: desfile de indumentárias do congado, 2023
- 83 Figuras 30 e 31: Evento *BAFRO*, 2018
- 83 Figuras 32 e 33: *Festival Aya*, 2019
- 84 Figuras 34 e 35: *Festival Aya*, 2019
- 84 Figura 36: Divulgação *Os Negros Estão Aqui*, 2019
- 85 Figuras 37 e 38: divulgação *#Dezembronegro*, 2020
- 86 Figura 39: colagem de eventos protagonizados por mulheres
- 87 Figura 40: *Transposição Musical*, 2022
- 87 Figura 41: estreia do documentário *Mulheres Congadeiras: contas de um rosário só*
- 89 Figura 42: lançamento do livro *Toda a verdade por trás da revista RAÇA*, 2023
- 89 Figura 43: I EMUNEGRU, 2024
- 90 Figura 44: Susi Feoli abrindo o evento *Mulheres de Resistência Falando de Potências*, 2024
- 90 Figura 45: Ivete, Sueli e Conceição no evento *Mulheres de Resistência Falando de Potências*

***Além dessas figuras, foram inseridas ilustrações criadas pela autora ao longo do percurso da pesquisa.**

